

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CARLOS GARCIA RIZZON

**MEMÓRIA DE UM TEMPO CIRCULAR
NO TERRITÓRIO DE CARLOS FUENTES**

PORTO ALEGRE

2005

CARLOS GARCIA RIZZON

**MEMÓRIA DE UM TEMPO CIRCULAR
NO TERRITÓRIO DE CARLOS FUENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Literatura Comparada.

PROF^a. DR^a. MÁRCIA HOPPE NAVARRO

ORIENTADORA

PORTO ALEGRE

2005

À minha família, pelo apoio em todas as horas.
À Profª Drª Márcia Hoppe Navarro, pela atenta e segura orientação.
Aos colegas e professores do Curso de Mestrado da UFRGS, pela contribuição de suas idéias.
Aos velhos e novos amigos, pelo constante incentivo.
Aos colegas da Universidade de Santa Cruz do Sul, pela confiança no meu trabalho.
À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

Ao contrário da concepção linear do pensamento ocidental, o tempo mexicano, situado na tradição pré-hispânica, indica uma multiplicidade de tempos, possibilitando que variadas e distantes épocas sejam realidades presentes. Nesse enfoque, diferentes tempos da história mexicana incorporam a narrativa de Carlos Fuentes, onde é comum passado, presente e futuro estarem imbricados em circularidades que resgatam com a imaginação e a linguagem uma memória encoberta pelo discurso totalizador. Na sua obra, Carlos Fuentes percorre mitos, tempos e espaços através de uma escritura que traduz uma cultura mestiça construída por vertentes americanas e européias. No entrelaçamento da pluralidade dos mundos, descobre os acontecimentos do passado, introduzindo significações aos silêncios relegados à margem da história. Através das análises de “Las dos orillas” – conto do livro *El naranjo*; do romance *La muerte de Artemio Cruz* e de personagens que transitam nos contos de *La frontera de cristal*, são investigados três momentos da história mexicana: Conquista espanhola, Revolução mexicana e migrações da atualidade na fronteira. Desse modo, são exploradas possibilidades históricas disseminadas na produção de Carlos Fuentes.

ABSTRACT

Opposite to the linear conception of time in Western thought, Mexican time, originated in the pre-Hispanic tradition, encompasses a multiplicity of times, which renders possible for different and distant epochs to be present realities. From this perspective, different times of Mexican history are part of Carlos Fuentes's narrative, in which past, present and future are commonly combined in circularities which, through imagination and language, unveil a memory left aside by hegemonic discourse. Throughout his works, Carlos Fuentes goes through myths, times and spaces through a writing that translates a hybrid, mixed, culture built by American and European inheritance. By interweaving the plurality of these worlds, the author uncovers past happenings, introducing meanings to the silences banished to the edges of history. This dissertation examines three moments of Mexican history, which are represented in Carlos Fuentes's production: Spanish Conquest, Mexican Revolution and the present migratory process in the borderline of Mexico and USA. These moments are explored through "Las dos orillas", a short story from the book *El naranjo*; the novel *La muerte de Artemio Cruz* and the analysis of characters in the short stories of *La frontera de cristal*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 SOB O MOVIMENTO DO QUINTO SOL	12
2 MÉXICO: TERRITÓRIO REINVENTADO	22
3 O TEMPO FRENTE AO ESPELHO: REFLEXOS DE HISTÓRIA E FICÇÃO	33
3.1 Tempos de história e ficção	36
3.2 Entre máscaras e transparências	39
3.3 Câmbio de pele	42
3.4 O labirinto da Revolução	49
3.5 Um tempo de miragens	55
4 ENTRE MARGENS DA HISTÓRIA	59
5 CRUZANDO TEMPOS DE ARTEMIO CRUZ	70
6 NAS TRAVESSIAS DA FRONTEIRA	81
CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO: *LA EDAD DEL TIEMPO*

*Memoria y deseo son imaginación
presente. Este es el horizonte de
la literatura.*

Carlos Fuentes, *Valiente mundo nuevo*

Carlos Fuentes reúne a sua produção (os livros já escritos, os que estão em processo e os que ainda serão imaginados) em uma única obra mais ampla: *La edad del tiempo*, pois tem o tempo como eixo de toda a sua narrativa. Para isso, situa o tempo na história do México, reconfigurando o espaço da sua representação literária, pois, ao retomar o passado, busca memorizá-lo de maneira imaginativa, produzindo outros sentidos na reconstituição dos fatos através do desdobramento de relações antes situadas em vazios ignorados, relegadas às margens da história. Tania F. Carvalhal ressalta essa característica da literatura latino-americana:

Com efeito, as ficções latino-americanas têm-se pautado marcadamente pela possibilidade de reivindicar um passado a partir do presente, pela capacidade de repovoar os espaços por um resgate das origens que a colonização havia apagado. Daí a freqüência com que ficção e história se mesclam nessas produções do mesmo modo como nelas atuam imaginação e memória. Por isso, dirá Carlos Fuentes, “não devemos separar o que somos capazes de imaginar daquilo que somos capazes de lembrar.”¹

Recompondo o passado através da imaginação no presente, Carlos Fuentes faz a projeção do futuro a partir do desejo de hoje “mediante un entrelazamiento constante del movimiento con sus funciones: dar nombre y dar voz; recordar y desear”². Essas funções

¹ CARVALHAL, Tania F. Literatura comparada na América Latina: contribuição para novos paradigmas. In: LOSA, Margarida; SOUZA, Isménia de; VILAS-BOAS, Gonçalo (Orgs.). *Literatura comparada: os novos paradigmas*. Porto: Afrontamento, 1996, p. 465.

² FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 29.

revelam formas narrativas e reproduzem tempos e espaços que se encontram para fundar realidades pela imaginação, tal como fez Don Quixote ao entrar no mundo dos livros e sair de sua aldeia em La Mancha para percorrer um mundo imaginário. Quando Miguel de Cervantes confrontou imaginação e realidade, inaugurou o romance moderno, criando a diferença e a pluralidade nas percepções da sociedade. No mesmo caminho da linguagem polifônica, Jorge Luis Borges reuniu todos os espaços do mundo em “El Aleph” e multiplicou o tempo em “El jardín de senderos que se bifurcan”. Infinitude do universo e eternidade do tempo reunidos em “La biblioteca de Babel”, labirinto de palavras refletidas por espelhos, recordadas por Funes e recriadas por Pierre Ménard

sólo para hacernos sentir que el mundo de los libros está liberado de las demandas de la cronología o de la sucesión lineal: un autor, una biblioteca, un libro, significan todos los autores, todas las bibliotecas y todos los libros, presentes aquí, ahora, contemporáneos los unos de los otros no sólo en el espacio sino en el tiempo.³

Segundo Carlos Fuentes, aqueles que podem perceber a simultaneidade de obras de diferentes autores nos mais variados tempos são os leitores. Por sua vez, a leitura a partir de diferentes lugares em diferentes épocas possibilita uma pluralidade de leituras: “Un libro, un tiempo, un espacio, una biblioteca, un universo, pero muchos lectores, leyendo en muchos lugares y en muchos tiempos”⁴. É a experiência de leitura do leitor que possibilitará a releitura de uma obra em outra através de um caráter de produtividade. É essa compreensão do texto como um mosaico, uma construção polifônica, um território ocupado por quem o escreve e também por quem o lê, que constitui a noção de intertextualidade apresentada por Julia Kristeva: “todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla”⁵. Assim, pela intertextualidade, é construída uma rede de relações que constitui em um novo texto as leituras de textos anteriores, configurando no processo de escrita um processo de releitura e no processo de leitura um processo de reescrita, onde um texto sempre representa a leitura de outros textos.

Buscando a releitura de fatos do passado, Carlos Fuentes produz um diálogo entre literatura e história. Ao aproximar esses diferentes campos, os redimensiona, criando outros

³ FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 38-39.

⁴ *Ibidem*, p. 39.

⁵ KRISTEVA, Julia apud CARVALHAL, Tania F. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1999, p. 50.

sentidos de interpretação através de um movimento interdisciplinar. Para Maria Luiza Berwanger da Silva,

enquanto na leitura intertextual evidenciam-se reinvenções textuais consolidando identidades compartilhadas, na leitura interdisciplinar, a poética da oscilação de um ao outro campos aposta na prática de identidades redimensionadas. Diferentemente da questão intertextual, na questão interdisciplinar, a constante memória das fronteiras textuais, dos limites críticos e teóricos alterna-se entre o apagamento e o não-apagamento, a relação interdisciplinar sorvendo dessa hesitação justamente o lugar e o ato dos efeitos projetados sobre um e outro campos dispostos paralelamente.⁶

Assim, as fronteiras estabelecidas pelas disciplinas tornam-se porosas, possibilitando o trânsito entre os discursos em um espaço intervalar, um entre-lugar que congrega pontos de abertura para a multiplicidade, a diversidade, a alteridade. Esta é a prática interdisciplinar na literatura, que não desconsidera a existência de diferentes territórios de expressão cultural e artística, mas que busca interpretações outras na interação com diversas áreas de conhecimento.

É no âmbito da literatura comparada que essa questão do deslocamento das fronteiras disciplinares é focalizada como objeto de reflexão, como destaca Tania F. Carvalhal:

O comparatismo restituiu então à literatura uma posição central no campo cognoscitivo, pois, na prática interdisciplinar, a literatura é mais do que uma arte; sendo ela mesma uma forma especial de expressão, abre-se para outras formas de experiência humana acima de fronteiras disciplinares, tornando evidente que a rígida separação de disciplinas por especializações podem levar a um contraprodutivo e paralisante isolamento.⁷

Dessa forma, a especificidade trabalhada pela literatura comparada reside justamente na noção de intertextualidade e no caráter interdisciplinar, nas suas capacidades de colocar em relação seus objetos de estudo, situando-os no deslocamento, na mobilidade, na mediação, no *entre*. Para o comparatista importa, assinala Eduardo Coutinho, efetivar uma construção “em aberto”, em uma “viagem sem marcos definidos”, estabelecendo “um diálogo transcultural calcado na aceitação das diferenças”⁸. O trânsito entre textos e por diferentes áreas do conhecimento, artísticas ou não, realizado pela prática comparatista, relacionando o texto

⁶ SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Suave convívio: Literatura comparada e Psicanálise. In: MASINA, Lea; CARDONI, Vera (Orgs.). *Literatura e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.

⁷ CARVALHAL, Tania F. Interfaces e transições. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura comparada – interfaces e transições*. Campo Grande: UFMS, 2001, p. 14.

⁸ COUTINHO, Eduardo apud HOISEL, Evelina. A disseminação dos limiares nos discursos da contemporaneidade. In: CARVALHAL, Tania F. (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 47.

literário com outros discursos, possibilita a apropriação de diferentes métodos, conforme a exigência dos objetos em análise, permitindo leituras muito mais enriquecedoras.

Nessa perspectiva, apresento nesta dissertação uma análise da extensa produção de Carlos Fuentes, que enfoca a história do México desde as épocas pré-hispânicas até os dias de hoje. Para isso, faço um recorte do seu *corpus* literário para destacar três momentos da história mexicana: Conquista espanhola, Revolução mexicana e migrações na fronteira na atualidade. No desenvolvimento desses temas, serão analisadas as obras “Las dos orillas”, conto do livro *El naranjo*, de 1993; o romance *La muerte de Artemio Cruz*, de 1962; e *La frontera de cristal*, livro de contos publicado em 1995.

Em todos os capítulos aqui apresentados, perpassam as concepções de Octavio Paz, poeta e ensaísta que, através da sua obra, percorreu o espaço mexicano em um movimento incessante entre o passado e o presente, investigando antigas tradições indígenas, revisando acontecimentos e apresentando interpretações críticas na análise da história do México. Inicialmente, em uma proposta teórica, enfoco o mito, o espaço e o tempo constituídos dentro da cultura mexicana. No capítulo “Sob o movimento do quinto sol”, percorro elementos das mitologias que fizeram parte dos conhecimentos das antigas civilizações mexicanas e que, redimensionadas mas sempre presentes, enterradas ou desveladas, formam a tradição cultural mexicana. O mito é apresentado a partir de conceitos de Mircea Eliade e contextualizado na memória mexicana através de estudos de Enrique Florescano. A introdução das significações mitológicas na literatura possibilita interpretações reveladas pelo conceito de mito literário apresentado por Philippe Sellier. Em “México: território reinventado”, caracterizo diferentes percepções sobre o México, território reconfigurado por diferentes civilizações e sociedades. A idéia de invenção da América preconizada por Edmundo O’Gorman desconstrói o sentido de descobrimento difundido pelo discurso europeu. Da mesma forma, Hommi Bhabha questiona o sentido da homogeneidade da nação moderna, e Walter Mignolo ressalta o lugar de enunciação dos discursos, desarticulando cânones e tradições estabelecidos pela Europa. “O tempo frente ao espelho: reflexos de história e ficção” analisa os cruzamentos entre as áreas da literatura e da história a partir das reflexões apontadas por Paul Ricoeur sobre a temporalidade. Através desse enfoque, é apresentado o contexto histórico mexicano, com destaque para os períodos em que se situam as obras literárias a serem analisadas.

Nas análises das obras literárias, “Entre margens da história” trabalha com o conto “Las dos orillas”, onde a Conquista espanhola no território mexicano é reinterpretada para configurar uma Contraconquista e estabelecer outras relações entre América e Europa. Em “Cruzando tempos de Artemio Cruz”, são enfocadas trajetórias da personagem que lutou na Revolução mexicana, fez negócios, participou na política e fez fortuna por meio de especulações financeiras. Por fim, “Nas travessias da fronteira” destaca algumas personagens dos contos de *La frontera de cristal*, interpretando identidades situadas na fronteira do México com os Estados Unidos.

A narrativa de Carlos Fuentes entrelaça passado, presente e futuro para revelar outras verdades possíveis e tecer uma história sem fim constituída pelas vozes das margens, pela valorização das tradições culturais, pelo questionamento dos dogmas e pelo preenchimento dos vazios impostos pelo discurso totalizador. Sua escritura instaura um movimento circular que reúne as presenças da memória e do desejo no tempo mexicano.

1 SOB O MOVIMENTO DO QUINTO SOL

...insistirás en recordar lo que pasará ayer.

Carlos Fuentes, *La muerte de Artemio Cruz*

Uma impressionante estátua com mãos, caveiras e serpentes em relevo foi encontrada no dia 13 de agosto de 1790, quando operários realizavam obras e removiam o piso da Plaza Mayor, na Cidade do México. Tratava-se da representação de Coatlicue, deusa da terra, da vida e da morte. Semanas depois, em dezembro do mesmo ano, outro monolito foi descoberto em um lugar muito próximo. Era um disco em pedra denominado inicialmente como Calendário asteca, mas hoje conhecido como Pedra do Sol, escultura que representa a sucessão dos cinco sóis do mundo asteca. Na época, não havia estudos arqueológicos que evidenciassem a significação de tais imagens, mas suas presenças atemorizaram os governantes da colônia, tanto pela afronta ao sentido de beleza quanto à capacidade de despertar antigas crenças entre os indígenas. Após um breve período em exposição na Real e Pontifícia Universidade do México, Coatlicue voltou a ser enterrada no mesmo lugar de onde tinha sido removida. A Pedra do Sol também chegou a ser exposta, junto a uma das torres da Catedral, mas igualmente foi retirada da vista de todos pois, ao invés de representar a dominação da conquista espanhola, como era desejo dos governantes, estava avivando a memória dos indígenas. Durante os séculos seguintes, outros objetos e peças menores foram achados até que, em fevereiro de 1978, tal como quase 200 anos antes, trabalhadores descobriram uma enorme pedra esculpida. Desta vez era a deusa da lua, Coyolxauhqui, filha de Coatlicue e irmã de Huitzilopochtli, com seus braços e pernas desmembrados. Segundo crenças mitológicas, ao saber da gravidez de Coatlicue, Coyolxauhqui acusa-a de promíscua, pois não deveria gerar outros deuses. Huitzilopochtli nasce já adulto e, enfurecido pelos destratos de sua irmã, joga Coyolxauhqui do alto de um precipício. Foi a partir do achado da

escultura de Coyolxauhqui que começou o programa de pesquisa arqueológica Projeto Templo Mayor, podendo-se investigar como era a cidade de México-Tenochtitlán, destruída pelos conquistadores no século XVI, e dar-se início a novos estudos sobre a organização da civilização asteca. Para Carlos Fuentes, esses descobrimentos exigem os escritores de imaginar todo o passado, passado que é vivo e que se faz presente em cada mexicano. “Cualquier contacto con el pueblo mexicano, así sea fugaz, muestra que bajo las formas occidentales laten todavía las antiguas creencias y costumbres”¹, observa Octavio Paz. Na produção de Carlos Fuentes, além de referências a personagens e acontecimentos históricos, fazem-se presentes elementos míticos e concepções que alimentaram os rituais dos antigos mexicanos e que, como comenta Octavio Paz, são perceptíveis ainda hoje. São mitos que fazem parte de uma tradição constantemente recriada nas narrativas da vida contemporânea, e que Carlos Fuentes consegue captar e dramatizá-los na sua literatura.

Carlos Fuentes atenta: “no hay mito de la creación que no contenga la advertencia de la destrucción”². O ano de 1519, quando o conquistador espanhol Hernán Cortés desembarcou no Golfo do México, coincidiu com Ce Ácatl, ano do calendário asteca marcado para a volta de Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada, e o fim do período do Quinto Sol. Para Carlos Fuentes, “los grandes festivales del mundo azteca no eran sino la expresión externa, ceremonial, de un tiempo en el que la naturaleza y el destino se daban la mano, eran vividos como mito y, como mito, no sólo representados sino vitalmente creídos”³. De acordo com os relatos astecas recolhidos por Frei Bernardino de Sahagún, Quetzalcóatl exilou-se após embriagar-se e cometer incesto com sua irmã. Havia recebido de Tezcatlipoca, um deus que semeava discórdias, um espelho onde pôde ver não uma máscara protetora que imaginava possuir, mas sim suas feições humanas, tomando consciência então de que não era eterno, que envelhecia e que teria também um fim humano, o que provocou o seu desespero. Envergonhado por suas atitudes, como penitência abandonou sua cidade sagrada, Tula, seguindo até a costa, onde embarcou em uma balsa de serpentes e navegou em direção ao oriente⁴, prometendo regressar. Desde então, a cada 52 anos, período em que se repetia Ce Ácatl, o ano do seu nascimento, Quetzalcóatl era aguardado para iniciar um novo ciclo

¹ PAZ, Octavio. Nuevo Mundo y conquistas. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 83.

² FUENTES, Carlos. In: Jornal *Clarín*. Suplemento Cultura y Nación. Buenos Aires, 1 de março de 1990, p. 1.

³ _____. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997, p. 150.

⁴ Mantenho a descrição de Carlos Fuentes em *El espejo enterrado*, embora outros autores narrem que Quetzalcóatl, ao chegar na costa, imolou-se em uma fogueira e se transformou na estrela matutina.

cósmico. O seu retorno provocaria o fim do reinado de Huitzilopochtli, o deus que tinha guiado os astecas desde as terras hostis e desérticas do norte até o lago Texcoco, onde guerrearam contra povos ali assentados anteriormente. Conforme a lenda asteca, naquele local encontraram a visão anunciada por Huitzilopochtli: uma águia pousada sobre um cacto no momento em que aprisionava uma serpente pelo bico. Esse foi o lugar escolhido para erguer sua capital, México-Tenochtitlán, onde Huitzilopochtli, deus solar e da guerra, possuiu seu adoratório ao lado do adoratório de Tláloc, deus da chuva e da fertilidade, no alto da grande pirâmide do Templo Mayor, representando a dualidade vida e morte. Fundamentalmente, Huitzilopochtli e Tláloc eram opostos, porém complementários; e vida e morte eram inseparáveis: “La muerte mexicana es el espejo de la vida de los mexicanos”, escreve Octavio Paz. E o ensaísta e poeta mexicano acrescenta:

Para los antiguos mexicanos la oposición entre muerte y vida no era tan absoluta como para nosotros. La vida se prolongaba en la muerte. Y a la inversa. La muerte no era el fin natural de la vida sino fase de un ciclo infinito. Vida, muerte y resurrección eran estadios de un proceso cósmico, que se repetía insaciable.⁵

Conhecida por Quetzalcóatl pelos astecas, por Kukulcán pelos maias e por Gucumatz pelos quichés, a Serpente Emplumada, por influência dos antigos toltecas e sua cultura disseminada entre as civilizações que os sucederam, aparece na arquitetura de inúmeros edifícios, nas esculturas, nas pinturas e em outras artes por toda a região da Mesoamérica, representando uma personagem mítica que reúne em uma única figura um ser celestial criador dos seres humanos – a quem entrega o alimento divino, o milho – e um rei civilizador, herói cultural que ensinou a agricultura e governou a mítica Tula, a opulenta cidade da fertilidade e abundância, onde “las mazorcas de maíz eran tan largas que se llevaban abrazadas (...) y los vasallos de dicho Quetzalcóatl estaban muy ricos y no les faltaba cosa ninguna, ni había hambre”⁶. Diferentes civilizações em diferentes épocas procuraram reproduzir na construção de suas cidades os traços da prodigiosa Tula, seguindo o que Mircea Eliade formula como o Centro do mundo⁷, a projeção de um “ponto fixo” revelado por uma hierofania, isto é, pela manifestação de um ato sagrado. O centro ordena o cosmos, em oposição ao território desconhecido, o caos. Conforme o filósofo romeno, “o sagrado revela a realidade absoluta, e ao mesmo tempo torna possível a orientação, portanto funda o mundo, neste sentido que fixa limites e por consequência estabelece a ordem cósmica”⁸. A mais antiga cidade da

⁵ PAZ, Octavio. Todos santos, día de muertos. In: _____. Op. cit, p. 43.

⁶ SAHAGÚN, Frei Bernardino de. Apud FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 188.

⁷ ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

⁸ _____. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 44.

Mesoamérica foi Teotihuacán, lugar onde, segundo a mitologia asteca, os deuses se reuniram ao redor de uma fogueira para, através do sacrifício, criar o sol e a lua. O desenho urbano de Teotihuacán, dividido em quatro segmentos, reproduz as quatro direções do universo, e suas pirâmides caracterizam os três níveis verticais: inframundo, superfície terrestre e o céu, definindo o centro do espaço cósmico, ponto de união entre as diferentes partes do universo, e convertendo o espaço terreno em uma réplica da ordem sagrada que rege o mundo. Esse foi o modelo seguido pelos astecas para edificar México-Tenochtitlán e constituir seu império: “el espacio mayor, lo que constituía la extensión terrestre del llamado ‘imperio’ mexica [asteca], estaba dividido en cuatro grandes regiones repartidas en los cuatro puntos cardinales y unidas por un centro o quinta región: México-Tenochtitlán”⁹. A cidade ficava em meio ao lago Texcoco, que ia sendo aterrado aos poucos, formando pequenas ilhas interligadas por pontes e calçadas. Protegido pelo labirinto de canais e ilhas, no centro estava o Templo Mayor, espaço sagrado dedicado aos deuses Huitzilopochtli e Tláloc, de onde partiam quatro direções, quatro bairros que formavam o espaço profano, moradia dos homens e mulheres astecas, repetindo assim os princípios da organização do espaço cósmico. México-Tenochtitlán foi descrita com incredulidade por Bernál Díaz del Castillo, o cronista da conquista:

desque vimos tantas ciudades y villas pobladas en el agua, y en tierra firme otras grandes poblaciones, y aquella calzada tan derecha y por nivel cómo iba a Méjico, nos quedamos admirados, y decíamos que parecía a las cosas de encantamiento que cuentan en el libro de Amadís, por las grandes torres y cúes y edificios que tenían dentro en el agua, y todos de calicanto, y aun algunos de nuestros soldados decían que si aquello que vían, si era entre sueños, y no es de maravillar que yo lo escriba aquí desta manera, porque hay mucho que ponderar en ello que no sé cómo lo cuente: ver cosas nunca oídas, ni vistas, ni aun soñadas, como víamos.¹⁰

Cada governante que expandiu o domínio asteca e provocou a submissão de outros povos ao seu império ergueu uma nova pirâmide no Templo Mayor. Porém a construção da nova pirâmide dava-se sobre a antiga pirâmide, pois o centro era um espaço sagrado e não poderia ser deslocado. Encobrir a pirâmide anterior era uma forma de preservar o passado no espaço do inframundo, onde cada camada estaria inserida ao presente. Assim, o Templo Mayor de México-Tenochtitlán forma uma construção dividida em sete etapas sobrepostas, cada uma relativa a um governante, onde os diferentes estratos são partes integrantes de uma única pirâmide exterior.

⁹ FLORESCANO, Enrique. Op. cit., p. 127.

¹⁰ CASTILLO, Bernál Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Barcelona: Plaza y Janés, 1998, p. 179.

Na cosmogonia dos antigos mexicanos, criação e destruição repetiam-se através da sucessão de diferentes sóis. O primeiro tinha sido um Sol de Água, acabou afogado por uma inundação. O segundo era um Sol de Terra, que foi devorado por um tigre. O terceiro chamava-se Sol de Fogo, mas foi destruído por uma chuva de chamas. O quarto, o Sol de Vento, foi levado por um furacão¹¹. A cada desaparecimento de um sol, quebra-se a ordem do universo e sobrevém o caos. A cada surgimento de um novo sol, há uma repetição cíclica do que já existiu, um eterno retorno, como afirma Mircea Eliade, o “que mantém constantemente o mundo no mesmo instante inaugural do princípio”¹². Os astecas, herdeiros da cultura dos toltecas, viviam sob o Quinto Sol, o Sol do Movimento. Este sol exigia sacrifícios para manter o seu curso, voltar todos os dias e preservar o movimento do cosmos. Na sociedade indígena, a continuidade da vida só se daria mediante o sacrifício do sangue e dos corações humanos. Por isso foram organizadas “guerras floridas”, nas quais os astecas capturavam guerreiros de outros povos para sacrificá-los em oferendas aos seus deuses. Mircea Eliade observa:

entre os povos primitivos, não apenas os rituais têm seu modelo mítico, mas os atos humanos, sejam eles quais forem, adquirem uma tal eficácia, a ponto de repetir, com toda a exatidão, um ato praticado no começo dos tempos por um deus, um herói ou um ancestral.¹³

Para os antigos mexicanos, a criação do Quinto Sol provocou um funcionamento regular do cosmos: os dias substituindo as noites, as estações sucedendo-se uma após a outra, terra, céu e inframundo ocupando seus espaços, tudo sob a regência dos deuses. O movimento do sol definiu as direções do universo e estabeleceu uma associação entre espaço e tempo, direcionando o posicionamento dos templos (o Templo Mayor estava orientado de tal modo que no equinócio o sol passava pelo seu centro) e possibilitando a elaboração de um calendário. Com a observação do movimento cíclico do sol, os sacerdotes astecas podiam prever as transformações climáticas, precisar equinócios e solstícios, anunciar períodos de chuvas e determinar as tarefas agrícolas. O ano dividia-se em 18 meses de 20 dias, completando-se com cinco *días enmascarados**, período em que os astecas apagavam seus fogos, destruíam seus pertences de uso doméstico, limpavam suas casas, jejuavam e não realizavam nenhuma outra atividade importante. Nesses dias o tempo se detinha, e o ano

*Referência a títulos de obras de Carlos Fuentes.

¹¹ A sucessão entre os primeiros quatro sóis varia conforme a fonte. Alguns estudiosos identificam a mesma seqüência definida por Antonio de León y Gama, o primeiro a estudar a Pedra do Sol, ainda no século XVIII: terra, vento, fogo e água. Outros autores interpretam uma ordem diferente: vento, fogo, água e terra. Apresento aqui a seqüência descrita por Carlos Fuentes em *Los cinco soles de México*.

¹² ELIADE, Mircea. Op. Cit., 1992, p. 80.

¹³ Idem, p. 35

asteca sincronizava-se com o ano solar. Cada dia do calendário asteca era regido por um deus, assim como cada espaço estava associado a um mês ou dia definido. Desse modo as diversas cerimônias determinadas pelo calendário celebravam a fusão entre tempo e espaço, atualizando os princípios sagrados que governavam o universo. Essa atualização entrelaçava diferentes concepções do tempo: por um lado, buscava uma volta ao tempo primordial, tempo sagrado da criação cósmica, tornando os homens contemporâneos dos deuses; por outro, manifestava a idéia de desgaste e regeneração cíclica do cosmos, abolindo o transcurso do tempo. Enrique Florescano observa: “Según la concepción nahua [asteca] no hay diferencia entre pasado, presente y futuro, pues en ella esas categorías temporales, tan claras y diferentes para nosotros, forman un solo bloque, una secuencia ininterrumpida del acto creador”¹⁴. Dessa maneira, o passado estava sempre presente como momento da criação, não como acúmulo dos acontecimentos da vida humana, pois eles não possuíam significação linear no tempo. Da mesma forma, o presente era tão somente a realização do ato fundador, sem anterioridade e sem porvenir. E o futuro nada mais era do que o cumprimento das designações reveladas no ato da criação. A repetição do ato criador e o desejo de desvalorizar o transcurso do tempo provocam uma abolição da história, onde o caráter da individualidade humana é secundário, e a memória da coletividade é aistórica. Portanto, as cerimônias religiosas serviam às ideologias dos grupos dirigentes e a sua legitimação através da celebração cósmica do poder estabelecido.

Os astecas, povo guerreiro dedicado à caça, foram o último grupo a chegar à região central do México. Antes deles, vários outros povos desde muito tempo atrás já estavam assentados nessa *zona sagrada** do Vale do México. Depois de uma penosa peregrinação de mais de um século guiada pelo deus Huitzilopochtli a partir das terras áridas do norte, no ano de 1325 d.C. os astecas se estabeleceram em meio ao lago Texcoco. Ao se fixarem nesse território, após violentos enfrentamentos com os povos que ali estavam, procuraram identificar-se ao meio estranho que escolheram para desenvolver sua civilização e assimilar a cultura das antigas civilizações, que tinham criado os mitos cosmogônicos, estabelecido calendários e desenvolvido a agricultura. Apropriaram-se desses conhecimentos e os imbricaram com a sua cultura a tal ponto de os fazerem passar como originários deles mesmos. Enrique Florescano explica esse caráter do pensamento asteca:

¹⁴ FLORESCANO, Enrique. Op. cit., p. 140.

Los mexicas no inventaron el mito de la creación del cosmos, ni el del edén de la fertilidad, o el de la ciudad maravillosa, pues éstos y otros mitos fundadores habían sido creados antes por los pueblos sedentarios que les precedieron. (...) los mexicas simplemente recogieron estos mitos de tradiciones antiguas, los adaptaron a su cosmovisión y circunstancias propias, y los transmitieron como ellos los entendían, como relatos que revelaban el fundamento y la organización del mundo.¹⁵

A mitologia asteca tornou-se complexa com a incorporação de deuses alheios, adaptação de rituais a sua cultura e introdução e alteração de novos relatos. Ao chegarem ao lago Texcoco e erguerem México-Tenochtitlán, situaram sua origem na mítica Aztlán, cidade idealizada que contrastava com a paisagem desértica do norte. Desse modo, estariam completando um ciclo histórico pois, assim como Aztlán, a nova cidade também situava-se em uma ilha onde brotava de uma cova *agua quemada**, uma corrente de água dividida em dois arroios. A identificação do lugar da origem da peregrinação com o seu término justificava a invasão do território estrangeiro, pois estariam fazendo nada mais do que recuperar suas terras depois de uma migração circular. Dizendo-se descendentes dos toltecas, civilização que existiu entre 900 e 1100 d.C. e desenvolveu a base do conhecimento astronômico, agrícola e artístico iniciada por antigas civilizações, como olmecas e teotihuacanos, os astecas forjaram vínculos com as culturas sedentárias e agrícolas com a evidente intenção de diluir a memória e apagar a tradição dos povos conquistados.

Outro hibridismo asteca que teve o propósito de afirmar o seu poder refere-se ao mito da criação do Quinto Sol, onde é estabelecida uma oposição entre os povos sedentários e os caçadores. Na versão asteca, estavam os deuses reunidos ao redor de uma fogueira em Teotihuacán, e um deles deveria sacrificar-se para o surgimento do sol. Tecuciztécatl, deus rico e saudável, em alusão aos povos agrícolas, vestido com roupas de algodão e plumas de quetzal, ofereceu-se para o sacrifício, mas vacilou várias vezes em atirar-se às chamas. No entanto, Nanahuatzin, deus humilde e com o corpo cheio de feridas, em representação ao povo guerreiro, jogou-se no fogo na primeira tentativa, convertendo-se no sol e subindo ao céu. Depois de muita demora, Tecuciztécatl jogou-se, mas caiu no que já eram cinzas, transformando-se então na lua, que não ilumina tanto, pois apenas reflete a luz do astro solar. Esse mito expressa o novo poder estabelecido com a chegada dos astecas ao Vale do México. Eles assumiram a supremacia sobre os demais povos e disseminaram entre os conquistados o discurso de que eram uma civilização destinada a preservar a ordem cósmica. Essa ordem

¹⁵ FLORESCANO, Enrique. Op. cit., p. 205-206.

incluía sacrifícios humanos realizados em oferendas aos deuses nas celebrações religiosas, o que aterrorizava os povos submetidos aos rituais instituídos pelo poder asteca.

Foi pela força que os astecas se impuseram sobre os outros povos do Vale do México e, quando tiveram seu poder afirmado, redefiniram o seu passado adaptando os mitos a sua posição de superioridade. Os cronistas que, nos primeiros anos da conquista espanhola, registraram os relatos astecas tomaram essas versões distorcidas das narrativas de origem, diáspora e assentamento como acontecimentos históricos, provocando interpretações equivocadas sobre a cultura dos povos pré-colombianos que somente puderam ser contestadas a partir dos estudos arqueológicos desenvolvidos, principalmente, na segunda metade do século XX. As narrações astecas possuem significados dentro de um pensamento mítico, não como relato histórico, embora estejam situadas e se desenvolvam a partir de fatos históricos.

Conforme Enrique Florescano, “el mito no relata hechos históricos, ni explica la trama de la historia, pero sí se desentrañan sus contenidos y símbolos que lo expresan, arroja luz sobre zonas oscuras”¹⁶. Ao contrário da história, o mito não tem interesse em relação aos acontecimentos posteriores ao *in illo tempore* e, ao ser revivido através das cerimônias religiosas, converte-se em uma crença social compartilhada e transmitida de geração em geração, podendo haver variações de atores e mensagem, mas sem modificar seu núcleo original. Considerando uma perspectiva religiosa, Mircea Eliade propõe, de maneira ampla, a seguinte definição de mito:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como (...) uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser.¹⁷

A partir dessa definição, Pierre Brunel destaca três funções do mito¹⁸: “o mito é uma narrativa”, por meio de uma linguagem simples e atrativa, o mito relata a criação do universo. “O mito explica”, no sentido que ele responde de forma decisiva a uma questão. E, finalmente, “o mito revela”, remetendo à noção de história sagrada que aponta uma ontofania, uma concepção do ser. Se por um lado o mito é definido pelo seu caráter religioso, sob o

¹⁶ FLORESCANO, Enrique. Op. cit., p. 248.

¹⁷ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 35.

¹⁸ BRUNEL, Pierre. Prefácio. In: _____. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2000, p. XVI.

ponto de vista de quem adere ao mito, por outro, demonstrando o interesse sociológico de quem observa aqueles que aderiram, Claude Lévi-Strauss apresenta uma visão cética de sua enunciação:

Os mitos não têm autor: do momento em que são apreendidos como mitos e independentemente de sua origem real, eles só existem encarnados numa tradição. Quando um mito é narrado, os ouvintes individuais recebem uma mensagem que não vem de parte alguma; por essa razão lhe é atribuída uma origem sobrenatural.¹⁹

Para o antropólogo francês, os mitos nada dizem sobre a ordem do mundo, a origem do homem e seu destino. No entanto, eles apresentam muito sobre as sociedades de onde provêm, expondo suas crenças, costumes e, sobretudo, resgatando “modos de operação do espírito humano”. Estando os mitos “encarnados numa tradição”, Pierre Brunel constata que o “verdadeiro conservatório” dos mitos é a literatura, o que resulta ser o mito, também, literário, embora Lévi-Strauss considere a literatura uma “degradação” do mito. Mas ao menos duas propriedades, aponta Claude De Grève, são análogas entre mito e literatura: o caráter de imaginação e a aptidão à diversidade de significações. Procurando definir mito literário em relação à própria noção de mito, Philippe Sellier apresenta algumas caracterizações que se distinguem entre um e outro: mito é uma narração fundadora, relato de um acontecimento que se passou no tempo primordial; é uma narração anônima e coletiva por natureza; é tido como verdadeiro, ao contrário das narrações de ficção, como fábulas e lendas; ocupa uma função sócio-religiosa, propondo uma conduta moral e social; apresenta a ação dos heróis sem nenhuma dimensão psicológica; e coloca em evidência uma série de oposições estruturais. Já o mito literário não apresenta todas essas características. Este não é fundador; é considerado ficção e em princípio possui autoria. No entanto Sellier registra que mito religioso e mito literário compartilhem o mesmo substantivo, indicando pois características comuns: saturação simbólica, organização fechada e iluminação metafísica. Na tentativa de uma definição do que seja mito literário, De Grève aponta quatro elementos: a) forma de conteúdo em que este é um conjunto articulado, quase sempre uma narração, na qual um núcleo é transmissível e pode dar lugar a uma tradição, a transformações no tempo e no espaço sem deixar de ser ele mesmo; b) relação entre esse conjunto e o sobrenatural, ou ao menos o inexplicável que se situa na fronteira do sacro ou que procede de uma reivindicação do irracional; c) forma de expressão que escapa à consciência clara, deixando ao leitor uma relativa liberdade de interpretação do que é revelado; d) possibilidade de significações diferentes segundo as

¹⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. Apud BRUNEL, Pierre. Op. cit., p. XVII.

épocas, as culturas, os autores e os leitores como indivíduos²⁰. Essa noção de mito literário “renvoi à des mythes dont la littérature est le support, apparaît donc comme une catégorie fondée de la critique littéraire, donc de la littérature comparée”²¹.

A estátua de Coatlicue foi desenterrada de forma definitiva somente após a Independência do México, já na década de 1820. Foi colocada primeiramente em um canto no pátio da Universidade e depois jogada em um corredor como um objeto de curiosidade. Mais tarde ficou exposta em um lugar visível, como peça de interesse histórico e científico. Hoje ocupa lugar de destaque na sala da cultura asteca no Museu Nacional de Antropologia. As diferentes percepções da estátua de Coatlicue – deusa, demônio, monstro e obra de arte – indicam as mudanças de sensibilidade experimentadas no transcurso dos séculos. No entanto, Coatlicue continua sendo o bloco de pedra que causa impacto e provoca assombro, despertando não outra realidade, mas outra dimensão da realidade. Carlos Fuentes enfoca essa característica:

La escultura de Coyolxauhqui y la de su madre Coatlicue son formas artísticas que, aunque nacidas del mito, ya no cumplen una función religiosa. Se han convertido en parte de la imaginación artística, de tal manera que, más allá de sus orígenes sagrados, lo que hoy vemos es una composición artística moderna y ambivalente. La realidad se ha quebrado en varias partes, pero al mismo tiempo exige ser reunificada: ¿piden otra cosa las pinturas cubistas? Al imaginar a los dioses, estos escultores anónimos del universo indígena, igual que sus contrapartes góticas europeas, igualmente anónimos y también inspirados por la religión, crearon obras de arte intemporales, que pueden ser apreciadas fuera de su contexto religioso, en nuestro propio tiempo. La condición para lograrlo está enterrada en el corazón mismo de la creación artística. El verdadero artista no refleja la realidad: añade algo nuevo a la realidad.²²

Desde o descobrimento de Coyolxauhqui quase ao final do século XX, também o Templo Mayor de México-Tenochtitlán vive um outro ciclo da sua existência. Antes um centro cerimonial da cultura asteca, depois ruína arrasada pela conquista e encoberta pela construção da cidade colonial. Hoje museu a céu aberto onde as significações mitológicas de outros tempos retornam sob outras visões e interpretações, mas outra vez incorporadas à cultura mexicana.

²⁰ DE GRÈVE, Claude. *Éléments de littérature comparée: II Thèmes et mythes*. Paris: Hachette, 1995. p. 64.

²¹ Idem. p. 65.

²² FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997, p. 145-146.

2 MÉXICO: TERRITÓRIO REINVENTADO

Las geografías también son simbólicas: los espacios físicos se resuelven en arquetipos geométricos que son formas emisoras de símbolos. Llanuras, valles, montañas: los accidentes del terreno se vuelven significativos apenas se insertan en la historia. El paisaje es histórico y de ahí que se convierta en escritura cifrada y texto jeroglífico. Las oposiciones entre mar y tierra, llanura y montaña, isla y continente, selva y desierto son símbolos de oposiciones históricas: sociedades, culturas, civilizaciones. Cada tierra es una sociedad: un mundo y una visión del mundo y del trasmundo.

Octavio Paz, *Crítica de la pirámide*.

O espaço mexicano, no transcurso dos tempos, já se configurou por diferentes formas não só pela sua extensão e delimitações, mas também pelas suas múltiplas representações, estabelecendo relações cronotópicas que o caracterizam como um espaço intersticial, assim como a América Latina como um todo, conforme focaliza Nara Araújo:

En tiempos posnacionales, de migraciones y diásporas, de desterritorialización y reterritorialización, de entre-lugares e intersticios, de contaminación entre lo local y lo global, el espacio latinoamericano no se adscribe ya a un concepto fijo de geografía, ni a una temporalidad lineal, sino a una dispersión rizomática.¹

Alguns escritores, como o belga Serstevens na sua obra *Mexique à trois étages*², definem o território do México pela imagem de uma pirâmide, pois situa-se entre dois oceanos e possui um centro que se eleva a mais de 2.000 metros, formando patamares em

¹ ARAÚJO, Nara. Desterritorialización, posdisciplinariedad y posliteratura. Disponível em www.abralic.ufrgs.br. Acessado em 20/06/2004.

² Citado por Carlos Fuentes em entrevista a Marie-Lise Gazarian Gautier, publicada em HERNÁNDEZ, Jorge (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 147.

quatro direções. Justamente no centro encontra-se a capital, lugar do poder e das decisões políticas do país. Meio de transmissão da memória indígena, a pirâmide era igualmente a simbologia de mundo das antigas civilizações mexicanas, caracterizando o ponto central do cosmos. No plano vertical, indicava a comunicação entre o inframundo – espaço dos antepassados –, a superfície terrestre – espaço dos seres vivos – e o mundo celeste – espaço divino –, enquanto que o plano horizontal reproduzia as quatro direções cósmicas. Sua arquitetura era uma representação dos movimentos do sol. “Tiempo petrificado”, como denomina Octavio Paz, “un edificio hecho de tiempo: lo que fue, lo que será, lo que está siendo”³. Suas escadarias mediam os meses e os dias. O Templo de Kukulcán, pirâmide da cultura maia em Chichén-Itzá, por exemplo, possui 364 degraus que, junto com a plataforma superior, completam a medida do ciclo do ano solar. Espaço sagrado, a pirâmide era o lugar das principais cerimônias públicas. No alto, encontrava-se o altar dos sacrifícios, onde vítimas humanas tinham seus corações arrancados e jorrava o sangue que alimentava os deuses, assegurando a renovação e a continuidade da vida. Entre os astecas, a pirâmide do Templo Mayor conservava antigos simbolismos cosmogônicos, religiosos e políticos: a) era a metáfora de Tonacatépetl, montanha primordial que emergiu das águas no primeiro dia da criação; b) conservava no seu interior, como morada eterna dos antigos governantes, o poder dos antepassados; e c) era o cenário onde o *tlatoani*, o soberano, emitia as mensagens ao povo asteca. Era também símbolo do poder imperial, pois cada governante que estendeu o domínio asteca construiu uma nova pirâmide sobre a anterior. As sucessivas renovações, que comemoravam o engrandecimento do povo asteca, transformaram-se na memória da força conquistadora estabelecida por México-Tenochtitlán. Octavio Paz define: “La pirámide es el mundo y el mundo es México-Tenochtitlán: deificación de la nación azteca por su identificación con la imagen ancestral del cosmos, la pirámide”⁴.

A aparição do continente americano no âmbito da cultura ocidental, a partir de 1492, provocou uma outra configuração desse território. Para a tradição eurocêntrica, esse fato constitui o descobrimento de um mundo novo. Uma visão mais esclarecida propõe a idéia de encontro de dois mundos. Ou, recordando o massacre das civilizações pré-colombianas, representa o início da Conquista e a eliminação do mundo indígena como sujeito histórico. Porém a interpretação do historiador mexicano Edmundo O’Gorman sugere uma invenção da

³ PAZ, Octavio. Crítica de la pirámide. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 2. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 36.

⁴ Idem, p. 38.

América, pois foi necessário um longo processo para os europeus assimilarem o que era a barreira geográfica no caminho oceânico entre as extremidades da Ilha da Terra, a *orbis terrarum* que compreendia a Europa, a Ásia e a África, totalidade do mundo na concepção europeia da passagem da Idade Média para o Renascimento. Carlos Fuentes aponta: “Antes de ser tiempo, la historia moderna fue espacio”⁵. Conforme O’Gorman, América é a utopia inventada pela Europa, pois era o não lugar, *u topos*. Daí que “todo descubrimiento es un deseo, y todo deseo, una necesidad. Inventamos lo que descubrimos; descubrimos lo que imaginamos. Nuestra recompensa es el asombro”⁶. Cristóvão Colombo imaginou um novo caminho para as Índias e, quando chegou nas Antilhas, acreditou estar na Ásia, extremo oriente da *orbis terrarum*. Não conseguindo comprovar essa suposição, na sua terceira viagem, entre 1498 e 1500, concluiu ter encontrado o Paraíso Terrestre: “Y agora entre tanto que vengan a noticia d’esto d’estas tierras que hagora nuebamente e descubiert, en que tengo assentado en el ánima que allí es el Paraíso Terrenal”⁷. A exploração que fez Américo Vespúcio, nos primeiros anos do século XVI, permitiu considerar a existência de um *novo mundo* habitável e de fato habitado “por más multitud de pueblos y animales – diz Vespúcio – que nuestra Europa, o Asia o bien África”⁸. O pensamento da época concebia que Deus teria assinalado unicamente a Ilha da Terra como morada do homem. A presença de uma *orbis alterius* implicava uma pluralidade de mundos, inaceitável para os dogmas cristãos. Foi preciso uma mudança da concepção de mundo, compreendendo-o não mais como uma ilha, mas como todo o globo, incluindo os oceanos e todas as porções de terra. O’Gorman analisa:

Desde el momento en que se aceptó que el *orbis terrarum* era capaz de trascender sus antiguos límites insulares, la arcaica noción del mundo como circunscrito a sólo una parcela del universo benévolamente asignada al hombre por Dios perdió su razón de ser, y se abrió, en cambio, la posibilidad de que el hombre comprendiera que en su mundo cabía toda la realidad universal de que fuera capaz de apoderarse para transformarla en casa y habitación propia; que el mundo, por consiguiente, no era algo dado y hecho, sino algo que el hombre conquista y hace y que, por lo tanto, le pertenece a título de propietario y amo⁹.

No entanto, a consideração de um quarto continente, América – denominação surgida em 1507, mas reconhecida somente a partir do século XVII; até então utilizava-se o nome de

⁵ FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 52.

⁶ Idem, p. 59.

⁷ COLOMBO, Cristóvão. Relación del tercer viaje (1498-1500). In: VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: Los cuatro viajes*. Testamento. Madri: Alianza, 2000, p. 243.

⁸ VESPÚCIO, Américo. Apud O’GORMAN, Edmundo. *Invenición de América*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 124.

⁹ O’GORMAN, Edmundo. Op. cit., p. 140.

Índias –integra-se ao mundo em uma estrutura hierárquica que situa Europa em uma categoria superior, pois os europeus a estimavam

la más perfecta para la vida humana o, si se quiere, para la realización plenaria de los valores de la cultura. (...) [Europa] asumía la representación del destino immanente y trascendente de la humanidad, y la historia europea era el único devenir humano preñado de auténtica significación. En suma, Europa asume la historia universal, y los valores y las creencias de la civilización europea se ofrecen como paradigma histórico y norma suprema para enjuiciar y valorar las demás civilizaciones.¹⁰

O’Gorman critica a idéia de descobrimento da América para sustentar que os europeus a inventaram para realizar nela uma outra Europa sob a designação de Novo Mundo, não da maneira que Cristóvão Colombo e Américo Vesúcio imaginaram, como uma terra à parte do mundo até então conhecido, mas no sentido de que mundo era somente Europa, continente que possuía história e valores culturais. Dessa forma, América é introduzida na tradição ocidental como uma extensão européia a partir do modelo de pensamento e das formas de vida existentes na Europa. Assim como Cornejo Polar lembra que “há exatamente cinco séculos, o ocidente não cessa de ‘inventar’ a América”¹¹, para o historiador John H. Elliott, essas visões fazem-se presentes ainda hoje:

este nuevo continente era un continente imaginado, invadido, ocupado y desarrollado – explotado – por Europa, en tal grado que a pesar de todas las otras influencias – indígenas, africanas y asiáticas – que han colaborado en la formación de América, es posible decir que ha sido la influencia europea la que ha marcado a las Américas hasta nuestros días.¹²

Nessa concepção, o México colonizado inscreve-se na história como Nova Espanha, apagando seus traços originais e reproduzindo uma única forma de civilização preconizada pela cultura ocidental. Três séculos depois, ao constituir-se como nação independente, o nome da capital do império asteca é retomado para denominar o país. Considerando que o nome México evoca a idéia da dominação asteca sobre os demais povos que pertenciam ao mundo pré-hispânico, Octavio Paz observa uma linha de continuidade entre os tlatoanis astecas, os vice-reis espanhóis e os presidentes mexicanos pelo caráter da dominação. Para o poeta e

¹⁰ O’GORMAN, Edmundo. Op. cit., p. 147-148.

¹¹ POLAR, Antonio Cornejo. A invenção das nações hispano-americanas. In: _____. *O condor voa*. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 56.

¹² ELLIOTT, John H. ¿Tienen las Américas una historia común? In: Revista *Letras libres*. México D.F., junho de 1999, ano I, nº 6, p. 12.

ensaísta, “haber llamado al país entero con el nombre de la ciudad de sus opresores es una de las claves de la historia de México, la historia no escrita y nunca dicha”¹³.

Os movimentos de independência e formação dos estados nacionais na América Latina, durante o século XIX, projetaram, sob uma visão iluminista e apropriando-se de padrões franceses e estadunidenses, identidades nacionais totalitárias, monolíticas, representadas por um povo coeso, e determinadas a locais específicos, limitados a uma territorialidade fechada em um tempo homogêneo e linear. Assim, no México, durante o governo reformista do presidente Benito Juárez, na década de 1850, a herança indígena foi desprezada por ser considerada bárbara e inconveniente para a construção da nação mexicana. Benedict Anderson define a nação moderna como uma comunidade imaginada, cuja ideologia garante uma falsa noção de harmonia e unidade interna; ideologia representada por Homi Bhabha na metáfora *muitos como um*. Conforme Bhabha, a idéia de nação moderna nasce da vontade de nacionalidade muito mais do que nas identidades anteriores de raça, língua ou território, unificando uma memória histórica e esquecendo a violência no estabelecimento da nação. Sonia Torres, no seu estudo sobre as narrativas hispânicas produzidas dentro dos Estados Unidos, ressalta:

O elemento comum, na narração dos Estados-nação modernos, gira em torno de dois eixos principais: seus limites geográficos e uma língua nacional, pois, para que ficasse estabelecida uma ideologia de coesão e homogeneidade, era preciso que se enfatizasse a associação entre uma língua particular e unidades territoriais específicas. Para tanto, foi necessária uma produção de uma “amnésia” que apagasse da memória nacional as subculturas existentes dentro desses espaços nacionais, e suas línguas correspondentes, o que não impediu que elas continuassem existindo – e voltassem intermitentemente, no que poderíamos chamar de “retorno do reprimido”¹⁴.

Carlos Fuentes comparte dessa análise da formação da nação moderna, onde, na América independente, as culturas pré-colombianas, africanas e também ibéricas foram subjugadas e identificadas com o atraso, sendo adotadas leis de *uma* civilização e apagadas *nossas* civilizações. O escritor identifica na literatura a possibilidade de resgatar a vigência do passado e propõe o questionamento de um tempo único de escrever – tempo linear historicista dos eventos “relevantes” de uma continuidade – e do espaço horizontal fixo da nação moderna para recuperar as culturas reprimidas:

¹³ PAZ, Octavio. Crítica de la pirámide. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 2. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 39.

¹⁴ TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 20.

Que tiempo y espacio son conceptos relativos y creaciones del lenguaje. Que así como hay muchos tiempos y espacios hay muchos lenguajes para nombrarlos. Que el pasado tiene una presencia y que la literatura es la forma potencial donde tiempos y espacios se dan cita imaginaria, se conocen y se recrean. Variedad de tiempos – divergentes, convergentes, paralelos –; variedad de espacios – Tlön, Uqbar, Orbis Tertius –; variedad de culturas – azteca, quechua, grecorromana, medieval, renacentista –; y variedad de lenguajes para representar la variedad misma de tiempos, espacios y culturas.¹⁵

Bhabha assume essa mesma postura ao dizer que “precisamos de um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar”¹⁶. Essa perspectiva permite dispersar o tempo sincrônico e buscar na descontinuidade uma renovação do passado e uma outra configuração do presente, introduzindo a temporalidade do entre-lugar, território da fronteira entre o centro e a margem marcado pela diferença cultural e pela mestiçagem. Esse espaço liminar oferece a afirmação do discurso das minorias em processos de negociação que assinalam a alteridade e a reorientação na identidade e significação do *outro*, retribuindo ao centro “imágenes sobre sí mismo, que el centro nunca podrá producir”¹⁷. Esse caminho inverso é chamado *contraconquista*, termo cunhado pelo cubano Lezama Lima para designar o protagonismo da raça criada no continente americano: a raça mestiça.

A partir da recuperação de histórias reprimidas, renovam-se também os discursos em relação à história. No discurso histórico positivista, eram privilegiadas fontes documentais comprovadas em detrimento de outras fontes, como representações da vida cotidiana, crenças, sentimentos e atitudes das coletividades anônimas. Na tentativa de atingir um “relato verídico” por meio de conexões seriais e causais, surgiam lacunas não compreendidas no discurso tradicional totalizante, que excluía as diferenças e as minorias. Já na concepção historiográfica contemporânea, a escritura do passado não é conclusiva e acabada, mas sempre inovadora na medida em que está em atuação no presente. Como assinala Bhabha, “o presente da história do povo é (...) uma prática que destrói os princípios constantes da cultura nacional que tenta voltar a um passado nacional ‘verdadeiro’”¹⁸. E Cornejo Polar complementa:

¹⁵ FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 46.

¹⁶ BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 201.

¹⁷ ARAÚJO, Nara. Desterritorialización, posdisciplinarietà y posliteratura. Disponível em www.abralic.ufrgs.br. Acessado em 20/06/2004.

¹⁸ BHABHA, Homi. Op. cit., p. 215.

mais que inventadas, as nações são produtos instáveis de vastos e também instáveis exercícios sígnicos, genericamente discursivos, que socialmente costumam competir com os produtos elaborados por outros sujeitos sociais, da mesma maneira e sobre o mesmo assunto. (...) Radicalizando a proposta: as nações são feitas também (sobretudo?) de discursos.¹⁹

Dessa forma, o tempo presente no território da fronteira do México com os Estados Unidos não é um simples limite onde está erguida uma barreira de metal que avança mar adentro, dividindo dois países, mas sim um espaço marcado pelo trânsito de diferentes povos desde tempos passados até os dias de hoje. A extensão de mais de 3.000 Km dos limites entre México e Estados Unidos separa mais do que dois países. Demarca também o mundo desenvolvido e o não desenvolvido; o imperialismo econômico e a pobreza e a miséria. No entanto, ocupações, invasões, conquistas e migrações transcendem tempos e territórios, formando espaços fronteiriços interseccionados por múltiplas realidades:

Poucos lugares no mundo refletem tão vivamente as contradições de dois mundos em conflito permanente como a fronteira mexicano-americana. O resultado desses conflitos é uma fusão *sui generis* de imagens, símbolos, mitos e atitudes em processo contínuo de reordenamento. Os contrastes são infinitos: mariachis e surfistas, cholos e punks, ônibus de segunda e helicópteros eletrônicos, prostíbulos e vídeo-discotecas, santos católicos e monstros extraterrestres, favelas e arranha-céus de metal, touradas e futebol americano, anarquia popular e behaviorismo cibernético, puritanismo anglo-saxão e hedonismo latino²⁰.

Os habitantes desse território sempre chegaram de outros lugares. Os primeiros americanos foram os descendentes de tribos nômades que, provenientes da Ásia, cruzaram o Estreito de Bering, há cerca de trinta mil anos. Foi da desértica região da atual divisa entre México e Estados Unidos que partiram os astecas, no início do século XIV, para ocupar o lago Texcoco, onde hoje está construída a Cidade do México. Depois, no século XVI, os espanhóis liderados pelo estremenho Álvaro Núñez Cabeza de Vaca cruzaram o deserto em busca das mitológicas “Cidades de Ouro” dos indígenas, que não foram encontradas. Mas fundaram outras cidades: Los Angeles, Sacramento, São Francisco, Monterrey, San Antonio, Santa Fé, San Diego, Santa Mónica, Santa Bárbara...

Até as primeiras décadas do século XIX, essa região de rios secos e cactos solitários pertenceu à colônia espanhola. Com a independência mexicana, em 1821, tornou-se parte do México. Porém os mexicanos, enfraquecidos pela luta de independência e em fase de reconstrução nacional, não estavam estruturados para defender suas terras e, entre 1836 e

¹⁹ POLAR, Antonio Cornejo. Op. cit., p. 57-58.

²⁰ GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. Apud TORRES, Sonia. Op. cit., p. 30.

1853, perderam para o vizinho do norte metade do seu território. Primeiro com a rebelião texana, nos anos de 1835-1836. Depois com uma guerra direta contra os Estados Unidos, entre 1846-1848. O Tratado de Guadalupe Hidalgo²¹, que pôs fim à guerra em 1848, confirmou a perda do Texas, Novo México, Arizona, Alta Califórnia, Nevada, Utah e metade do Colorado. A pressão expansionista dos Estados Unidos seguiu durante toda a década de 1850, tendo ainda, em 1853, obtido cessões territoriais em Chihuahua, Sonora e Baixa Califórnia.

Com o domínio desses territórios por parte dos Estados Unidos, gerou-se um colonialismo interno, quando os “pioneiros” anglo-americanos empreenderam a “conquista do oeste”, exterminando indígenas e extraditando o mexicano, que ficou relegado às margens.

Hoje, por razões econômicas, trabalhadores mexicanos cruzam a fronteira em busca de emprego nas fábricas ou na agricultura, como *braceros*. A própria economia dos Estados Unidos os necessita, e alguns são contratados por empresários para realizarem atividades que nenhum estadunidense se dispõe a fazer. Outros, cruzando barreiras e atravessando desertos, tentam entrar ilegalmente para exercerem os mesmos serviços. Porém muitos outros morrem no caminho por não suportarem a implacável insolação, ou então, quando não são mortos pela patrulha da fronteira, são aprisionados e deportados.

Para esses mexicanos, que com coragem e determinismo arriscam a própria vida para atravessar a fronteira, esse território é uma cicatriz que expõe necessidade, medo e desespero. Na terra estrangeira, são discriminados, explorados, injustiçados e têm suas vidas nas mãos dos patrões e das autoridades. Juntamente com outros povos hispanos nos Estados Unidos, são tratados como minoria e rejeitados pela cultura dominante. No entanto, esta “minoria” não mais poderá ser designada como tal pois calcula-se que nos próximos 50 anos os Estados Unidos terão mais da metade da sua população falante da língua espanhola. Carlos Fuentes comenta:

el mundo hispánico no vino a los Estados Unidos, sino que los Estados Unidos vinieron al mundo hispánico. Quizás sea un acto de equilibrio y aun de justicia

²¹ Conforme observação de Sonia Torres sobre o estudo de Richard Griswold del Castillo, o Tratado de Guadalupe Hidalgo garantia cidadania americana àqueles mexicanos que optassem por permanecer do lado conquistado, mas estes sempre foram vistos como cidadãos de “segunda classe” e tiveram suas terras sistematicamente invadidas pelos “anglos”.

poética que hoy el mundo hispánico regrese tanto a los Estados Unidos como a una parte a veces olvidada de su herencia ancestral en el hemisferio americano.²²

Os limites territoriais, em alguns momentos vistos como definitivos, aparecem agora como fronteiras permeáveis, porosas e móveis, resultado da grande escala alcançada pela emigração. Dessa forma, as concepções críticas contemporâneas introduzem a ruptura ao sistema dos pressupostos universalistas preconizados desde a época das colonizações européias. Baseados no domínio do “conhecimento” e do “poder”, os europeus impuseram uma cultura caracterizada pela noção da unidade e homogeneidade, excluindo características próprias e individuais dos povos colonizados. O domínio imperialista construiu tradições e cânones que hierarquizaram o pensamento e estabeleceram dualidades valorativas, como universal e particular, centro e periferia, verdade e falsidade, civilização e barbárie, Novo Mundo e Velho Mundo. Desconstruindo essas prerrogativas binárias, as correntes do pensamento teórico-crítico contemporâneo evidenciam as fissuras do discurso totalizador e mostram a existência de diferenças situadas à margem do eurocentrismo dominante.

Discutindo o fenômeno histórico da colonização em relação a sua prática e efeito, a corrente de pensamento denominada teoria pós-colonial apresenta um contradiscurso, questionando social e politicamente a linearidade historicista e os limites da territorialidade da nação para revelar como sujeitos aquelas minorias que se diferenciam por raça, gênero e classe, assinalando assim outras possibilidades de sentido e estratégias de significação e novos signos de identidade. Nessa configuração de descentramento crítico, a compreensão da história da identidade de uma nação assume um lugar que contém, como propôs o crítico Homi Bhabha, “limiars de sentido que devem ser atravessados, rasurados e traduzidos no processo de produção cultural”²³.

O projeto pós-colonial propõe uma mudança radical da forma de produção teórica e intelectual imposta pelo sistema colonial. Como enfoca o crítico Walter D. Mignolo, a razão pós-colonial questiona o espaço intelectual da modernidade e “apresenta o contramoderno como um lugar de disputa desde o primeiro momento da expansão ocidental”²⁴, ou seja, desde o primeiro contato dos colonizadores com os colonizados. Nesse sentido, “precede e coexiste

²² FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997, p. 517.

²³ MIRANDA, Wander Melo. Nações literárias. In: *Revista brasileira de literatura comparada*, n. 2, 1994, p. 37.

²⁴ MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial. In: *Revista Gragoatá*, 2º semestre/1996, p. 9.

com as situações e condições pós-coloniais”²⁵, pois sua teoria surge como resultado da interação entre as culturas imperialistas e as culturas colonizadas.

Opondo-se à modernidade, que consolida os impérios coloniais europeus, pós-colonialismo e pós-modernidade são movimentos contramodernos que respondem a diferentes classes de heranças coloniais. Na crítica à modernidade, enquanto a pós-modernidade parte do discurso hegemônico da história ocidental, o conceito do pós-colonialismo ressalta a relevância do lugar de enunciação como resistência e oposição à história e às heranças coloniais. Daí então conectar os Estados Unidos à teoria pós-moderna, pois seu espaço contestatório dá-se pelas heranças do capitalismo e, como sugere Mignolo, “por uma reflexão filosófica cuja base não está fundida na necessidade de separação dos centros coloniais, mas nas necessidades dos próprios países coloniais”²⁶.

Como prática, o discurso pós-colonial aparece nas últimas décadas do século passado a partir do engajamento crítico e consciente de pensadores oriundos de sociedades situadas à margem do eurocentrismo, sociedades com fortes heranças coloniais, que fazem o questionamento político-social da concepção totalizadora da tradição ocidental e desafiam essa hegemonia colocando em disputa a autoridade de quem determina uma tradição. Para isso, desmascaram modelos lingüísticos e leis já estabelecidas e promovem o deslocamento dos objetos de análise para o enfoque ético e político a partir da sensibilidade do lugar geocultural e suas experiências e histórias antes silenciadas. Buscam produzir uma teoria compatível com o seu lugar de enunciação. Ao colocar em cena outras formas de pensamento, estabelecem diferenças culturais em relação às noções do conhecimento e afirmam uma razão do *outro*. Conforme enfoca Homi Bhabha, a intervenção da diferença cultural

altera a posição de enunciação e as relações de interpelação em seu interior; não somente aquilo que é falado, mas de onde é falado; não simplesmente a lógica da articulação, mas o topos de enunciação. O objetivo da diferença cultural é reorientar a soma do conhecimento a partir da perspectiva da posição de significação da minoria, que resiste à totalização.²⁷

²⁵ MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial. In: Revista *Gragoatá*, 2º semestre/1996, p. 9.

²⁶ Idem, p. 10.

²⁷ BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 228.

Desse modo, a teoria pós-colonial promove a emancipação das categorias de conhecimento estabelecidas na Europa, reorienta as interpretações históricas e desarticula cânones e tradições impostos, gerando na literatura formas outras de contar.

A partir dessas imagens de fronteiras atravessadas e apagamento de limites territoriais, aproxima-se a produção do escritor Carlos Fuentes que, com frequência, tematiza o espaço fronteiriço entre México e Espanha, América e Europa, México e Estados Unidos, América Latina e Anglo-América, confrontando tempos e paisagens para remeter a hibridismos culturais onde, como observa Tania F. Cavalhal, “o passado continua a manter sua relação de alteridade com o presente e a necessidade imperiosa de fazer conviver as (...) [diferentes] tradições culturais aponta para a construção de um conceito da nação multiforme e heterogêneo”²⁸, produto da narrativa.

²⁸ CARVALHAL, Tania F. A nação em questão: uma leitura comparatista. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.). *Nações/Narrações: nossas histórias e estórias*. Porto Alegre: ABEA, 1997, p. 300.

3 O TEMPO FRENTE AO ESPELHO: REFLEXOS DE HISTÓRIA E FICÇÃO

*Hace ya mucho tiempo, viajaba por el estado mexicano de Morelos con el dramaturgo neoyorquino Jack Gelber y su esposa. Nos perdimos en el laberinto de montañas, arrozales y cañaverales. Nos detuvimos para pedirle a un anciano campesino el nombre de la aldea donde nos hallábamos.
– Depende - contestó el viejo -. El pueblo se llama Santa María en tiempos de paz. Se llama Zapata en tiempos de guerra.¹*

Este fragmento do texto “Tiempo”, de Carlos Fuentes, mostra a coexistência de diferentes tempos na cultura mexicana. Ao contrário da concepção linear do pensamento ocidental, o tempo mexicano, situado na tradição pré-hispânica, indica uma circularidade e uma multiplicidade de tempos, podendo variadas e distantes épocas serem realidades presentes no espaço de um único instante. Identificado como Santa Maria, o povoado representa os valores trazidos da Europa, a colonização espanhola, os dogmas do catolicismo, o latifúndio. No entanto, como Zapata, há o resgate do pensamento indígena, a contestação à herança colonial, as idéias revolucionárias e a luta por reforma agrária. Essa oposição não chega a ser estranha à complexa cultura mexicana, pois sua concepção dualista herdada desde épocas distantes permite que múltiplos estratos estejam mesclados, revelando no presente uma variedade de tempos transcorridos. Assim como versa Octavio Paz, “Hambre de encarnación padece el tiempo”, diferentes tempos da história mexicana incorporam a narrativa de Carlos Fuentes: tempos da origem, da conquista, da colônia, da independência, da revolução, de hoje... e também o próximo tempo², sendo a linearidade apenas uma das possibilidades, mas onde é comum passado, presente e futuro estarem imbricados em circularidades, eternos

¹ FUENTES, Carlos. Tiempo. In: _____. *En esto creo*. Barcelona: Seix Barral, 2002, p. 270.

² A narração de *Cristóbal Nonato*, por exemplo, publicada em 1987, vai até o ano de 1992; e seu último romance, *La silla del águila*, conta o cenário político do México em 2020.

retornos ou eternos presentes, ou, na expressão de Octavio Paz, “perpetuo presente en rotación”³, rompendo com a singular sucessão que aloja o passado em um tempo acabado e aponta o futuro para o que ainda não aconteceu. Futuro pode ser agora, no momento em que se inventa o desejo; passado pode ser agora, no momento em que a memória imagina. Passado não concluído que necessita ser re-inventado a cada momento. Tradição como recriação: “resurrección de lo que fue tanto como su re-ordenación conforme a la perspectiva de nuestro proyecto histórico. La voluntad del futuro pone en pie a los muertos e impone un orden a sus obras”⁴. Conjugação de tempos como palavra múltipla. Narrativas de memória e desejo entretidas em relações verbal e imaginária com a história através de vertentes de tradição e modernidade.

A posição de Carlos Fuentes encontra relação no pensamento de Giambattista Vico, filósofo italiano que em 1725 publicou *A ciência nova, ou princípios de uma nova ciência relativa à natureza comum das nações*. Contrariando as concepções racionalistas da Ilustração, que apregoava uma universalização pela noção de uma história absoluta e invariável, correspondência fiel de um conjunto de idéias cartesianas, objetivas, certificáveis e constantes que revelavam pretensões eurocentristas, Vico tinha a convicção de que “el valor de la historia es su variedad concreta, no su uniformidad abstrata”⁵. A história, para Vico, está concebida como

un movimiento de “corsi e ricorsi”, un ritmo cíclico en virtud del cual las civilizaciones se suceden, nunca idénticas entre sí, pero cada una portando la memoria de su propia anterioridad, de los logros así como de los fracasos de las civilizaciones precedentes: problemas irresueltos, pero también valores asimilados; tiempo perdido, pero también tiempo recobrado.⁶

Ao refutar o pressuposto racionalista que instituíra a linearidade como único caminho para se conhecer a verdade histórica, Vico propunha uma concepção inclusiva que valorizava as diferentes culturas da humanidade. Conforme o filósofo italiano, para se conhecer algo, é necessário que o próprio conhecimento crie o que se quer conhecer. Dessa forma, a visão ilustrada era apenas uma das possíveis criações humanas, sendo válido existir outras criações, outras culturas, outras histórias. Segundo Vico, existe uma diversidade da natureza humana,

³ PAZ, Octavio. Crítica de la pirámide. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomo I, Vol. 2. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 32.

⁴ PAZ, Octavio. Dos mitos. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 96.

⁵ FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 30.

⁶ Idem, p. 31.

que está em transformação sempre, construindo suas histórias. A primeira criação da humanidade seria a linguagem e, através dela, a criação dos mitos, das artes, dos hábitos, dos códigos, tudo isso, diz Carlos Fuentes citando a Vico, em fluxo perpétuo, sendo sempre⁷, combinando linguagens variadas e heterogêneas.

Essa pluralidade da linguagem acerca-se ao dialogismo ou polifonia do discurso do romance desenvolvido na teoria de Mikhail Bakhtin, onde o crítico russo confere ao romance um diálogo com o mundo percebido na interação do *eu* com o *outro* através da palavra⁸. Esta estrutura dialógica estabelece um conflito entre unidade e diversidade, entre as forças centrípetas, que resistem ao movimento e pretendem manter as coisas unidas, idênticas; e as forças centrífugas, que desejam a mudança, a variação, a diferença. O discurso é o palco dos conflitos das ideologias, inseparáveis da linguagem. Conforme Bakhtin, a voz do *eu* está envolvida por capas contextuais determinadas pelas vozes dos *outros* que a precederam e pelos traços plurais das linguagens que compõem o sistema social. Desse modo, a significação da palavra está naquele que a diz, mas também naquele a quem ela está dirigida, na relação compartilhada entre autor e leitor, onde o *eu* é constituído pela sua relação com o *outro*, na relação recíproca de como se vêem, limitando a significação ao seu contexto que, no entanto, é ilimitado pela heteroglossia, pelas forças sociais da diversidade e pluralidade das linguagens. Lugar de encontro das linguagens plurais, onde os conflitos dialógicos permitem às palavras significações inacabadas e abertas, o romance transcende, pela atribuição de Bakhtin, a hegemonia de uma linguagem unitária.

A história concebida através de movimentos de curso e recurso propostos por Vico e a polifonia da linguagem pensada por Bakhtin articulam-se na produção de Carlos Fuentes. Ao desenvolver uma narrativa que insere as vozes do silêncio, que são as vozes da cultura pré-hispânica, Carlos Fuentes justapõe o passado e o presente, recriando a história mexicana e preenchendo os seus vazios através da memória, da imaginação e da realidade contemporânea:

El rompimiento del tiempo, esta negación a aceptar el singular concepto del tiempo lineal que el Occidente había impuesto económica y políticamente, coincide profundamente con nuestro sentido del tiempo circular, que proviene de las religiones indígenas. Nuestra idea de tiempo como una espiral, nuestra visión histórica básica, se deriva tanto de Vico como de nuestra experiencia cotidiana de la

⁷ FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 32.

⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

coexistencia de tiempos. Se vive en la Edad del Hierro en las montañas y en el siglo XX en nuestras ciudades.⁹

3.1 Tempos de história e ficção

O diálogo interdisciplinar da relação entre ficção e história é o que orienta a reflexão de Paul Ricoeur ao discutir a temporalidade. Para o pensador francês, o trabalho da refiguração do tempo, ou seja, a reinscrição do tempo vivido – o das experiências humanas – no tempo cósmico – o movimento regular dos astros – dá-se pelo entrecruzamento das narrativas literárias e históricas, concretizando-se a partir dos empréstimos que cada modo narrativo toma um do outro:

Esses empréstimos consistirão no fato de que a intencionalidade histórica só se efetua incorporando à sua intenção os recursos de ficcionalização que dependem do imaginário narrativo, ao passo que a intencionalidade da narrativa de ficção só produz os seus efeitos de detecção e de transformação do agir e do parecer assumindo simetricamente os recursos de historicização que lhe oferecem as tentativas de reconstrução do passado efetivo. Desses intercâmbios íntimos entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o que chamamos de tempo humano, e que não é senão o tempo narrado.¹⁰

Paul Ricoeur aponta que a capacidade da narrativa histórica de refiguração do tempo revela-se pelo uso de certos *instrumentos de pensamento*, como o calendário, a seqüência das gerações e o recurso a arquivos, documentos e rastros, que realizam a mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Apoiado nas observações de Émile Benveniste em *Le langage et l'expérience humaine*, Paul Ricoeur enumera três características comuns a todos os calendários em todas as culturas e em diferentes épocas: um momento axial, acontecimento fundador a partir do qual todos os acontecimentos são datados; a possibilidade de percorrer o tempo nas direções do passado para o presente e do presente para o passado; e o estabelecimento de unidades de medida que, observando-se a periodicidade e a regularidade do curso do sol e da lua, por exemplo, determinam intervalos constantes, como dia, mês e ano. É, pois, pela astronomia que o calendário realiza o seu papel mediador. Já a seqüência das gerações insere-se nessa mediação através de critérios biológicos e sociológicos da relação entre contemporâneos, predecessores e sucessores. Uma mesma geração é entendida como

⁹ FUENTES, Carlos. Bajo la nieve. Entrevista concedida a Alfred MacAdam e Charles Ruas em 1981. In: HERNÁNDEZ, Jorge F. (Org.) *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 45.

¹⁰ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997, p. 176-177.

aquela dos contemporâneos marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas mudanças, conferindo uma *bagagem* a ser encadeada pela seqüência das gerações, o que faz da história uma totalidade ligada pela continuidade em um ritmo de tradição e inovação, onde a representação dos mortos não os deixa ausentes da história, mas os coloca “assombrando com suas sombras o presente histórico” e onde projeta-se imortal a representação da humanidade futura¹¹. Outro mediador pelo qual a narrativa histórica refigura o tempo é a noção de rastro deixado pelo passado por meio da instituição de arquivos e coleta e conservação de documentos. O rastro indica tanto uma passagem quanto uma marcação. Em uma relação de significância, o rastro combina o *antes*, o mundo ao qual ele pertencia e que não existe mais, e o *agora*, através da presença de sua marca visível.

Em contraponto ao plano histórico, a ficção trabalha com variações imaginativas pelas quais o narrador não possui as obrigações que um historiador tem de efetuar conexões a partir dos instrumentos de pensamento mencionados acima. Entre essas variações imaginativas, Paul Ricoeur assinala: a) a unificação do curso temporal, através do processo de *recobrimento* do presente e da forma de *repetição* para estabelecer sobreposições entre os sistemas de retenção do passado e de protensão do futuro e assim realizar uma extensão do presente; b) o confronto entre a eternidade e a morte e c) modalidades de reatificação do tempo. Na narrativa literária, as apropriações a acontecimentos do passado estão isentas da função de representação, reduzindo-se a citações que podem ser desdobradas de modos variados a partir da mediação das leituras, onde o mundo do texto abre-se para o que está fora dele. Dessa forma, Carlos Fuentes diz: “nosotros creamos la historia porque nosotros leemos la historia, dejándola abierta a nuevas lecturas”¹². Mais do que soluções para a discordância entre o tempo do mundo e o tempo vivido, Paul Ricoeur afirma que a maior contribuição da ficção é a exploração das “características não-lineares do tempo fenomenológico”¹³ que o tempo cronológico oculta.

A relação entre literatura e história não é uma simples oposição do “real” histórico e do “irreal” da ficção. Antes de tudo porque o passado não nos é acessível pelos fatos propriamente, mas em forma de textos que não abarcam a sua totalidade. Assim, a narrativa histórica não tem a capacidade de reproduzir a realidade de antes, mas apenas um “efeito de

¹¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, Tomo III. Campinas: Papyrus, 1997, p. 195.

¹² FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 40.

¹³ RICOEUR, Paul. Op. cit., p. 224.

real”¹⁴ que faz uma representação do passado, onde sempre haverá fissuras e lacunas que farão da narrativa histórica um discurso inacabado. Por sua vez, na narrativa literária, a leitura faz uma mediação entre o mundo fictício do texto e o mundo real do leitor. São por esses caminhos de representação e leitura que Paul Ricoeur faz a análise do entrecruzamento das narrativas da história e da ficção na refiguração do tempo.

A interferência do imaginário sobre o passado histórico consiste no seu caráter em construir a mediação dos conectores calendário, seqüência das gerações e documento ou rastro histórico. Assim, a leitura de um calendário é uma interpretação que participa de duas perspectivas do tempo, o tempo físico – contínuo, uniforme e infinito, caracterizado pelo instante – e o tempo vivido – que possui a noção de presente. A refiguração do tempo pelo calendário possibilita o princípio de datação, o que permite atribuições de *como se* presente, ou seja, *presentes imaginados*, onde as lembranças tornam-se acontecimentos datados. Da mesma forma, o imaginário atua sobre a seqüência das gerações, estendendo a lembrança de um mesmo momento entre diferentes gerações. A relação entre contemporâneos, predecessores e sucessores remonta o tempo no prolongamento do *já não* do passado com o *ainda* do presente. Já o caráter imaginário de um rastro revela-se na contextualização de uma marca, uma ruína, um fóssil. A caracterização do ambiente social e cultural de um rastro só é possível pela interpretação da significação desse rastro como coisa presente que vale por uma coisa passada. Esse fenômeno da incorporação do imaginário na representação do passado efetuada pelos conectores da narrativa histórica é o que Paul Ricoeur define como *ficcionalização da história*. Por sua vez, a narrativa de ficção oferece características que imitam a narrativa histórica, possibilitando que um fato narrado seja visto *como se* passado, fenômeno definido como *historicização da ficção*. Paul Ricoeur assinala que, na narrativa de ficção, há uma voz narrativa que confere uma vivacidade aos acontecimentos irrealis, criando a ilusão da verdade. Assim, “entrar em leitura é incluir no pacto entre o leitor e o autor a crença de que os acontecimentos relatados pela voz narrativa pertencem ao passado dessa voz”¹⁵. Outra razão do *como se* passado refere-se à condição das possibilidades do passado não efetuadas pela narrativa histórica, onde a ficção exerce a sua função liberadora, “recobrando ao mesmo tempo as potencialidades do passado real e os possíveis irrealis da pura ficção”¹⁶.

¹⁴ Cf. BARTHES, Roland. L’effet du réel. In: _____. *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982.

¹⁵ RICOEUR, Paul. Op. cit., p. 329.

¹⁶ Idem, p. 331.

Compreendidas uma em função da outra, as narrativas de história e ficção não reduzem as pretensões de verossimilhança desta e de verdade daquela. Tampouco apresentam um discurso definitivo em relação aos fatos e circunstâncias do passado, podendo haver diferentes interpretações dos acontecimentos, assim como outras explorações potenciais. São essas perspectivas que direcionam o pensamento da Nova História, geração de historiadores da década de 1970, entre eles Georges Duby e Jacques Le Goff, herdeira das contribuições da escola francesa dos *Annales* que, entre as décadas de 1920 e 1930, redimensionaram o objeto de estudo da história ao ampliar o critério de relevância histórica, considerando qualquer fato, por mais insignificante que pudesse parecer, desde que lhe fosse atribuído valor conforme o estudo proposto. Dessa forma, ao preocupar-se com os aspectos da vida cotidiana, com os hábitos mais corriqueiros, com os pensamentos, costumes e crenças que moviam as atividades mais comuns, a Nova História desconstrói teorias que buscam a reconstituição totalizante do passado por métodos presos ao rigor da comprovação documental, abrindo outras possibilidades históricas, como analisa Antoine Compagnon:

A história dos historiadores não é mais una nem unificada, mas se compõe de uma multiplicidade de histórias parciais, de cronologias heterogêneas e de relatos contraditórios. Ela não tem mais esse sentido único que as filosofias totalizantes da história lhe atribuíram desde Hegel. A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado; seu texto faz parte da literatura.¹⁷

3.2 Entre máscaras e transparências

Ao se pensar a história mexicana, percebe-se que suas inúmeras rupturas e descontinuidades, sejam civilizatórias ou meramente políticas, provocam apagamentos e deformações do passado. Octavio Paz constata duas versões populares desse processo: na primeira, México nasce nas tradições pré-hispânicas, astecas e outras culturas ainda mais antigas; desaparece durante o período colonial e ressurge com a Independência em 1821, depois de ter passado pela Insurreição de 1810. Nesse caminho, desprendendo-se do regime estrangeiro dos três séculos de vice-reinado, afirma-se uma identidade entre o mundo asteca e o México moderno, conservando a visão mítica da dualidade vida e morte. Na outra versão, em metáfora agrícola, o mundo pré-hispânico é apontado como um período de sementeira; a colônia, como uma gestação e, por fim, a Independência e o posterior nascimento da

¹⁷ COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 222.

República indicam o amadurecimento da nação mexicana. Neste caso, a evolução progressiva omite justamente as rupturas e diferenças que caracterizam o processo histórico. Octavio Paz sugere que a melhor imagem para o passado mexicano seja sua própria geografia: “Cada período histórico es como una meseta encerrada entre altas montañas y separada de las otras por precipicios y despeñaderos”¹⁸. Desse modo, a Conquista espanhola, iniciada com a chegada da expedição de Hernán Cortés em 1519 e marcada com a queda de México-Tenochtitlán em 1521, representa uma linha divisória na história mexicana, o antes e o depois do assentamento europeu no continente americano. Essa ruptura é tão profunda que o mundo pré-hispânico, muitas vezes, é confundido como uma civilização unitária por apresentar elementos comuns entre as diferentes culturas, como o cultivo do milho, o uso de um calendário ritual, o *juego de la pelota*, os sacrifícios humanos, etc. No entanto, seus povos dividiam-se, historicamente, entre os chichimecas do norte – catadores nômades e bárbaros – e as civilizações agrícolas do sul, estas compreendendo uma diversidade de culturas – olmecas, teotihuacanos, toltecas, zapotecas, mixtecas, os sucessivos períodos maias e ainda muitos outros povos –, algumas tendo assumido o lugar de outras. Já a ruptura efetuada pela Independência não provocou uma mudança de civilização, mas alterou as projeções de tradição: enquanto o regime colonial da Nova Espanha era fechado às transformações existentes na Europa após a Revolução francesa, a República instaurada no México, depois de um primeiro período imperial, buscou uma “apresurada e irreflexiva adaptación de esa misma modernidad (...) sin convertirnos – analisa Octavio Paz – en una nación realmente moderna”¹⁹. Ignorou também o seu passado indígena, não reconhecendo e marginalizando as culturas e tradições pré-hispânicas. Entretanto o poeta e ensaísta mexicano não vê a substituição do mundo indígena pela Nova Espanha e esta pelo Estado mexicano como uma sucessão linear, mas sim como uma sobreposição de sociedades, pois a Nova Espanha, mesmo negando crenças, costumes e estruturas dos antigos mexicanos, só se afirma enquanto oposição à presença encoberta do mundo indígena. Quando se venerava a Virgem de Guadalupe, por exemplo, ao mesmo tempo era a deusa Tonantzin que estava sendo invocada. Da mesma forma, o governo independente, ao destituir a colônia, mantém os elementos lingüísticos e religiosos e a estrutura econômica e social desta, prolongando a permanência dos seus valores culturais. Octavio Paz conclui: “Más que de continuidad debe hablarse de superposiciones. En lugar de concebir la historia de México como un proceso lineal,

¹⁸ PAZ, Octavio. El reino de Nueva España. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 120.

¹⁹ Ibidem, p. 120.

deberíamos verla como una yuxtaposición de sociedades distintas”²⁰. Cada uma dessas sociedades assume uma identidade *enmascarada* que, frente ao espelho da realidade, transparece sua alteridade. Quando a história não dá conta dessa revelação, cabe à literatura preencher os vazios e silêncios do passado apagado. Conforme escreve Octavio Paz, “toda historia, cuando es algo más que acumulación de fechas, es invención”²¹, pois “la imaginación es la facultad que descubre las relaciones ocultas entre las cosas”²². Com o que Carlos Fuentes concorda, destacando a importância da ficção: “Nuestra literatura es importante porque nos recuerda constantemente que lo que nos falta escribir (es decir, por identificar) incluye no sólo el futuro sino el pasado. El escritor mantiene la novedad del pasado, no sólo la del porvenir”²³.

Dessa forma, torna-se pertinente discutir momentos de revelação e apagamento das tradições no processo histórico mexicano, onde as vertentes pré-hispânica e mediterrânea²⁴ sobrepõem-se e hibridizam-se. Três períodos merecem destaque nesta abordagem: Conquista espanhola, Revolução mexicana e final do século XX. O primeiro por ser o momento axial do contato e confronto das culturas autóctone e europeia, em que o propósito de destruição e extermínio dos conquistadores elimina a casta dos nobres indígenas – governantes e sacerdotes detentores do saber mítico, religioso e político –, dizimando a civilização asteca. “Los españoles matamos algo más que el poder indio: matamos la magia que lo rodeaba”²⁵; o segundo por colocar outra vez em evidência o mundo indígena, revelando-o como sujeito histórico; por fim, com a aproximação à época atual, busca-se mostrar a persistência de um passado em se fazer presente, ou seja, identificar a permanência dos rastros antigos depois de transcorridos séculos e várias gerações.

²⁰ PAZ, Octavio. El reino de Nueva España. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 123.

²¹ PAZ, Octavio. Dos mitos. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 96.

²² PAZ, Octavio. Orfandad y legitimidad. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 174.

²³ FUENTES, Carlos. Mantener un lenguaje o sucumbir al silencio. Entrevista concedida a María Victoria Reyzábal. In: HERNÁNDEZ, Jorge. (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 127.

²⁴ Preferi utilizar a nomenclatura que, com frequência, aparece nos textos de Carlos Fuentes pois, mais do que espanhola ou ibérica, o pensamento de uma cultura mediterrânea dá a dimensão da diversidade cultural presente na Espanha, território que ao longo da história foi invadido e ocupado por diferentes povos que ali deixaram suas marcas. Esse posicionamento é um confronto à idéia de unidade racial e religiosa preconizada pelos conquistadores espanhóis.

²⁵ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 20.

3.3 Câmbio de pele²⁶

Para analisar o caráter representativo da Conquista, faz-se necessário investigar tanto a perspectiva indígena quanto a dos conquistadores espanhóis e então compreender como foi possível um exército de aproximadamente 500 soldados derrotar todo um império²⁷. A personagem Jerónimo de Aguilar, do conto “Las dos orillas”, de Carlos Fuentes, rememora: “Tengo muchas impresiones finales de la gran empresa de la Conquista de México, en la que menos de seiscientos esforzados españoles sometimos a un imperio nueve veces mayor que España en territorio y tres veces mayor en población”²⁸. Na época em que Hernán Cortés chegou no território mexicano, a diversidade de povos indígenas vivia, na sua maioria, sob o domínio do Império asteca, que encontrava resistência apenas de algumas cidades-Estado, como Tlaxcala e Huexotzinco, que se negavam a pagar tributos. Os astecas eram um povo guerreiro de descendência náhuatl que acreditava ter sido escolhido pelo deus Huitzilopochtli, que o guiou desde Aztlán, sua mítica cidade de origem, ao norte, para conduzi-lo através de penosa peregrinação de mais de um século até a terra prometida, onde o converteu em um povo poderoso. Em troca, esse deus exigiu obediência e obrigou a construção de adoratórios para a realização de sacrifícios e oferendas. Ao se assentar em meio ao lago Texcoco, em 1325, onde ergueu a cidade de México-Tenochtitlán, o povo asteca assimilou conhecimentos e formas religiosas de civilizações mais antigas, recriando e adaptando esses sistemas a sua própria cultura. Assim, adotou Quetzalcóatl, deus criador dos homens, e Tlaloc, deus da chuva e da agricultura, entre outros deuses, formando um complexo panteão que integrava diversas culturas. Ávidos de poder, os astecas dominaram os povos que cercavam o lago Texcoco e, a partir de 1428, formaram aliança com as comunidades de Texcoco e Tlacopán para conquistar a mais de 400 povos e cidades-Estado, expandindo seus domínios por uma vasta região da Mesoamérica, território que, hoje, estende-se do centro do México até a Nicarágua. Impuseram suas tradições aos povos conquistados que, por sua vez, acabaram incorporando as concepções exteriores, mesclando-as com seus próprios modelos. Em troca das estruturas políticas, econômicas e religiosas que ofereciam, os astecas exigiam tributos e

²⁶ *Cambio de piel* é o título de uma obra de Carlos Fuentes e faz referência à renovação de vida representada nas tradições pré-hispânicas pela troca de pele da serpente.

²⁷ Cf. dado apresentado por Serge Gruzinski no livro *La colonización de lo imaginario*, somente em México-Tenochtitlán viviam entre 150.000 e 200.000 habitantes. Há autores que chegam a calcular uma população ainda maior, como Jacques Soustelle em *Os astecas na véspera da conquista espanhola*, onde admite que na capital viviam um número de indígenas seguramente superior a quinhentos mil e provavelmente inferior a um milhão. Já a expedição de Hernán Cortés, quando desembarcou no Golfo do México, contava com 11 navios que transportavam 508 soldados e 16 cavalos, segundo informação do cronista Bernál Díaz del Castillo.

²⁸ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 17.

organizavam “guerras floridas”, ritual em que capturavam guerreiros de outras tribos para serem oferecidos nos sacrifícios aos deuses. Esse foi o panorama que encontrou Hernán Cortés em 1519, conjuntura em que os povos submetidos ao Império asteca viviam atemorizados pelos rituais dos sacrifícios humanos e insatisfeitos com a exigência do pagamento de tributos.

Antes da expedição de Cortés, Diego Velázquez, governador de Cuba, já havia ordenado duas outras expedições, em 1517 e 1518, em busca de terras para explorar e aprisionar nativos e vendê-los como escravos. As informações de fabulosas cidades e riquezas em ouro existentes no continente despertaram o interesse de Hernán Cortés em desbravar e conquistar o novo território para a coroa espanhola. Esse sonho talvez tenha sido alimentado desde quando era estudante na Universidade de Salamanca e teve notícias da existência de um *Novo Mundo* além mar. Sem chegar a concluir seus estudos, em 1504, com dezenove anos, embarcou para a ilha La Española – hoje Ilha de Santo Domingo – onde viveu, segundo a crônica de Bernál Díaz del Castillo, pobre e endividado. Em fevereiro de 1519, contrariando Diego Velázquez, partiu de Cuba com sua expedição, chegando primeiramente na Península de Yucatán, lugar em que foi incorporado a sua expedição o náufrago Jerónimo de Aguilar. Fazia oito anos que Aguilar estava vivendo como escravo entre os indígenas maias e, sabendo da chegada dos espanhóis, foi ao encontro de Cortés. Antes, convidou seu companheiro de naufrágio, Gonzalo Guerrero, para que o seguisse, mas este, com família constituída e gozando de prestígio entre os indígenas, estava já *aindiado* e recusou a oferta do amigo, argumentando:

hermano Aguilar: yo soy casado y tengo tres hijos, y tiénneme por cacique y capitán cuando hay guerras; íos vos con Dios, que yo tengo labrada la cara y horadas las orejas. ¡Qué dirán de mí desde me vean esos españoles ir desta manera! E ya veis estos mis hijitos cuán bonicos son.²⁹

Diferentemente do que registra Bernál Díaz del Castillo, em “Las dos orillas” Carlos Fuentes coloca Guerrero frente a frente com Cortés:

Cortés se acercó al indio de cara labrada, le sonrió y acarició la cabeza de uno de los niños, rizada y rubia a pesar de la piel oscura y los ojos negros: - Canibalismo, esclavitud y costumbres bárbaras – dijo Cortés haciendo lo que digo -. ¿En esto queréis permanecer?³⁰

²⁹ CASTILLO, Bernál Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Barcelona: Plaza & Janés, 1998, p. 103.

³⁰ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 54.

Inserido na comunidade indígena, Guerrero preferiu continuar vivendo entre os nativos, lutando na defesa das suas terras. Destino diferente teve Jerónimo de Aguilar, nomeado para a importante função de *lengua*, ou seja, tradutor e intérprete, pois conhecia bem o idioma maia dos indígenas do sul do México. Dias depois, em março, já na região de Tabasco, os conquistadores tiveram os primeiros confrontos com os indígenas na batalha de Centla. A personagem Jerónimo de Aguilar, tentando impedir a Conquista, narra:

Con qué alegría recuerdo nuestro desembarco en Champotón, cuando Cortés dependía totalmente de mí y nuestras almadías cursaron el río frente a los escuadrones indios alienados en las orillas y Cortés proclamó en español que veníamos en paz, como hermanos, mientras yo traducía al maya, pero también al idioma de las sombras:

- ¡Miente! Viene a conquistarnos, defiéndanse, no le crean...

(...) nadie allí, digo, podía saber que traduciendo al conquistador yo mentía y sin embargo yo decía la verdad.

Las palabras de paz de Hernán Cortés, traducidas por mí al vocabulario de la guerra, provocaron una lluvia de flechas indias.³¹

Os espanhóis venceram e receberam dos caciques locais, em sinal de submissão, vários presentes, como jóias, tecidos, perus, galinhas e um grupo de vinte escravas para que desempenhassem funções procriadoras e para preparar milho, chocolate, tomate, abacate, alimentos até então desconhecidos para os espanhóis. Entre as mulheres estava Malintzin, uma das personagens mais importantes no feito da Conquista. São os testemunhos dos invasores espanhóis, muitas vezes imprecisos e contraditórios, que revelam dados sobre a sua vida. Natural de Painalla – atual região de Veracruz –, nasceu no ano de Ce Malinalli do calendário indígena e herdou o nome e os signos de revolta, desavenças e sangue derramado que o ano predestinava. Conforme relata Bernál Díaz del Castillo, “desde su niñez fue gran señora y cacica de pueblos y vasallos”³², mas, com a morte do pai e o segundo casamento de sua mãe, foi entregue ainda criança a comerciantes da região de Xicalango, e estes, mais tarde, a venderam como escrava aos de Tabasco. Dessa forma, tornou-se bilíngüe, conhecendo tanto o idioma nauhatl dos astecas quanto a língua dos maias do sul do México. Por sua forte personalidade, seu nome contraiu o sufixo *tzin*, que significa senhora, passando a chamar-se Malintzin. Os espanhóis a denominaram Malinche e depois, batizada na Igreja cristã, recebeu o nome de Marina. Figura enigmática, foi fator essencial no destino das civilizações pré-hispânicas. Ao chegarem na costa do Golfo do México, onde Hernán Cortés

³¹ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p 45-46.

³² CASTILLO, Bernál Díaz del. Op. cit., p.110.

funda Veracruz em abril de 1519, o capitão espanhol certificou-se que aquela índia falava tanto o nauhatl como o maia, convertendo-a então em sua *lengua*, completando o elo que faltava para a comunicação com os astecas, pois Aguilar, que sabia maia, não conhecia o idioma nauhatl. Diz o narrador de “Las dos orillas”:

Mi ventaja inicial era saber español y maya, después de mi larga temporada entre los indios de Yucatán. Doña Marina – La Malinche – sólo hablaba maya y mexicano [nauhatl] cuando fue entregada como esclava a Cortés. (...) los mexicanos le decían a la mujer las cosas que ella me decía a mí en maya para que yo las tradujera al español.³³

Mais do que intérprete, Malintzin foi conselheira política, informante e amante de Hernán Cortés. Aprendendo a língua espanhola, dispensou a intervenção de Aguilar e não só traduziu, mas também explicou ao conquistador a forma de pensar e as crenças dos antigos mexicanos e, principalmente, revelou a Cortés as fraquezas do Império asteca: “doña Marina le había dado a Cortés el secreto de la debilidad azteca: la división, la discordia, la envidia, la pugna entre hermanos”³⁴. A dominação do Império asteca sustentava-se através da propagação do terror, o que possibilitou ao conquistador persuadir os indígenas vassalados de Montezuma a trocarem de aliança e lutarem junto com os espanhóis contra México-Tenochtitlán. Em Tlaxcala, Malintzin aconselhou cortar as mãos de espíões para que assim os indígenas respeitassem aos espanhóis; em Cholula, avisou Cortés de uma conspiração que supostamente os cholultecas planejavam:

Marina quería un escarnio contra Cholula para excluir futuras traiciones. Trajo a cuento el testimonio de una vieja y de su hijo, que aseguraron que una gran celada se preparaba contra los españoles y que los indios tenían aparejadas las ollas con sal, ají y tomates para hartarse de nuestras carnes.³⁵

Como resposta, o capitão espanhol determinou uma cruel matança da população daquela cidade. “No quedó en Cholula ídolo de pie ni altar incólume. Los 365 adoratorios indios fueron encalados para desterrar a los demonios y dedicados a 365 santos, vírgenes y mártires de nuestro santoral, pasando para siempre al servicio de Dios Nuestro Señor”³⁶. Já em México-Tenochtitlán, Malintzin explicou as crenças religiosas e a visão fatalista que imperavam na mente do soberano Montezuma, que temia a volta do deus Quetzalcóatl e o fim do seu reinado e da era do Quinto Sol. Era propósito de Malintzin ser a companheira de

³³ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 37.

³⁴ Idem, p. 32.

³⁵ Idem, p. 44.

³⁶ Idem, p. 45.

Hernán Cortés na organização de um novo império, mas, consumada a conquista, foi abandonada por Cortés – com quem teve um filho, Martín Cortés, simbolicamente o primeiro mestiço americano – e entregue como esposa ao espanhol Juan Jaramillo. Representação do híbrido e da pluralidade por transitar entre os diferentes povos indígenas e por entranhar-se no pensamento dos conquistadores, Malintzin foi a intérprete do diálogo entre duas culturas que possuíam formas diferentes de comunicação: enquanto Cortés falava com os homens, Montezuma, o soberano asteca, sabia ouvir os deuses: “Cortés escuchaba a Marina no sólo como lengua, sino como amante. Y como lengua y amante, prestaba atención a las voces humanas de esta tierra. Montezuma sólo escuchaba a los dioses”³⁷. A mediação de Malintzin foi participativa, influente e definidora na realização da Conquista espanhola. “Pobre Malinche, pero rica Malinche también, que con su hombre determinó la historia”³⁸.

A determinação de Hernán Cortés foi outro fator fundamental na vitória dos espanhóis. Ao atracar os seus navios na costa do Golfo do México, nomeou-se capitão sob ordens diretas do rei da Espanha, livrando-se dos mandos de Diego Velázquez. Dependente apenas da autoridade do monarca espanhol, à distância de um oceano, ficou desimpedido para atuar segundo suas próprias decisões, configurando um caráter duplo da Conquista, pois Hernán Cortés guerreou ao mesmo tempo pelos interesses da coroa espanhola e também por suas ambições particulares. Em Cempoala, perto de onde haviam desembarcado, os espanhóis foram recebidos por Chicomecóatl, o *cacique gordo* senhor dos totonacas, e Cortés ficou sabendo da existência de um riquíssimo reino situado no alto das montanhas, governado pelo grande Montezuma. Não teve dúvidas em avançar em direção a México-Tenochtitlán. Antes, foi preciso enfrentar a resistência dos seus soldados, que já não suportavam o cansaço, a fome e as enfermidades, prometendo conseguir e repartir, depois de separar um quinto para a coroa e outro para si, grande quantidade de ouro. O Aguilar literário de Carlos Fuentes observa:

Todos fuimos testigos de la manera como nuestro capitán se llevaba la parte del león y nos prometía a los soldados recompensas al terminar la guerra. ¡Tan largo me lo fiáis! Nos quedamos pues, después de sudar los dientes, sin saco ni papo ni nada so el sobaco...³⁹

³⁷ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 36.

³⁸ Idem, p. 50.

³⁹ Idem, p. 19.

Para controlar um princípio de levante organizado por soldados partidários de Velázquez, que queriam voltar para Cuba, Cortés enforca dois, corta os dedos dos pés de outro e açoita mais um:

A Pedro Escudero y a Juan Cermeño, Cortés los mandó ahorcar porque intentaron escaparse con un navío a Cuba, mientras que a su piloto, Gonzalo de Umbría, sólo le mandó cortar los dedos de los pies y así, mocho y todo, el tal Umbría tuvo el valor de presentarse ante el rey a quejarse, obteniendo rentas en oro y pueblos de indios. Cortés debió arrepentirse de no haberle ahorcado también.⁴⁰

Na sua segunda *Carta de relación* enviada ao rei Carlos V, Cortés diz apenas “los castigué conforme a justicia”⁴¹. Depois fez encalhar as embarcações para evitar novos planos de desistência. A persuasão de Cortés também convenceu os totonacas a guerrearem junto com os espanhóis contra os astecas. A possibilidade de ficarem livres dos tributos cobrados por Montezuma e a idéia de que o Deus cristão dos espanhóis não exigia sacrifícios humanos, pois seu próprio filho já havia se sacrificado por todos os homens, foram argumentos suficientes para os indígenas aderirem à causa dos conquistadores, reforçando o exército de Cortés com milhares de guerreiros. No caminho à capital asteca, a expedição de Cortés lutou contra outros reinos, como Tlaxcala e Cholula, que não resistiram à força, às armas de fogo e aos cavalos dos espanhóis, como adverte o Aguilar narrador de “Las dos orillas”:

Entre todas las novedades producidas por mi capitán don Hernán Cortés para impresionar a los indios – fuego de arcabuses, espadas de fierro, abalorios de cristal – ninguna importó tanto como los caballos de la Conquista. Una escopeta lanza un estallido que se desvanece en humo; una tizona puede ser vencida por una espada india de dos manos; el vidrio engaña, pero la esmeralda también. En cambio, el caballo es, está allí, tiene vida propia, se mueve, tiene la suma de poder del nervio, el lustre, el músculo, el belfo babeante y las pezuñas como alianza del terreno, resortes del trueno y gemelas del acero. Los ojos hipnóticos. El jinete que la monta y desmonta, añadiendo a la metamorfosis perpetua de la bestia vista ahora y jamás imaginada antes, no digamos por los indios, ni siquiera por uno solo de sus dioses.
- ¿Será el caballo el sueño de un dios que nunca nos comunicó su pesadilla secreta?⁴²

Em Tlaxcala, inteirado do ódio ancestral entre tlaxcaltecas e astecas, Cortés fez promessas de destruir o Império asteca. Com isso, fez dos tlaxcaltecas seus mais fiéis aliados. Não sabiam estes que estavam apenas trocando a opressão de um império por outro. Com a ajuda dos tlaxcaltecas, os espanhóis arrasaram com Cholula e abriram caminho para seguirem

⁴⁰ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 15-16.

⁴¹ Apud MARTÍNEZ, José Luís. *Hernán Cortés*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992, p. 92.

⁴² FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 23-24.

à capital dos astecas. Em novembro de 1520, confundidos com seres imortais, Hernán Cortés e seus soldados foram recebidos como deuses em México-Tenochtitlán:

No fuimos, pues, sólo hombres quienes entramos a la Gran Tenochtitlan en el 3 de noviembre de 1520, sino centauros: seres mitológicos, con dos cabezas y seis patas, armados de trueno y vestidos de roca. Y además, gracias a las coincidencias del calendario, confundidos con el Dios que regresaba, Quetzalcóatl.⁴³

Talvez a principal causa da queda do Império asteca tenha sido o vacilo de Montezuma em enfrentar os espanhóis. Aqueles homens brancos, loiros e barbudos vindos do oriente seriam deuses que acompanhariam Quetzalcóatl, o deus que prometeu regressar do lugar onde o céu e a água se encontram? O Aguilar de Carlos Fuentes ironiza:

Que esperan el regreso de los dioses y en cambio les cae gente como Rodrigo Jara, El Corcovado, o Juan Pérez, que mató a su mujer llamada La Hija de la Vaquera, o Pedro Perón de Toledo, de turbulenta descendencia, o un tal Izquierdo natural de Castromocho. Vaya dioses, que hasta en la tumba me carcajeo de pensarlo.⁴⁴

O que o imperador asteca poderia fazer para conter o avanço de Hernán Cortés, uma vez que o seu poder como *tlatoani*, aquele que detém a voz, era apenas fazer a leitura do destino já determinado pelos deuses? Quando Montezuma duvidou da divindade dos espanhóis e quis reagir, era tarde, pois já estava em poder dos conquistadores, como evidencia a narração de Aguilar:

cuatro tamemes o cargadores indios entran al aposento, seguidos por el alboroto natural de nuestra guardia, y con impasible ademán dejan caer frente a Cortés y el emperador la cabeza cortada de un caballo.

(...) Moctezuma, encogiéndose un poco de hombros, miró fijamente la cabeza del caballo. Su elocuente mirada, empero, nos decía en silencio a los españoles: - ¿De manera que sois teúles [deuses]? Mirad la mortalidad de vuestros poderes, entonces. ¿Sois dioses o no? ¿Mortales o inmortales? ¿Qué me conviene más a mí? Veo una cabeza cortada de caballo, y, me digo en verdad que soy yo el que tiene el poder de vida o muerte sobre vosotros.

Cortés, en cambio, se quedó mirando a Moctezuma con una cara de traición tal que yo sólo pude leer en ella lo que nuestro capitán quería ver en la del Rey.

Jamás he sentido que tantas cosas eran dichas sin pronunciar palabra, pues Moctezuma, acercándose en actitud devota, casi humillada, a la cabeza del caballo, decía sin decir nada que así como el caballo murió podían morir los españoles, si él los decidía.

(...) – Si alboroto o voces dáis, seréis muerto por mis capitanes – dijo con tono parejo Cortés.⁴⁵

⁴³ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 26.

⁴⁴ Idem, p. 25.

⁴⁵ Idem, p. 27-29.

Coube ao sobrinho de Montezuma, Cuauhtémoc, expulsar os invasores de México-Tenochtitlán na batalha em que muitos espanhóis morreram, e que a história escrita pelos cronistas registra como sendo *La noche triste*. Mas a resistência não durou muito. Aliados com os indígenas de Tlaxcala, os espanhóis sitiaram a capital asteca por 75 dias e, no dia 13 de agosto de 1521, atacaram os enfraquecidos guerreiros de Cuauhtémoc e destruíram México-Tenochtitlán. Sobre as ruínas da capital asteca foi erguida a Cidade do México, capital da Nova Espanha na colônia americana. O lago Texcoco foi definitivamente aterrado, desaparecendo os canais e jardins que moldavam a cidade asteca. Os blocos de pedra que formavam pirâmides, palácios de soberanos, altares e que representavam deuses deram estrutura às igrejas cristãs e aos edifícios coloniais. “Quien sienta curiosidad o sea topo, encontrará en la base de las columnas de la catedral de México las divisas mágicas del Dios de la Noche, el espejo humeante de Tezcatlipoca”⁴⁶. Debajo da atual maior cidade do mundo ficaram enterrados séculos de conhecimento e crenças das antigas civilizações mexicanas.

3.4 O labirinto da Revolução

A reconciliação com a cultura indígena não veio com a Independência, que tinha um projeto não de tradição a ser reconhecida, mas de futuro de nação por realizar. Esse projeto descartava a herança indígena, pois era considerada bárbara. No entanto, se descartava o bárbaro, não desprezava o tragicômico: o general Santa Anna, que chegou à presidência onze vezes entre 1833 e 1855, tendo sido mutilado em uma guerra contra os franceses, enterrou sua perna na Catedral da Cidade do México com pompas oficiais e religiosas. O resgate do mundo indígena tampouco veio com a Reforma liberal de 1857, engajada esta em princípios de verdades universais derivadas das enciclopédias, sem espaço para o reconhecimento de valores próprios mexicanos. Os liberais negaram tanto a herança espanhola e o catolicismo quanto o passado indígena. Confiscaram as terras da Igreja e retiraram também as terras das comunidades indígenas, que há mais de trezentos anos vinha resistindo à invasão da etnia branca. A negociação dessas terras fez surgir latifúndios, como ouviu o protagonista do romance de Carlos Fuentes *La muerte de Artemio Cruz* em Puebla, quando averiguava sobre os bens da família Bernal: “Pues ahí donde lo ve, todo lo que tiene se lo robó a los curas, allá cuando Juárez puso a remate los bienes del clero y cualquiera comerciante con tantito

⁴⁶ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 13.

ahorrado pudo hacerse de un terrenal inmenso...”⁴⁷. A separação da Igreja do poder do Estado efetuada pelo liberal Benito Juárez, primeiro presidente de descendência indígena, fez com que as oligarquias conservadoras recorressem a forças estrangeiras. Apoiadas por tropas francesas, impuseram a intervenção do imperador Maximiliano em 1864. A República dos liberais voltou em 1867 com o fuzilamento do imperador, mas os conflitos só foram pacificados com a chegada ao poder do ditador Porfirio Díaz em 1876, que apaziguou as relações com a Igreja e os conservadores, restaurando privilégios. Consolidou sua autoridade e permaneceu na presidência quase que continuamente até a Revolução de 1910. Durante o porfiriato, houve crescimento econômico e acelerada modernização do país baseados no incentivo à entrada de capital estrangeiro, no surgimento de grandes latifúndios a partir da negociação das terras do Estado, na expansão das ferrovias e na incorporação do México no mercado mundial. No entanto, esse desenvolvimento favoreceu somente as elites, que concentravam todo o poder político e econômico. Luis Terrazas Fuentes, governador do Estado de Chihuahua, por exemplo, possuía uma propriedade que, para atravessá-la de trem, era necessário um dia inteiro! Do outro lado da moeda, em uma realidade de injustiças distante do progresso e da modernização, os trabalhadores das indústrias, os mineiros e os camponeses viviam como escravos, submetidos a um sistema de empréstimos e agiotagem que, por mais que trabalhassem, os deixavam sempre em dívida com os patrões. Recebiam insuficientes salários em forma de vales para serem trocados por produtos nas *tiendas de raya*, comércios dos próprios patrões, onde endividavam-se cada vez mais. Os abusos contra os trabalhadores eram intermináveis: não existia descanso dominical nem férias e as jornadas de trabalho duravam até 16 horas. Inspirado pela filosofia do positivismo e pela ciência evolucionista em voga no final do século XIX, o governo de Porfirio Díaz justificava as hierarquias sociais através da lei dos mais aptos e fortes, enterrando de vez os vínculos com o passado. Octavio Paz sintetiza: “ya no son la sangre, ni la herencia, ni Dios, quienes explican las desigualdades, sino la Ciencia”⁴⁸. E completa: “Al cabo de cien años de luchas el pueblo se encontraba más solo que nunca, empobrecida su vida religiosa, humillada su cultura popular. Habíamos perdido nuestra filiación histórica”⁴⁹. Porém a participação cada vez maior nas decisões do governo pelas companhias estrangeiras, que se apropriavam de ricas terras florestais, minerais e agrícolas, e a concentração política nas mãos de uma minoria

⁴⁷ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 63.

⁴⁸ PAZ, Octavio. De la Independencia a la Revolución. In: _____. *México en la obra de Ocatavio Paz*. Tomo I, Vol. 1. México D.F: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 202.

⁴⁹ Idem, p. 204.

privilegiada que não queria ceder o poder, acabou por unir trabalhadores urbanos e rurais, classe média nascente e elites provincianas e ainda jovens idealistas inconformados no movimento que desencadeou a Revolução de norte a sul do país.

No ano de 1906, aconteceram as primeiras manifestações de insatisfação em relação à situação vivida pela classe trabalhadora. As greves dos mineiros de Cananea no norte, em Sonora, e dos operários das indústrias têxteis em Río Blanco, no estado de Veracruz, desafiaram a ditadura e também seus aliados estrangeiros, reivindicando aumento de salário, diminuição da jornada e melhores condições de trabalho. Foram reprimidos sem piedade. A primeira com a participação do exército estadunidense na defesa dos interesses da Cananea Coppe Company e, em Río Blanco, com a intervenção de tropas de fuzileiros que dispararam suas armas contra uma multidão de grevistas, matando a mais de 200 operários. Esses acontecimentos não foram esquecidos e, durante a Revolução, os guerrilheiros lutavam também pela memória daqueles que tinham iniciado as contestações à ditadura de Porfirio Díaz, como se vê no romance *La muerte de Artemio Cruz*:

¡Qué sepan bien contra quién peleamos! Obligan a hombres del pueblo a matar a sus hermanos. Vean bien. Así mataron a la tribu yaquí, porque no quiso que le arrebataran sus tierras. Igual mataron a los trabajadores de Río Blanco y Cananea, porque no querían morir de hambre. Así matarán a todos si no les partimos la madre.⁵⁰

No plano político, foi travada a luta contra o projeto de reeleição de Porfirio Díaz, tendo o advogado Francisco Madero liderado o movimento que desejava democracia e exigia eleições livres. Candidato às eleições de 1910, Madero foi perseguido e preso às vésperas da escolha do novo presidente, e Porfirio Díaz acabou reeleito em mais um pleito fraudulento com quase 20.000 votos contra 196 votos de outros candidatos. Foi então que Madero organizou o *Plan de San Luis Potosí*, proclamando a Revolução em novembro de 1910. O chamamento às armas inspirou revoltas no norte, com Pancho Villa comandando a *División del Norte*, e no sul, sob a liderança de Emiliano Zapata. Carlos Fuentes comenta que

la historia, a veces enterrada, explotó en la lucha revolucionaria mexicana y derrumbó los muros del aislamiento entre los mexicanos, convirtiéndose, sobre todo, en una revolución cultural. Un país separado de sí mismo, desde la aurora del tiempo, por las barreras geográficas de la montaña, el desierto y la barranca, con grupos humanos separados entre sí, se reunió al fin consigo mismo en las tremendas cabalgatas de los hombres y mujeres de Pancho Villa desde el norte, en su marcha hacia el abrazo con los hombres y mujeres de Emiliano Zapata desde el sur. En este

⁵⁰ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 118.

abrazo revolucionario, los mexicanos finalmente supieron cómo hablaban, cantaban, comían y bebían, soñaban y amaban, lloraban y luchaban, los demás mexicanos.⁵¹

Confrontado pelas rebeliões e incerto do que os Estados Unidos poderia fazer, Porfirio Díaz renunciou e partiu para o exílio em maio de 1911.

Tanto a Independência mexicana quanto a Reforma liberal refletiram e adaptaram ideologias de suas épocas, sendo frutos de circunstâncias históricas e movimentos intelectuais ocidentais. A Revolução, no entanto, anterior à Revolução Russa de 1917, carecia de precursores e não possuía vínculos com ideologias globalizantes, o que provocou entre as facções revolucionárias muitos conflitos posteriores. Para Octavio Paz, “lentamente, en plena lucha o ya en el poder, el movimiento se encuentra y define. Y esta ausencia de programa previo le otorga originalidad y autenticidad populares. De ahí provienen su grandeza y sus debilidades”⁵².

Eleito presidente, Madero instaurou um programa promovendo democracia, cidadania, liberdade de imprensa, organização de partidos políticos, congresso independente e fim das reeleições, mas não foi suficiente para satisfazer as demandas populares, pois os latifúndios não foram tocados e os camponeses não retomaram suas terras. Além disso, os generais que defenderam Porfirio Díaz permaneceram nos seus postos no exército. Sem se impressionar com os compromissos de Madero, Zapata lançou o seu próprio *Plan de Ayala* em novembro de 1911, exigindo a transferência de toda a terra para os indígenas que a cultivavam. Aproveitando a situação de instabilidade, o general Victoriano Huerta, com o apoio da embaixada dos Estados Unidos, sublevou-se e assumiu a presidência em 1913, após ordenar o assassinato de Madero. Esse ato acabou por unificar as lutas revolucionárias contra o golpe de Huerta:

Por cuanto pueblo pasaba, el general averiguaba las condiciones de trabajo y expedía decretos reduciendo la jornada a ocho horas y repartiendo las tierras entre los campesinos. Si había una hacienda en el lugar, mandaba quemar la tienda de raya. Si había prestamistas – y siempre estaban allí, si no habían huido con los federales – declaraba nulas todas las deudas. Lo malo era que la mayor parte de la población andaba en armas y casi todos eran campesinos, de manera que faltaba quien se encargara de aplicar los decretos del general. Entonces era mejor que le quitaran en seguida el dinero a los ricos que quedaban en cada pueblo y esperaran a que triunfara la revolución para legalizar lo de las tierras y lo de la jornada de ocho

⁵¹ FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997, p. 460.

⁵² PAZ, Octavio. De la Independencia a la Revolución. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 207.

horas. Ahora había que llegar a México y correr de la presidencia al borracho Huerta, el asesino de don Panchito Madero.⁵³

Enquanto a Revolução seguia, as execuções dos decretos revolucionários iam sendo adiadas até a queda de Huerta, que acabou destituído em 1914. Porém, com a proclamação de Venustiano Carranza como novo presidente, surgiram outros conflitos entre as facções revolucionárias. Enquanto Carranza, apoiado por intelectuais, proprietários de terras e comerciantes de classe média, desejava um Estado nacional forte, Zapata e Villa aspiravam justiça social baseada em governos locais. Os diferentes exércitos que lutaram juntos contra Huerta voltaram-se uns contra os outros. De um lado Zapata e Villa, do outro Carranza e Álvaro Obregón:

El destacamento de exploración caminaba sin pedir rumbo ni señas, guiado sólo por el olfato del capitán, que creía conocer las mañas y las rutas de las columnas, ahora jironeadas y en fuga, de Francisco Villa.
(...) Quizá sólo los hombres de Pancho Villa han cruzado esta tierra, pensó, y por eso pudieron ganar, antes, ese rosario de victorias guerrilleras que quebraron el espinazo de la dictadura. Maestros de la sorpresa, del cerco, de la fuga veloz después del golpe. Todo lo contrario de su escuela de armas, la del general Álvaro Obregón, que era la de la batalla formal, en llano abierto, con dispositivos exactos y maniobras sobre terreno explorado.⁵⁴

Entre as metas dos zapatistas estava a restauração dos direitos das comunidades sobre as terras, resgatando os *capulli*, sistema de tradição pré-hispânica em que as terras não pertenciam individualmente a ninguém e eram exploradas coletivamente. Octavio Paz percebe distintas concepções entre aqueles que participaram da Revolução mexicana, dizendo:

Las revoluciones, hijas del concepto de tiempo lineal y progresivo, significan el cambio violento y definitivo de un sistema por otro. Las revoluciones son la consecuencia del desarrollo, como no se cansaron de decirlo Marx y Engels. Las rebeliones son actos de grupos e individuos marginales: el rebelde no quiere cambiar el orden, como el revolucionario, sino destronar al tirano. Las revueltas son hijas del tiempo cíclico: son levantamientos populares contra un sistema reputado injusto y que se proponen restaurar el tiempo original, el momento inaugural del pacto entre los iguales.⁵⁵

Nesse sentido, a Revolução de Carranza procurou impor um plano nacional de progresso, de transformação das infra-estruturas e de modernização, unificando a diversidade das sociedades mexicanas através de uma visão de Estado centralizado capaz de enfrentar as constantes pressões estrangeiras, sobretudo dos Estados Unidos. Diferentemente, os

⁵³ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 102-103.

⁵⁴ Idem, p. 248; 257.

⁵⁵ PAZ, Octavio. Vuelta a "El laberinto de la soledad". (Conversación con Claude Fell). In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de cultura Económica, 1989, p. 236.

propósitos do rebelde Pancho Villa dirigiam-se a derrotar a ditadura de Porfirio Díaz e, depois, a liderança do próprio Carranzas. A perspectiva de uma reintegração do passado pré-hispânico à história mexicana e a proposta de um regresso às origens foram as lutas de Zapata. Entre 1914 e 1915, o povo do estado de Morelos vivenciou a devolução e repartição de terras e organizou uma sociedade baseada na exploração agrícola através do trabalho coletivo. Carlos Fuentes assinala:

Los campesinos de Morelos, bajo el zapatismo, hicieron realidad el sueño modesto y profundo por el que tanto habían luchado. Lejos de anclarse en la resignación, demostraron que una cultura agraria podía escapar al fatalismo y adquirir una organización civil y económica, humana y funcional sobre bases locales. Ellos demostraron que los mexicanos podían gobernarse a sí mismos democráticamente.⁵⁶

A participação zapatista na Revolução mexicana foi uma tentativa de reconciliação com o mundo pré-hispânico e sua reintegração à história do México, com o povo adentrando-se em si mesmo para extrair do seu passado a sua filiação: “Todos tienen tanta fe en que ahora las cosas cambiarán”⁵⁷. Porém essas não foram as diretrizes traçadas pela Constituição de 1917 que, se por um lado, prometia reforma agrária, por outro, não a efetivava, caracterizando o mascaramento do governo revolucionário:

Vamos entregándoles esas tierras a los campesinos, que al fin son tierras de temporal y les rendirán muy poco. Vamos parcelándolas para que sólo puedan sembrar cultivos menores. Ya verá usted que en cuanto tengan que agradecernos eso, dejarán a las mujeres encargadas de las tierras malas y volverán a trabajar nuestras tierras fértiles. Mire no más: si hasta puede usted pasar por un héroe de la reforma agraria, sin que le cueste nada.⁵⁸

Os entraves entre a Revolução triunfante e os guerrilheiros populares foram inevitáveis, fazendo com que o México vivesse guerras internas durante toda uma década: “Son muchos años de pelear, desde que nos levantamos contra don Porfirio. Luego peleamos con Madero, luego contra los colorados de Orozco, luego contra los pelones de Huerta, luego contra ustedes los carranclanes de Carranza”⁵⁹, o que acabou provocando o assassinato de Zapata, em 1919, e de Villa em 1923. Carranza também teve o mesmo fim, após manipulações e divergências nas eleições de 1920: “A veces, me parece que la falta de sangre y de muerte nos desespera. Es como si sólo nos sintiéramos vivos, rodeados de destrucción y

⁵⁶ FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997, p. 454.

⁵⁷ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 65.

⁵⁸ Idem, p. 79.

⁵⁹ Idem, p. 269.

fusilamientos”⁶⁰, reflexiona a personagem don Gamaliel em *La muerte de Artemio Cruz*. No governo do general Álvaro Obregón, o ministro da educação José Vasconcelos proporcionou grande impulso educacional e cultural com, por exemplo, a criação de escolas rurais dedicadas à alfabetização e a entrega de edifícios públicos aos muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Clemente Orozco, entre outros, que realizaram uma arte que integrava as tradições indígenas. No campo político e econômico, entretanto, após uma década sangrenta, Obregón pacificou o país comprometendo-se com oligarquias empresariais manipuladas por interesses estrangeiros. Chegou a instaurar os *ejidos*, sistema agrário comunitário reivindicado pelos zapatistas, mas ao mesmo tempo manteve ainda grandes propriedades rurais. Depois encaminhou o seu sucessor na presidência, Plutarco Elías Calles, e em 1928, desrespeitando a consigna da não reeleição, quis voltar ao cargo, mas foi assassinado logo após vencer o pleito. A Revolução institucionalizada fracassou nos propósitos de democratizar o país, oferecer condições dignas aos camponeses e aos operários e construir uma nação moderna. Substituiu a ditadura de um caudilho pela de um partido único – Partido Nacional Revolucionário, transformado em Partido da Revolução Mexicana e que hoje se chama Partido Revolucionário Institucional (PRI) – que elegeu sucessivamente, muitas vezes de forma fraudulenta, os presidentes de todo o século XX. Na análise de Octavio Paz, em “Las ilusiones y las convicciones”,

Los revolucionarios – instintivos, directos, con la sabiduría innata del que ignora las letras pero no la dureza de la vida y sus injusticias – eran la verdad de México. Una verdad escondida en sus entrañas y que repentina y violentamente la explosión revolucionaria había revelado. Pero esa verdad, al contacto con el poder, se había gastado, desfigurado y corrompido; vuelta caricatura de sí misma, era ya mentira, dolo, opresión.⁶¹

3.5 Um tempo de miragens

No final da década de 1930, um último radical, o presidente Lázaro Cárdenas, nacionalizou as empresas petrolíferas estrangeiras, recebeu os exilados republicanos da Guerra Civil espanhola e retomou a reforma agrária. Seus sucessores, entretanto, entrincheiraram-se no poder, perpetuando um tempo de *muros pintados, anunciando cervezas*,

⁶⁰ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 62.

⁶¹ PAZ, Octavio. Las ilusiones y las convicciones. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomo I, Vol. 2. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 101.

*propaganda del PRI, elecciones próximas o pasadas*⁶², manipuladas descaradamente para as contínuas vitórias do partido governista, distante já das aspirações populares. Em 1968, o governo do PRI reprimiu brutalmente as manifestações estudantis com uma matança junto às ruínas de Tlatelolco, repetindo o massacre dos conquistadores espanhóis no mesmo local, no século XVI. Adaptados à corrupção e às reformas de mercado, os governos do PRI sustentaram as negociatas de empresários que concentraram riquezas e manipularam a política em benefício dos seus interesses, como a personagem Artemio Cruz:

Recibirás la visita de tu socio norteamericano, le harás ver los peligros de estos mal llamados movimientos de depuración sindical. Después pasará a la oficina tu administrador, Padilla, y te dirá que los indios andan agitando y tú, a través de Padilla, le mandarás decir al comisario ejidal que los meta en cintura, que al fin para eso le pagas. Trabajarás mucho ayer en la mañana. Estará a verte el representante de ese benefactor latinoamericano y tú obtendrás que aumenten el subsidio a tu periódico. Llamarás a la cronista de sociales y le ordenarás que meta en su columna una calumnia sobre ese Couto que te está dando guerra en los negocios de Sonora. ¡Harás tantas cosas! Y luego te sentarás con Padilla a contar tus haberes. Eso te divertirá mucho. Todo un muro de tu despacho estará cubierto por ese cuadro que indica la extensión de y las relaciones entre los negocios manejados: el periódico, las inversiones en bienes raíces – México, Puebla, Guadalajara, Monterrey, Culiacán, Hermosillo, Guaymas, Acapulco –, los domos de azufre en Jáltipan, las minas de Hidalgo, las concesiones madereras en la Tarahumara, la participación en la cadena de hoteles, la fábrica de tubos, el comercio del pescado, las financieras de financieras, la red de operaciones bursátiles, las representaciones legales de compañías norteamericanas, la administración del empréstito ferrocarrilero, los puestos de consejero en instituciones fiduciarias, las acciones en empresas extranjeras – colorantes, acero, detergentes – y un dato que no aparece en el cuadro: quince millones de dólares depositados en bancos de Zurich, Londres y Nueva York.⁶³

As políticas voltadas à globalização não evitaram as constantes crises econômicas e o empobrecimento da população: “se acabó la lana, llegó la crisis, (...) y ni así se acabó la corrupción, jodido país, chingado país, desesperado país como una rata sobre una noria, haciéndose la ilusión de que camina pero nunca cambia de lugar”⁶⁴. Em 1994, a adesão do México ao Tratado de Livre Comércio com Canadá e Estados Unidos fez ressurgir o movimento zapatista no estado de Chiapas, inconformado este com a subserviência às políticas econômicas dos países ricos. Nas últimas décadas, são milhares de mexicanos que vêm emigrando ilegalmente para os Estados Unidos em busca de trabalho. As ajudas

⁶² FUENTES, Carlos. Río grande, río bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 287.

⁶³ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b), p. 22-23.

⁶⁴ FUENTES, Carlos. Río grande, río bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 304.

financeiras que enviam para seus familiares representam, depois da exportação do petróleo e do turismo, a terceira fonte de entrada de dólares no país. Em muitos povoados

Los viejos y los niños, los escasos comerciantes, hasta los poderes políticos, se acostumbraron a vivir de esto. Era el principal y puede que el único ingreso del pueblo. ¿Para qué inventarse otro? Las remesas eran hospital, seguro social, pensión, maternidad, todo junto.⁶⁵

A modernidade almejada por distintos dirigentes mexicanos, desde o fim da colônia até o presente, sempre esteve direcionada no sentido de buscar no exterior os modelos de progresso. Primeiro, europeizando o país e, depois, reproduzindo no México os valores estadunidenses impostos por economias de mercado, globalização e sociedades de consumo. Essa idéia de modernidade concebe a história como um processo linear que coloca o México – e também toda a América Latina – em situação de atraso e dívida. A Revolução foi o único episódio da história mexicana que rompeu com essa sistemática, realizando uma revelação de suas tradições. Sua institucionalização, entretanto, ao desconsiderar as culturas locais de cada região, voltou a enterrar o passado ao traçar como único projeto a construção do futuro. Essa prática beneficiou o futuro de alguns, relegando à grande maioria da população os velhos problemas básicos de saúde, educação e trabalho que esperam soluções há centenas de anos. Em lugar de uma filosofia de futuro ou de passado, Octavio Paz propõe a busca de uma “tradição moderna” através da reflexão do presente como lugar de encontro de todos os tempos:

Presente intacto, recién desenterrado, que se sacude el polvo de siglos, sonrío y, de pronto, se echa a volar y desaparece por la ventana. Simultaneidad de tiempos y de presencias: la modernidad rompe con el pasado inmediato sólo para rescatar el pasado milenario y convertir a una figurilla de fertilidad del neolítico en nuestra contemporánea.⁶⁶

No mesmo caminho, Carlos Fuentes argumenta que “en el interior de nuestras culturas debemos elaborar incesantemente la inmensa riqueza de nuestras tradiciones”⁶⁷ e assim enfrentar os desafios da interdependência econômica, das revoluções tecnológicas e da instantaneidade das comunicações. E sentencia: “Más que nunca, hoy debemos radicarnos en

⁶⁵ FUENTES, Carlos. Río grande, río bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 288.

⁶⁶ PAZ, Octavio. *La búsqueda del presente*. Paris: Gallimard, 1990, p. 63.

⁶⁷ FUENTES, Carlos. Mantener un lenguaje o sucumbir al silencio. Entrevista concedida a María Victoria Reyzábal. In: HERNÁNDEZ, Jorge (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 128.

el presente para tener tanto futuro como pasado”⁶⁸. Comprometido com a história, a cultura e a identidade mexicana, esse tem sido o papel da produção de Carlos Fuentes, destacando o presente e recuperando a memória do passado através da novidade trazida pelo vigor da imaginação.

⁶⁸ FUENTES, Carlos. Mantener un lenguaje o sucumbir al silencio. Entrevista concedida a María Victoria Reyzábal. In: HERNÁNDEZ, Jorge (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p. 127.

4 ENTRE MARGENS DA HISTÓRIA

Un día descubrí que no avanzaba sino que volvía al punto de partida: la búsqueda de la modernidad era un descenso a los orígenes. La modernidad me condujo a mi comienzo, a mi antigüedad.

Octavio Paz, *La búsqueda del presente*.

Siempre pudo ocurrir exactamente lo contrario de lo que la crónica consigna. Siempre.

Carlos Fuentes, *Las dos orillas*.

No conto “Las dos orillas” (As duas margens), que constitui um dos cinco relatos que fazem parte de *El naranjo o los círculos del tiempo* (A laranjeira), de 1993, Carlos Fuentes traz ao presente o testemunho de uma personagem da história que participou da conquista do México. Leitor de Machado de Assis, Carlos Fuentes retoma recurso narrativo utilizado pelo escritor brasileiro em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para criar um narrador *post-mortem* que revive com a palavra a partir de um tempo e um espaço ocupado na morte. Esse narrador realiza um exercício de memória não para reescrever uma história verdadeira, como desejou o cronista Bernál Díaz del Castillo, mas para inventar uma realidade: “cuando palabra, imaginación y mentira se confunden, su producto es la verdad...”¹, sinaliza o narrador. Dessa forma, a verdade da ficção nasce da mentira e constrói uma realidade reconfigurada pela imaginação. Mas qual seria o seu propósito? “Esta pregunta, lector, me obliga a una pausa reflexiva antes de que los acontecimientos, una vez más, se precipiten, siempre más veloces que la pluma del narrador, aunque en esta ocasión se escriban desde la muerte”², intervém, à maneira de Brás Cubas, Jerónimo de Aguilar, o narrador de “Las dos orillas”. Considerando Machado de Assis o melhor romancista latino-americano do século XIX, Carlos Fuentes não esquece a lição dos seus precursores:

¹ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c). p. 33.

² Idem, p. 34.

En Brás Cubas y Dom Casmurro, Machado es el único capaz de entender la profunda lección de Cervantes y de los dos grandes europeos manchegos, Sterne y Diderot. Ficción como celebración y crítica de la ficción. Crítica de la lectura y crítica de la autoría. La realidad fundada en la imaginación. La burla y la mezcla de géneros. La poética de la digresión. La novela como repertorio de posibilidades.³

Buscando possibilidades históricas, desde sua tumba, a personagem Jerónimo de Aguilar narra a sua trajetória como *lengua* (tradutor) de Hernán Cortés após ter sido resgatado por este, depois de oito anos de convívio entre os indígenas, tempo suficiente para aprender a língua dos maias do sul do México. Portanto, é no diálogo com a história que o texto de Carlos Fuentes se desenvolve, onde o deslocamento entre as fronteiras da ficção e da realidade produzem novos significados para a interpretação dos acontecimentos do passado. Ao se contar o passado, narra-se uma representação redefinida pela percepção da memória, memória que seleciona fatos e carrega uma ideologia. O escritor Helder Macedo observa:

o mesmo período ou acontecimento histórico pode sempre ser representado de outra maneira, refletindo uma perspectiva diversa. Ou até com os mesmos fatos, “retocados” de modo a adquirirem outras significações que refletem outras ideologias. (...) A matéria da História pode, portanto, ser a mesma, mas a História vai-se tornando sempre diferente.⁴

Assim, o passado é sempre uma novidade. Ele está vivo e, ao reaparecer, chega sempre como uma primeira vez, reconfigurado pelo entrecruzamento da história com a literatura.

Conforme registram as crônicas da Conquista, Jerónimo de Aguilar fez parte de uma expedição espanhola que afundou na costa do México em 1511 e, juntamente com o seu companheiro de naufrágio Gonzalo Guerrero, passou a viver entre os indígenas maias na Península de Yucatán até ser incorporado à expedição de Hernán Cortés. O narrador do conto de Carlos Fuentes diz que Gonzalo Guerrero não teve o mesmo destino, pois preferiu seguir vivendo entre os indígenas:

- Hermano Aguilar – me dijo Guerrero cuando llegaron los españoles –: Yo soy casado, tengo tres hijos, y aquí me tienen por cacique y capitán cuando hay guerras. Idos vos con dios; pero yo tengo labrada la cara y horadadas las orejas. ¿Qué dirán de mí cuando me vean los españoles de esta manera? Y ya veis mis tres hijitos cuánto bonicos son, y gustosa mi hembra...

³ FUENTES, Carlos. Sociedades cada vez más novelables. In: Jornal *Clarín*. Suplemento Cultura y Nación. Buenos Aires, 4 de novembro de 2001, p. 6.

⁴ MACEDO, Hélder. As telas da memória. In: CARVALHAL, Tania F.; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). *Literatura e história*: três vozes de expressão portuguesa. Porto Alegre: UFRGS, 1999, p. 39.

Esta también me increpó muy enojada, diciéndome que me largara ya con los españoles y dejara en paz a su marido...⁵

Praticamente, essas palavras são as mesmas do cronista Bernal Díaz para narrar o mesmo episódio⁶, evidenciando as marcas do texto do soldado espanhol em “Las dos orillas”. Fato que se repete na descrição feita por Jerónimo de Aguilar no momento do seu encontro com os espanhóis: “Así me vieron: Moreno, trasquilado, remo al hombro, calzando viejísimas cotaras irreparables, manta vieja muy ruin y una tela para cubrir mis vergüenzas”⁷. Tal qual o texto de Bernal Díaz: “...era moreno y tresquilado a manera de indio esclavo, y traía un remo al hombro, una cotara vieja calzaba y una manta vieja muy ruin, e un braguero peor, con que cubría sus vergüenzas”⁸. Embora o narrador ultratumba outra vez utilize os termos do cronista espanhol, não há hierarquia de um texto sobre o outro, mas uma história que é narrada a partir do discurso de outra personagem, revitalizando o texto de Bernál Díaz, que ampara a descrição dos fatos históricos, mas subvertendo a autoridade do cronista. Esse texto já não é a voz de um soldado conquistador, mas a de uma personagem que quer situar-se na defesa do mundo indígena por sentir-se em dívida com aqueles que o acolheram. Nesse sentido, pode-se deduzir que Jerónimo de Aguilar não se sente resgatado por Hernán Cortés, como se poderia pensar a partir da leitura das crônicas que relatam esse encontro, mas de algum modo conquistado, tal como foram os indígenas entre os quais viveu por anos e de quem aprendeu a língua maia. De aí que se pergunte: “¿Me redescubrí a mí mismo al regresar a la compañía y a la lengua de los españoles?”⁹

Jerónimo de Aguilar revela: “Cincoenta y ocho veces soy mencionado por el cronista Bernal Díaz del Castillo en su Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España”¹⁰. No

⁵ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 55.

⁶ Conforme citação desta dissertação no capítulo “O tempo frente ao espelho: reflexos de história e ficção”, p. 43.

⁷ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 51.

⁸ CASTILLO, Bernál Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Barcelona: Plaza & Janés, 1998, p. 108.

⁹ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 51.

¹⁰ *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*, de Bernal Díaz del Castillo, publicada em 1632, começou a ser escrita ao redor do ano de 1563, ou seja, mais de 40 anos depois dos acontecimentos da conquista do império asteca, quando o cronista já beirava os 70 anos de idade. Bernal Díaz del Castillo reivindicava corrigir distorções de outros cronistas, principalmente de Francisco Luiz de Gómara, que não participaram da conquista. É possível que muito do descrito por Bernal Díaz del Casatillo seja também invenção, como ironiza o narrador Jerónimo de Aguilar: *El escritor posee una memoria prodigiosa; recuerda todos los nombres, no se le olvida un solo caballo, ni quien lo montaba* (p. 14-15). Sobre essa questão, Fernanda de Souza e Silva, em seu texto “Memória e ideologia” (In: ABRALIC, Anais do Congresso Literatura e Memória Cultural, Belo Horizonte, 1990, p. 122), diz: “Embora poderosíssima, a memória é também muito frágil. Constantemente ameaçada pelo esquecimento, é sobretudo afetada pelas lembranças distorcidas, pelo ressentimento e pela mágoa que tudo pode falsear”.

entanto, essa “severa limitación”, como caracteriza o narrador, de suas aparições na crônica do soldado espanhol não o impede de contar tudo: “Yo vi todo esto. La caída de la gran ciudad azteca, en medio del rumor de atabales, el choque del acero contra el pedernal y el fuego de los cañones castellanos”¹¹. Recorrendo à memória do narrador de “Las dos orillas”, Carlos Fuentes apresenta um texto estrelado por múltiplas versões históricas, onde a realidade descoberta é inventada pela imaginação: “Inventamos lo que descubrimos; descubrimos lo que imaginamos. Nuestra recompensa es el asombro.”¹²

O jogo dos discursos e o conflito das palavras pelo poder é constante em “Las dos orillas”. A crônica de Bernal Díaz del Castillo, que já polemizava com seus contemporâneos, é confrontada com a narrativa de Jerónimo de Aguilar, ficção que, através do texto de um tradutor-traidor, alcança a realidade por meio de falsas palavras no processo de tradução do discurso do conquistador. A personagem Jerónimo de Aguilar conta que, querendo defender o mundo indígena, burlava-se de Hernán Cortés e traduzia as palavras espanholas segundo sua vontade, procurando alertar Montezuma e aclarar a Cuauhtémoc (Guatemuz, no conto, conforme denominação nas crônicas do século XVI) sobre as reais intenções do conquistador:

Traduje a mi antojo. No le comuniqué al príncipe vencido [Cuauhtémoc] lo que Cortés realmente le dijo, sino que puse en boca de nuestro jefe una amenaza: - Serás mi prisionero, hoy mismo te torturaré, quemándote los pies igual que a tus compañeros, hasta que confieses dónde está el resto del tesoro de tu tío Moctezuma (...)

Mas como así sucedió en efecto, convirtiéndose mis falsas palabras en realidad, ¿no tuve razón en traducir al revés al capitán y decirle, con mis mentiras, la verdad al azteca?¹³

O *veni, vidi, vinci* de César muda aqui para um não menos sugestivo e conciso “traduje, traicioné, inventé”¹⁴:

Sucedió exactamente lo que yo, mentirosamente, inventé.
Por todo ello no duermo en paz. Las posibilidades incumplidas, las alternativas de la libertad, me quitan el sueño.
La culpable fue una mujer.¹⁵

¹¹ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 13.

¹² _____. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 47.

¹³ _____. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 21-22.

¹⁴ Idem, p. 21.

¹⁵ Idem, p. 23.

A palavra, a tradução, de Jerónimo de Aguilar encontra oposição na palavra, tradução, de Malinche. Princesa escrava que se tornou amante de Hernán Cortés, Malinche, batizada Marina pelos espanhóis, foi figura decisiva da Conquista espanhola no continente americano por prestar informações sobre as divisões e discórdias que existiam entre os povos indígenas sob o Império asteca. Apesar desse crucial papel desempenhado por Malinche na história, a documentação que dá relato sobre a sua vida é inconsistente, frágil e às vezes incoerente. As crônicas dos conquistadores não podem ser totalmente confiáveis, pois representam Malinche de acordo com os seus modelos culturais e literários, que a falsificam e a ficcionam. Francisco Luiz de Gómara, por exemplo, descreve os episódios da Conquista e comenta sobre Malinche sem nunca ter pisado na América; Bernál Díaz del Castillo, soldado que acompanhou Hernán Cortés e presenciou os fatos, apresenta Malinche como uma donzela de novelas de cavalaria, seguindo qualidades morais de uma personagem medieval européia. O próprio Hernán Cortés, em suas *Cartas de relación* dirigidas ao rei Carlos V, mais preocupado em justificar e engrandecer cada uma de suas ações militares e políticas, faz apenas alusões discretas a Malinche, quase sempre sem nomeá-la, caracterizando-a simplesmente por *lengua*. Mesmo sendo uma atribuição central, é muito pouco para quem não só traduziu, mas informou ao conquistador as fraquezas do império de Montezuma e, também, foi mãe de Martín Cortés, considerado simbolicamente o primeiro mestiço americano. Já os testemunhos indígenas recolhidos pelo frei Bernardino de Sahagún, nos primeiros anos após a conquista, tomam como históricos relatos que eram míticos, distorcendo assim a temporalidade dos acontecimentos. Nos *códices* elaborados pelos próprios indígenas, embora sejam limitadas as suas aparições, Malinche está caracterizada como uma figura central detentora de um elevado status social, tanto nos textos dos aliados dos espanhóis, como é o *Lienzo de Tlaxcala*, quanto nos documentos leais a Tenochtitlán, como é o *Códice florentino*. Entretanto, além de não informarem o passado de Malinche antes do seu encontro com Cortés, apresentam profundas discordâncias: no primeiro, Malinche é apresentada como uma indígena que sabe operar e manipular os valores políticos e religiosos do momento, enquanto que, no outro, é expressada uma hostilidade e um ressentimento com aquela que esteve ao lado dos conquistadores. Apesar da fragilidade de todos esses textos, eles coincidem em muitos aspectos e revelam alguns dados sobre a vida de Malinche e sua atuação como tradutora, juntamente com Jerónimo de Aguilar, do conquistador Hernán Cortés. Nascida em uma nobre família náhuatl, ainda criança fora vendida como escrava, tendo convivido com diferentes grupos indígenas até ser entregue aos espanhóis. Dessa forma, sabia falar tanto o idioma dos astecas quanto a língua dos maias. Foi por essa sua capacidade que Hernán Cortés, ao chegar no Golfo do

México, converteu Malinche em sua *lengua*, completando o elo que faltava para a comunicação com os indígenas na região dominada pelos astecas, pois o seu intérprete Jerónimo de Aguilar, que sabia maia, não conhecia o idioma náhuatl. Estabeleceu-se então uma conexão no diálogo em que Hernán Cortés falava espanhol, Jerónimo de Aguilar traduzia para o maia e Malinche relatava em náhuatl, a língua dos astecas. No caminho inverso, seguia o discurso dos indígenas:

Los mexicanos le decían a la mujer [Malinche] las cosas que ella me decía a mí en maya para que yo las tradujera al español. Y aunque ésta era ya una ventaja para ella, pues podía inventar lo que quisiera al pasar del náhuatl al maya, yo seguía siendo el amo de la lengua. La versión castellana que llegaba a oídos del conquistador, era siempre la mía.¹⁶

Disputas de poder, interesses, jogos e paixões traduzem, inventam e traem as palavras em todos os idiomas:

No hay peligro, le dije a Cortés, sabiendo que lo había.
Hay peligro, le dijo Marina a Cortés, sabiendo que no lo había.
Yo quería perder al conquistador para que nunca llegara a las puertas de la Gran Tenochtitlán: que Cholula fuese su tumba, el final de su audaz jornada.
Marina quería un escarnio contra Cholula para excluir futuras traiciones. Ella tenía que inventar el peligro.¹⁷

No seu relacionamento com Hernán Cortés, Malinche acabou por aprender a língua espanhola, dispensando a intervenção de Jerónimo de Aguilar e impedindo que o tradutor espanhol continuasse deformando as palavras do conquistador. O narrador de “Las dos orillas” diz que foi ela a única tradutora na negociação com os cholultecas para a entrada dos espanhóis na cidade da “pirámide más grande de todas, un panal de siete estructuras contenidas una dentro de la otra y comunicadas entre sí por hondos laberintos de reverberaciones rojas y amarillas”¹⁸. Os caciques negaram a passagem dos violentos e inimigos tlaxcaltecas que acompanhavam Cortés, e este, por sua vez, exigiu que os indígenas de Cholula abandonassem os seus ídolos, provocando uma surpresa com “un tono difícil de definir, entre lamento y desafío, entre suspiro y cólera”¹⁹. Jerónimo de Aguilar já não foi requisitado e não participou nessa discussão:

Todo esto lo tradujo del mexicano al español La Malinche, y yo, Jerónimo de Aguilar, el primero entre todos los intérpretes, me quedé en una suerte de limbo, esperando mi turno para traducir al castellano hasta que (...) me di cuenta de que

¹⁶ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 37.

¹⁷ Idem, p. 44.

¹⁸ Idem, p. 38.

¹⁹ Idem, p. 39.

Jerónimo de Aguilar ya no hacía falta, la hembra diabólica lo estaba traduciendo todo, la tal Marina hideputa y puta ella misma había aprendido a hablar el español, la malandrina, la mohatrera, la experta en mamonas, la coima del conquistador, me había arrebatado mi singularidad profesional, mi insustituible función, vamos, por acuñar un vocablo, mi monopolio de la lengua castellana...²⁰

Sem renunciar aos seus ídolos, os cholultecas permitiram a entrada dos espanhóis na sua cidade, confirmando que Jerónimo de Aguilar já não era imprescindível na comunicação entre o conquistador Hernán Cortés e os caciques indígenas:

Lo dijeron a través de La Malinche, que lo tradujo del mexicano al español mientras yo me quedaba como un soberano papanatas, meditando sobre el siguiente paso para recuperar mi dignidad maltrecha. (Me quedo corto: la lengua era más que la dignidad, era el poder; y más que el poder, era la vida misma que animaba mis propósitos, mi propia empresa de descubrimiento, único, sorprendente, irrepetible...)²¹

Sem a interferência de Jerónimo de Aguilar, Malinche pôde alertar Hernán Cortés que os cholultecas estavam conspirando contra os espanhóis, pois haviam suspendido a entrega de alimentos e tinham já “aperejadas las ollas con sal, ají y tomates”²² [sic]. A personagem Jerónimo de Aguilar coloca em dúvida a palavra de Malinche: “¿Es cierto, o inventaba doña Marina tanto como yo?”²³. As informações sobre a cultura, a doutrina e a política asteca que Malinche revelou foram muito úteis para os espanhóis chegarem em Tenochtitlán e serem recebidos como *teúles*, deuses há muito tempo aguardados pelos astecas. Sabedor dos mitos e das discórdias entre os povos indígenas geradas pela cobrança que o Império asteca fazia de tributos em riquezas, alimentos e escravos para os sacrifícios humanos, Cortés aproveitou-se das indicações de Malinche para fazer triunfar a Conquista: “Fue ella la que le reveló a Cortés que el imperio azteca estaba dividido, los pueblos sujetos a Moctezuma lo odiaban, pero también se odiaban entre sí y los españoles podían pescar en el río revuelto”²⁴. Personagem *entremetida y desenvuelta*, como a qualificou Bernál Díaz del Castillo, muitas vezes Malinche assumiu autonomia no discurso e ela mesma determinou as ações, antecipando-se às palavras de Hernán Cortés, sem que fossem necessárias as instruções do conquistador. Na ocasião da prisão de Montezuma, querendo o imperador asteca reverter as ordens do capitão espanhol e sob ameaças de Pedro de Alvarado – esse sim sem entender o uso das palavras, querendo simplificar a situação: “¿Qué haces con tantas palabras? O le llevamos preso o le daremos de

²⁰ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 39.

²¹ Idem, p. 41-42.

²² Idem, p. 44.

²³ Idem, p. 44.

²⁴ Idem, p. 35.

estocadas”²⁵ –, foi ela quem resolveu a questão, para espanto do narrador Jerónimo de Aguilar:

Una vez más, fue la intérprete doña Marina la que decidió la contienda, aconsejándole con fuerza al Rey: - Señor Moctezuma, lo que yo os recomiendo es que vayáis luego con ellos a su aposento sin ruido alguno. Sé que os harán honra, como gran señor que sois. De otra manera, aquí quedarás muerto. Ustedes entienden que esto se lo dijo la mujer al emperador por su propia iniciativa, no traduciendo a Cortés, sino hablando con fluidez la lengua mexicana de Moctezuma.²⁶

Dono absoluto da palavra entre os astecas, Montezuma, o *Tlatoani*, ou seja, Senhor da Grande Voz, desde que recebeu os espanhóis em Tenochtitlán, foi perdendo pouco a pouco o domínio sobre as palavras: “Otros, los extranjeros, pero también esta tabasqueña, eran dueños de un vocabulario vedado a Moctezuma. ¿A cuántos más acabaría por extenderse el poder de la palabra?”²⁷. Despojado de seus atributos pelo discurso cristão do europeu, que dizia que o próprio filho de Deus já havia se sacrificado pelos homens, não havendo a necessidade de sacrifícios humanos imposta pelo Império asteca para a manutenção do sagrado Quinto Sol, o sol concebido através do sacrifício de um deus e que exigia o sangue e os corações de seres humanos para manter o seu movimento e voltar todos os dias, Montezuma não tomou nenhuma iniciativa para reagir contra a investida dos conquistadores, pois para ele tudo já teria sido preconcebido pelos deuses e a ele “sólo le correspondía desempeñar el papel determinado por el ceremonial religioso y político”²⁸. Não era preocupação de Montezuma defender-se da ameaça espanhola, mas simplesmente saber a resposta de uma pergunta urgente: “¿Volverá a amanecer?”²⁹. Em contrapartida, Jerónimo de Aguilar se perguntava: “¿Lo entendíamos, cobijado como estaba en otro tiempo, el del origen, que para él era tiempo actual, inmediato, refugio y amenaza portentosos?”³⁰. Apesar de tentar fazer com que Montezuma reagisse, Jerónimo de Aguilar compreendia a atitude do imperador asteca: “Todo el poder, la elegancia, la lejanía misma de Moctezuma, eran el disfraz de un hombre recién llegado a las regiones de la aurora. Era el testigo del primer grito y del primer terror”³¹. No seu contato com os maias na Península de Yucatán, Jerónimo de Aguilar sentiu que “los humedecía aún el barro de la creación, la proximidad de los dioses”³² e aprendeu valores

²⁵ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 30.

²⁶ Idem, p. 30.

²⁷ Idem, p. 31.

²⁸ Idem, p. 33.

²⁹ Idem, p. 35.

³⁰ Idem, p. 34.

³¹ Idem, p. 35.

³² Idem, p. 34.

sobre a vida e sobre a morte diferentes do que conhecia na Europa: “Me enamoré de mi nuevo pueblo, de su sencillez para tratar los asuntos de la vida, dando cauce natural a las necesidades diarias sin disminuir la importancia de las cosas graves”³³. Assim, tomou consciência da necessidade de cuidar da terra, do ar e da água. Soube que a natureza era uma dádiva que fora preservada pelas gerações anteriores e que era uma riqueza a ser deixada para as futuras gerações indígenas:

Sus cuentos mágicos, sus ceremonias, sus oraciones, no tenían, me di cuenta, más propósito que mantener viva y fecunda la tierra, honrar a los antepasados que la habían, a su vez, mantenido y heredado, y pasarla en seguida, pródiga o dura, pero viva, a los descendientes. (...) Era el obsequio cotidiano que los indios, al servir a la naturaleza, se hacían a sí mismos. Vivían para sobrevivir, es cierto; pero también vivían para que el mundo continuara alimentando a sus descendientes cuando ellos muriesen.³⁴

Jerónimo de Aguilar aprendeu que, na concepção indígena, o nascimento e a morte eram acontecimentos igualmente dignos de alegria e honra e que eram comemorados para celebrar o princípio e a continuidade de todas as coisas: “La muerte, para ellos, era el premio para la vida de sus descendientes”³⁵. Por essas razões, Jerónimo de Aguilar e seu companheiro Gonzalo Guerrero instituíram para si mesmos a missão não só de proteger o mundo indígena contra a invasão dos conquistadores, mas de levar para a Espanha formas de vida já esquecidas no continente europeu: “Nos empeñamos desde entonces en fortalecer esta misión y en devolverle a nuestra tierra española de origen el tiempo, la belleza, el candor y la humanidad que encontramos entre estos indios...”³⁶. Dessa forma, Gonzalo Guerrero permaneceu entre os indígenas com a intenção de organizá-los para uma futura invasão à Europa, enquanto Jerónimo de Aguilar juntou-se aos espanhóis para impedir a Conquista espanhola.

Ao aproximar presente, passado e futuro, o narrador de “Las dos orillas” ordena os fatos no entrecruzamento com o mundo mítico das civilizações pré-hispânicas através da idéia do tempo circular, pois Jerônimo de Aguilar narra os acontecimentos em direção ao passado, dividindo seu relato em onze partes em uma contagem regressiva iniciada em dez e finalizada em zero. Ou seja, inicia a narrativa com a queda de Tenochtitlán, passando depois pelo encontro de Hernán Cortés com Montezuma, segue com o encontro com Malinche e chega ao

³³ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 58.

³⁴ Idem. p. 58.

³⁵ Idem. p. 58.

³⁶ Idem, p. 61.

seu resgate na Península de Yucatán. A partir da sua aparição na história, como registram as crônicas do século XVI, Jerônimo de Aguilar volta ao ninho e, como pássaro, empreende novo vôo, nova narrativa, “enchendo o universo de estupor, enchendo com uma glória todas as obras escritas”³⁷:

Cuando llegué a Sevilla montado en mi estrella verbal, confundieron su fugacidad y su luz con la de un pájaro terrible, suma de todas las aves de presa que vuelan en la oscuridad más profunda, pero menos aterradora por su vuelo que por su aterrizaje, su capacidad de arrastrarse por la tierra con la mercúrea destrucción de un veneno: buitre de las alturas, serpiente del suelo, este ser mitológico que voló sobre Sevilla y se arrastró por Extremadura cegó a los santos y sedujo a los demonios de España, a todos espantó con su novedad y fue, como los caballos españoles en México, invencible.³⁸

Na última parte do seu relato, Jerónimo de Aguilar narra uma desejada Contraconquista, com Gonzalo Guerreio e os indígenas invadindo Sevilha em uma visita sem *cortesía*, estabelecendo um equilíbrio entre as civilizações européia e americana: “Yo vi todo esto. La caída de la gran ciudad andaluza, en medio del rumor de atabales, el choque del acero contra el pedernal y el fuego de los lanzallamas mayas. Vi el agua quemada del Guadalquivir y el incendio de la Torre de Oro”³⁹. Sua narração da Conquista indígena na Europa repete sua narração da Conquista espanhola na América, indicando um “perpétuo reinicio de historias perpetuamente inacabadas, pero sólo a condición de que las presida (...) la palabra”⁴⁰, como no *Chilam Balam*, “el cuento maya de los Dioses de los Cielos y de la Tierra”⁴¹. Pode surpreender então que Jerónimo de Aguilar utilize a língua espanhola no relato de sua memória, mas o narrador justifica com o argumento de que ela tem a capacidade de expressar suas pluralidades:

La lengua española ya había aprendido, antes, a hablar en fenicio, griego, latín, árabe y hebreo; estaba lista para recibir, ahora, los aportes mayas y aztecas, enriquecerse con ellos, enriquecerlos, darles flexibilidad, imaginación, comunicabilidad y escritura, convirtiéndolas a todas en lenguas vivas, no lenguas de los imperios, sino de los hombres y sus encuentros, contagios, sueños y pesadillas también.⁴²

A dualidade das conquistas mostra que a Conquista espanhola encontra o seu reflexo no *espejo humeante* dos astecas, invertendo a direção dos acontecimentos e devolvendo a invasão

³⁷ VALÉRY, Paul. Introdução ao método Leonardo Da Vinci. In: _____. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 166.

³⁸ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 69.

³⁹ Idem, p. 62.

⁴⁰ Idem, p. 68.

⁴¹ Idem, p. 68.

⁴² Idem, p. 65-66.

à outra margem do oceano. Mesclam-se memória e desejo na busca de uma simultaneidade de tempos que se encontram no presente. Octavio Paz destaca:

Los españoles encontraron en México no sólo una geografía sino una historia. Esa historia está viva todavía: no es un pasado sino un presente. El México precolombino, con sus templos y sus dioses, es un montón de ruinas pero el espíritu que animó ese mundo no ha muerto. Nos habla en el lenguaje cifrado de los mitos, las leyendas, las formas de convivencia, las artes populares, las costumbres. Ser escritor mexicano significa oír lo que nos dice ese presente, esa presencia. Oírla, hablar con ella, descifrarla: decirla... Tal vez después de esta breve digresión sea posible entrever la extraña relación que, al mismo tiempo, nos une y separa de la tradición europea.⁴³

A história disseminada por Carlos Fuentes a partir do solo americano reinventa o território mexicano do século XVI. Este não é mais uma extensão da coroa espanhola, um Novo Mundo, uma Nova Espanha, mas um lugar outro que ao mesmo tempo está em convergência e divergência com a Europa, conforme finaliza o conto: “Las palabras viven en las dos orillas. Y no cicatrizan”.⁴⁴

⁴³ PAZ, Octavio. *La búsqueda del presente*. Paris: Gallimard, 1990, p. 44.

⁴⁴ FUENTES, Carlos. Las dos orillas. In: _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c), p. 69.

5 CRUZANDO TEMPOS DE ARTEMIO CRUZ

¿Quién no será capaz, un solo momento de su vida – como tú – de encarnar al mismo tiempo el bien y el mal, de dejarse conducir al mismo tiempo por dos hilos misteriosos, de color distinto, que parten del mismo ovillo para que después el hilo blanco ascienda y el negro descienda y, a pesar de todo, los dos vuelvan a encontrarse entre tus mismos dedos?

Carlos Fuentes, *La muerte de Artemio Cruz*

Quando, em 1962, Carlos Fuentes publica *La muerte de Artemio Cruz*, o tema da Revolução mexicana (1910-1917) já havia sido explorado por outros escritores que cumpriam funções bem definidas: contar a história da Revolução através da perspectiva do historicismo, legitimando como verdade a posição política e ideológica de um partido que se perpetuava no poder. Em abordagem diferente, Carlos Fuentes aparece como um romancista que relata uma outra história, uma outra verdade que esses escritores não desenvolveram nas suas obras. Distante cronologicamente da época da Revolução, Carlos Fuentes retoma o passado do México e volta a contar as façanhas revolucionárias para colocá-las em confronto com os resultados do presente. Dessa forma, desconstrói a novela da Revolução como epopéia ao cruzar o tempo histórico com as tradições pré-hispânicas que ainda hoje se manifestam, apresentando uma nova estética da literatura mexicana e, assim, destacando-se como um dos protagonistas do *boom* literário latino-americano que recém iniciava, antes ainda da publicação, por exemplo, das consagradas obras *Rayuela*, de Julio Cortázar, e *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez.

Carlos Fuentes realiza uma abertura a características vanguardistas no desenvolvimento da escritura, apresentando em *La muerte de Artemio Cruz* uma estrutura

narrativa elaborada, reunindo no mesmo texto o passado, o presente e o futuro através de diferentes vozes narrativas de uma mesma personagem. Conforme Octavio Paz,

El eje invención verbal y crítica del lenguaje rige toda la obra de Fuentes (...). Cada una de sus novelas se presenta como un jeroglífico; al mismo tiempo, la acción invisible que las anima es una apasionada, tenaz tentativa por descifrar ese jeroglífico. (...) El mundo no se presenta como realidad que hay que nombrar sino como palabra que debemos descifrar.¹

O experimentalismo efetuado por Carlos Fuentes coloca o leitor no compromisso de participar e decifrar uma ordenação na criação de uma forma narrativa dinâmica e mutável, onde “não há partícula do caos que não dependa de uma milimétrica organização”², ressalta Mario Benedetti. Essa intenção é declarada por Carlos Fuentes, em entrevista a Lee Baxandall, no mesmo ano da publicação do romance: “I have an idea of the public in Mexico, but I want this public to think more, to participate more: not just to receive what I give them, but to have them as a coparticipant, as a cocreator with me”³. Para Carlos Fuentes, a linguagem é tanto criação individual quanto obra coletiva que deve ser compartilhada e, nesse sentido, o escritor buscou “recoger los pedazos rotos de nuestro pasado fragmentado” para propor uma história integrada pelos indivíduos:

¿Cuánto lenguaje compartíamos en la América Latina? Yo sentí al escribir *La muerte de Artemio Cruz* que debía tener una idea clara de la tradición con el de añadir algo a la realidad mediante la imaginación. Yo era un escritor mexicano que empleaba la lengua castellana dentro de la cultura de América Latina. ¿Eran suficientes estos límites o me resultaban estrechos? Me di cuenta de que sólo podía contestar a esta pregunta si daba respuesta a otra: ¿cuál es el cruce de los caminos entre el destino individual y el destino histórico? ¿Qué ley sucede a los hombres y a las mujeres cuando sus vidas individuales se revelan como parte de una vida histórica, compartida? ¿Cómo afecta la historia al lenguaje? Pero también, ¿cómo el lenguaje a la historia?⁴

Em *La muerte de Artemio Cruz*, o tempo histórico é o da Revolução mexicana e do revolucionário que se corrompe, acumulando poder mediante os seus negócios e suas relações com a política. Mas essa história não possui um antes e um depois sucessivos, pois vários tempos coincidem e se conjugam dentro de um espaço que também é plural: “es que habrás caminado mucho, a caballo, a pie, en los viejos trenes y el país no termina nunca. ¿Recordarás

¹ PAZ, Octavio. La máscara y la transparencia. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo II, Vol. 6. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 170-171.

² BENEDETTI, Mario. Apud NAVARRO, Márcia Hoppe. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1988, p. 39.

³ FUENTES, Carlos. Apud LOVELUCK, Juan. Intención y forma en *La muerte de Artemio Cruz*. In: GARCÍA-GUTIÉRREZ, Georgina (Org.). *Carlos Fuentes desde la crítica*. México D.F.: Taurus, 1999, p. 117.

⁴ FUENTES, Carlos. Artemio Cruz. In: *Jornal La Nación*, Seção 7, Buenos Aires, 23 de janeiro de 1994, p. 1.

el país? Lo recordarás y no es uno; son mil países con uno solo nombre”⁵. “Lo que ocurre – explica Octavio Paz – es que llamamos con el mismo nombre (México) a varias y distintas entidades históricas”⁶ que estão imbricadas, manifestando a coexistência de contradições políticas, econômicas e religiosas que promovem tanto as rupturas quanto as continuidades no entrelaçamento das tradições pré-hispânicas com o pensamento ocidental.

As vozes que conduzem a narrativa de *La muerte de Artemio Cruz* caracterizam diferentes níveis, pois a personagem que dá título à obra é o narrador que se apresenta ora em primeira pessoa, usando o tempo no presente; ora em segunda, com o tempo no futuro; e ora em terceira pessoa, quando o passado é o tempo da narrativa. Além dessa estrutura tripla, onde as diferentes vozes do narrador se entrecruzam, os fatos são apresentados de forma desordenada, não linear. A respeito disso, Carlos Fuentes diz modestamente: “los temas eran tan aparentes, tan obvios, que casi podías seguir un calendario de los acontecimientos, y por eso tuve que mezclar las secuencias”⁷.

As vozes EU, TU e ELE do narrador Artemio Cruz possuem características distintas. O EU narrador tem um valor existencial e apresenta um estado agônico. Representa Artemio Cruz doente, convalescendo no leito de um hospital e à beira da morte. Ao contrário do que aponta Walter Benjamin no seu estudo “O narrador”, onde o pensador alemão diz que o homem, à hora de morrer, assume a autoridade de quem tem uma experiência reconstruída através da memória – musa da narração –, Artemio Cruz, no nível do EU, não relata suas experiências, não dá conselhos e não expõe a superioridade de sua sabedoria. É um indivíduo que não se comunica, que sofre sozinho aqui e agora, que agoniza no presente e se vê desmembrado aos pedaços em espelhos sem simetria: “Contraigo los músculos de la cara, abro el ojo derecho y lo veo reflejado en las incrustaciones de vidrio de una bolsa de mujer. Soy esto. Soy esto. Soy este viejo con las facciones partidas por los cuadros desiguales del vidrio”⁸. Está desorientado, carece de forças e não controla suas mínimas ações:

Orino sin saberlo. Quizá – he estado inconsciente, recuerdo con un sobresalto – durante horas comí sin saberlo. Porque apenas clareaba cuando alargué la mano y

⁵ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 399.

⁶ PAZ, Octavio. El espejo indiscreto. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 3. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 12.

⁷ FUENTES, Carlos. Apud VICKERS, Ben. Esperando a Laura Díaz. Entrevista con Carlos Fuentes. In: *Revista Quimera*, nº 175, Buenos Aires, dezembro de 1998.

⁸ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 14.

arrojé – también sin quererlo – el teléfono al piso y quedé boca abajo sobre el lecho, con mis brazos colgando: un hormiguero por las venas de la muñeca.⁹

O discurso no tempo presente expressa a sua consciência: *Yo despierto..., yo miro..., yo siento...* A personagem descreve pensamentos, sentimentos, sensações e sabe, no momento em que a morte se aproxima, que as experiências da vida de Artemio Cruz recordadas no presente já não são propriamente dele, o Artemio Cruz que está doente, mas de um outro Artemio Cruz

En un espejo colocado frente a la cama del enfermo. El otro. Artemio Cruz. Su gemelo. Artemio Cruz está enfermo. El otro. Artemio Cruz está enfermo: no vive: no, vive. Artemio Cruz vivió. Vivió durante algunos años... años no añoró: años no, no. Vivió durante algunos días. Su gemelo. Artemio Cruz. Su doble.¹⁰

Esses *algunos días* são apresentados pelo narrador no nível do ELE, que conecta a personagem aos fatos históricos e sociais do México, antes e depois da Revolução, inserindo Artemio Cruz no passado através do relato dos acontecimentos marcantes de sua vida. As datas dos fatos importantes vivenciados por Artemio Cruz, que determinaram suas escolhas, seus caminhos a seguir, são descritas por ações relacionadas a momentos concretos da história do México:

Él se envolvió en la manta azul, porque el viento helado de esas horas desmentía, con un rumor de rastrojo agitado, el calor vertical del día. Habían pasado toda la noche en campo abierto, sin comer. A menos de dos kilómetros se levantaban las coronas de basalto de la sierra, con la raíz hundida en el desierto duro. Desde tres días antes, el destacamento de exploración caminaba sin pedir rumbo ni señas, guiado sólo por el olfato del capitán, que creía conocer las mañas y las rutas de las columnas, ahora jironeadas y en fuga, de Francisco Villa.¹¹

Esse narrador é o Artemio Cruz histórico e protagonista: *Él escuchó..., él volvió..., él sonrió...* O narrador ELE de Artemio Cruz lutou e triunfou na sua Revolução mexicana, não na Revolução de Emiliano Zapata e Pancho Villa, não na Revolução camponesa e indígena, mas na Revolução de Venustiano Carranza, Álvaro Obregón e Plutarco Elías Calles, Revolução modernizadora, reformista e centralista. Realizou seus projetos pessoais, políticos e econômicos. Fez fortuna e conseguiu poder.

A vida de Artemio Cruz (passado-ELE) completa-se com a agonia da sua morte (presente-EU). Mas a cosmovisão indígena mexicana diz que a vida descende da morte. Na

⁹ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 13.

¹⁰ Idem, p. 18.

¹¹ Idem, p. 248.

origem do universo, os deuses sacrificaram-se para que se criasse o mundo. Assim, Artemio Cruz estende-se ainda em um terceiro narrador, TU, caracterizando a dualidade vida e morte. De uma maneira geral, o narrador na segunda pessoa não é comum nos romances, mas Carlos Fuentes, que emprega o mesmo recurso estilístico em *Aura*, obra publicada também em 1962, justifica:

Siempre me ha llamado mucho la atención que los lectores y los críticos se asombren de la utilización de la segunda persona del singular en las novelas. ¿Qué han hecho los poetas? Toda la vida han hablado de tú. Tú eres, tú sabes, tú, tú, tú. Tú es esencial a la creación poética, ¿por qué no puede serlo también para los novelistas?¹²

O TU de Artemio Cruz aproxima-se aos valores das civilizações pré-hispânicas, onde os tempos se imbricam, e o futuro funciona como recordação:

tú inventarás y medirás un tiempo que no existe, tú sabrás, discernirás, enjuiciarás, calcularás, imaginarás, prevendrás, acabarás por pensar lo que no tendrá otra realidad que la creada por tu cerebro, aprenderás a dominar tu violencia para dominar la de tus enemigos: aprenderás a frotar dos maderos hasta incendiarlos porque necesitarás arrojar una tea a la entrada de tu cueva y espantar a las bestias que no te distinguirán, que no diferenciarán tu carne de la carne de otras bestias y tendrás que construir mil templos, dictar mil leyes, escribir mil libros, adorar mil dioses, pintar mil cuadros, fabricar mil máquinas, dominar mil pueblos, romper mil átomos para volver a arrojar tu tea encendida a la entrada de la cueva,¹³

Projeta-se um *outro* interior que reivindica um futuro: *Tú serás..., tú podrás..., tú detestarás...* Desprende-se uma significação que não corresponde unicamente a Artemio Cruz. É muito mais! Corresponde ao indígena pré-hispânico entendido como presença ancestral que se prolonga no “futuro vivido” de um mítico tempo circular, na tradição mítica em que o particular adquire caráter coletivo e onde o passado se contempla no futuro, sem possibilidade alguma de modificação.

Em qualquer das vozes narrativas de Artemio Cruz, o duplo da personagem sempre se faz presente, seja no nível do EU: *ayer Artemio Cruz... que soy yo... y es otro...* ou do TU: *El gemelo reflejado se incorporará al otro, que eres tú*; ou do ELE: “*Viste el reflejo de mi rostro junto al tuyo.*” *Él debía creer en esa hermosa mentira.* Cada voz é uma máscara que busca dissimular um rosto que não existe sem ela. Em *O labirinto da solidão*, analisando o caráter

¹² FUENTES, Carlos. Apud CELLA, Susana. El talismán del espacio y el tiempo. *Jornal Clarín*. Suplemento Cultura y Nación. Buenos Aires, 15 de julho de 2001, p. 4.

¹³ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 302.

do mexicano que se fecha ao olhar alheio no sentido de se defender e que adota uma máscara para se expressar, Octavio Paz interpreta:

A mexicanidade é apenas outro exemplar, uma narração a mais, desta mutante e idêntica criatura plural e uma que é cada um, que somos todos, que não é nenhum. O homem/os homens: perpétua oscilação. A diversidade de caracteres, temperamentos, histórias, civilizações, faz do homem: os homens; e o plural se resolve, se dissolve, num singular: eu, tu, ele, desvanecidos, apenas pronunciados. Como os nomes, os pronomes são máscaras, atrás deles não há ninguém – salvo, talvez, um nós instantâneo que é o piscar de um isso igualmente fugaz. Mas, enquanto vivemos, não podemos escapar nem das máscaras nem dos nomes e pronomes: somos inseparáveis de nossas ficções – nossas feições.¹⁴

A identidade da mexicanidade de Artemio Cruz revela-se pelos seus diferentes ângulos, através dos quais Carlos Fuentes desmascara a sua personagem. À leitura do EU, do TU e do ELE de Artemio Cruz, as imagens do rico empresário, do mestiço e do revolucionário se mesclam e apresentam um ser heterogêneo destituído da certeza heróica e convertido em figura mosaica que transita por diferentes tempos, marcando sua presença histórica, como declara o autor:

Me interesa mucho que mis novelas presenten cruzamientos en donde se encuentran destinos personales e históricos. Para mí, ése es el choque que cuenta: el individuo y la historia, y qué les sucede cuando se juntan. Para poder brindar todas las facetas de este encuentro, debo comprender que Artemio Cruz – y la historia en la que vive, y que lo rodea, y que lo sobrevivirá – tiene un pasado, un presente y un futuro. Tal como le sucede a cualquier hombre que tiene viviendo dentro de sí a un “Yo”, “Tú” y “Él” o que le hablan desde fuera. Es muy importante el hecho de que Artemio Cruz podría haber sido fácilmente un villano, un personaje siniestro, un hombre que traicionó a la Revolución. No quiero que sea eso. Quiero mostrar todas sus cualidades, así como sus tremendos defectos. Es un hombre representativo del México moderno, del proceso del México moderno que, como en el ruedo, tiene todo un contraste de sol y sombra, ni del todo negro ni totalmente blanco. Creo mucho en las áreas grises y pensé que esta técnica literaria que utilicé en Artemio Cruz, con tres tiempos y tres personas, brindaría una mayor riqueza y un retrato más diversificado del hombre y de su país que el de una simple sucesión lineal.¹⁵

Dessa forma, a narração em *La muerte de Artemio Cruz* apresenta as variadas posições da câmara de cinema aludida por Theodor Adorno: “ora o leitor é deixado de fora, ora guiado, através do comentário, até o palco, para trás dos bastidores, para a casa das máquinas”¹⁶. Cinéfilo, roteirista de filmes e apreciador da obra de cineastas como Luis Buñuel e Sergei Eisenstein, para citar dois que projetaram o México nas telas do cinema, Carlos Fuentes revelou em algum momento que *La muerte de Artemio Cruz* está inspirada parcialmente em

¹⁴ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 196.

¹⁵ FUENTES, Carlos. Universos de la novela. Entrevista concedida a Marie-Lise Gazarián Gautier em 1989. In: HERNÁNDEZ, Jorge (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. Antología de entrevistas. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999, p.153.

¹⁶ ADORNO, Theodor. *Posição do narrador no romance contemporâneo*. (mimeo).

Cidadão Kane, de Orson Welles, o que se percebe na composição cinematográfica da sua narrativa através de “cortes” e “focos” e variações de “planos” que se articulam em uma “montagem” espacial e temporal.

Esse tratamento da narrativa permite a Carlos Fuentes entrecruzar a concepção de tempo linear do pensamento ocidental com a percepção de tempo circular dos antigos mexicanos. A coexistência dessas temporalidades configuram as contradições manifestadas na sociedade mexicana representada em *La muerte de Artemio Cruz*, pois o México, ao mesmo tempo, aparece estruturado em um sistema econômico moderno e capitalista e, também, conserva na população rural tradições culturais pré-hispânicas. Enquanto o pensamento indígena concebe o tempo como sucessão constante de ciclos, cuja repetição deve proteger o mundo contra a ameaça do caos, a sociedade ocidental tem o entendimento do tempo como transformação histórica e social. A relação entre essas idéias conflitantes dá à obra de Carlos Fuentes uma significação própria na análise da história mexicana.

Os fatos históricos e as situações vividas por Artemio Cruz abarcam desde os anos anteriores à Revolução mexicana até os primeiros anos da segunda metade do século passado. São apresentados diferentes episódios em doze datas (e mais o dia da morte de Artemio Cruz) sem uma ordem cronológica dos acontecimentos. Essa desordem pode ser associada à arbitrariedade da consciência caótica de Artemio Cruz, paciente terminal que repassa a sua existência em um exercício de memória. Porém é significativo que o nascimento de Artemio Cruz (1889: 9 de abril) seja narrado no fragmento final, quando também dá-se a última intervenção do EU, que narra a sua morte, transcendendo a dualidade início e fim e incorporando uma zona sagrada de coexistência dos opostos não como tais, mas formando parte indivisível do mesmo: “Yo no sé... no sé... si él soy yo... si tú fue él... si yo soy los tres... Tú... te traigo dentro de mí y vas a morir conmigo... Dios... Él... lo traje adentro y va a morir conmigo... los tres... que hablaron... Yo... lo traeré adentro y morirá conmigo... sólo...”¹⁷. Também significativa é a seqüência dos episódios apresentados nas datas 1955: 31 de dezembro e 1903: 18 de janeiro. No primeiro episódio, Artemio Cruz oferece uma festa de virada de ano na sua imponente casa de Coyoacán à sociedade oligárquica pós-revolucionária¹⁸, o que marca o apogeu e o fim de uma época. Do alto do seu poder, bajulado

¹⁷ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 459.

¹⁸ Algumas personagens dessa sociedade são as mesmas que já tinham aparecido no romance de estréia de Carlos Fuentes, *La región más transparente*, de 1958.

pelos convidados e centro das atenções dos fotógrafos, Artemio Cruz, velho e cansado, imagina “la repetición, esa noche, de los actos que alguna vez pudieron revelarse como un encanto singular; hoy, reconocería el fastidio de los mismos rostros, las mismas frases que año con año daban el tono a la fiesta de San Silvestre”¹⁹. Enquanto observa os convidados dançarem ao som de “Los pobres de París”, Artemio Cruz adivinha, em silêncio, seus pensamentos e recorda

sus verdaderos nombres... quiebras fraudulentas... devaluaciones monetarias reveladas de antemano... especulación de precios... agio bancario... nuevos latifundios... reportajes a tanto la línea... contratos de obras públicas inflados... jilgueros en giras políticas... despilfarro de la fortuna paterna... coyotaje en las secretarías de Estado...²⁰

O episódio seguinte, datado 52 anos antes, mostra Artemio Cruz aos 13 anos de idade, quando vivia no casebre de Lunero, o único mulato que continuava na fazenda da família dos Menchaca. Foi com essa idade que Artemio Cruz partiu de Cocuya, deixando o lugar onde nascera bastardo. Filho do fazendeiro e da escrava Isabel Cruz ou Cruz Isabel, Artemio Cruz é fruto de uma mãe violada, de uma “chingada”, palavra essa que representa

blasón de la raza, salvavida de los límites resumen de la historia: santo y seña de México: tu palabra:

- Chingue a su madre
- Hijo de la chingada
- Aquí estamos los meros chingones
- Déjate de chingaderas
- Ahorita me lo chingo
- Ándale, chingaquedito
- No te dejes chingar
- Me chingué a esa vieja
- Chinga tú
- Chingue usted
- Chinga bien, sin ver a quién
- A chingar se ha dicho
- Le chingué mil pesos
- Chinguense aunque truenen
- Chingaderitas las mías
- Me chingó el jefe
- No me chingues el día
- Vamos todos a la chingada
- Se lo llevó la chingada
- Me chingo pero no me rajo
- Se chingaron al indio
- Nos chingaron los gachupines
- Me chingan los gringos
- Viva México, jijos de su rechingada.²¹

¹⁹ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 364.

²⁰ Idem, p. 379.

²¹ Idem, p. 209-210.

Palavra nada refinada e nunca discreta do cotidiano, da fala popular mexicana, o chingar não tem meio-tom. Carlos Fuentes a desdobra a partir da mexicanidade do seu sentido revelado por Octavio Paz: “Esa palabra es nuestro santo y seña. Por ella y en ella nos reconocemos entre extraños y a ella acudimos cada vez que aflora a nuestros labios la condición de nuestro ser”²².

O período entre 1903 e 1955 coincide com a medida de um *xiuhmollpilli* ou ciclo do sistema cronológico pré-hispânico, onde os mesmos dias voltavam a se repetir a cada 52 anos, marcando uma qualidade de fim e princípio simultâneos representados nos rituais de sacrifícios, com os quais a vida se renovava com a morte e um outro ciclo recomeçava. A trajetória de Artemio Cruz insere-se nessa configuração da tradição indígena. Em 1903, ao abandonar a fazenda onde vivia ignorado, Artemio Cruz toma iniciativa e parte para o caminho que o levará à luta revolucionária, inicialmente, e depois à posse de latifúndios, a cargos políticos, à propriedade de empresas e à especulação financeira. A celebração da noite de São Silvestre, em 1955, “esta fiesta del tiempo, este funeral, esta pira de la memoria, esta resurrección fermentada de todos los hechos”²³, marca o tempo de um período histórico mexicano construído por uma casta social que fez uma revolução contra a aristocracia, mas que deixava um legado de poder sem grandeza:

les legará sus líderes ladrones, sus sindicatos sometidos, sus nuevos latifundios, sus inversiones americanas, sus obreros encarcelados, sus acaparadores y su gran prensa, sus braceros, sus granaderos y agentes secretos, sus depósitos en el extranjero, sus agiotistas engominados, sus diputados serviles, sus ministros lambiscones, sus fraccionamientos elegantes, sus aniversarios y sus conmemoraciones, sus pulgas y sus tortillas agusanadas, sus indios iletrados, sus trabajadores cesantes, sus montes rapados, sus hombres gordos armados de *aqualung* y acciones, sus hombres flacos armados de uñas: tengan su México: tengan tu herencia.²⁴

Também outros períodos da história mexicana são enfocados, na narrativa de Carlos Fuentes, através da perspectiva cíclica do tempo. A substituição das oligarquias que dominaram o México em diferentes épocas estão situadas, em *La muerte de Artemio Cruz*, por períodos que também indicam fim e início de ciclos. No entanto, diferente da manutenção de um tempo, constituem histórias e transformações sociais. Quando Artemio Cruz apresenta-se a Gamaliel Bernal em Puebla, em 1919, está marcando o fim da oligarquia liberal, que é

²² PAZ, Octavio. Los hijos de la Malinche. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 1. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 64-65.

²³ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 377.

²⁴ Idem, p. 404.

suplantada pela nova elite beneficiada pela Revolução. Essa oligarquia liberal, por sua vez, havia se consolidado com o fim do governo do imperador Maximiliano, fusilado pelos liberais 52 anos antes, em 1867. Com a classe liberal no governo, Gamaliel Bernal, comprando terras que tinham pertencido à Igreja, mas que foram confiscadas pela Reforma, pôde passar de um simples comerciante a um poderoso ruralista: “todo lo que tiene se lo robó a los curas, allá cuando Juárez puso a remate los bienes del clero y cualquiera comerciante con tantito ahorrado pudo hacerse de un terrenal inmenso...”²⁵. A oligarquia liberal substituiu a oligarquia conservadora que mantinha o general Santa Anna na presidência do México, sustentado por militares, latifundiários e pela Igreja. Em *La muerte de Artemio Cruz*, a família Menchaca, proprietária da fazenda de Cocuya, usufruía dos benefícios do seu apoio ao ditador: “Y Atanasio, el hijo de los ojos verdes, vestido de blanco sobre el caballo blanco, regalo también de Santa Anna”²⁶. Os Menchaca resistiram às investidas dos liberais até 1889, ano da morte de Atanasio Menchaca, pai de Artemio Cruz, marcando o fim do ciclo no qual tiveram a posse de

miles de hectáreas obsequiadas por el tirano gallero y rengo; apropiadas sin pedir permiso a los campesinos indígenas que debieron permanecer como peones o retirarse al pie de la montaña; cultivadas por el nuevo trabajo negro, barato, de las islas del Caribe; acrecentadas con el cobro de las hipotecas impuestas a todos los pequeños propietarios de la región.²⁷

As sucessões dos ciclos oligárquicos narrados em *La muerte de Artemio Cruz*, no entanto, não representam um eterno retorno tal como nas tradições pré-hispânicas, pois, em lugar de estabelecerem a conservação de um tempo de origem, demarcam transformações sociais. A oligarquia conservadora, que governou o México na primeira metade do século XIX, adotava um sistema herdado da colônia, garantindo às elites a manutenção de uma estrutura sócio-econômica já existente. Mas quando a burguesia liberal chegou ao poder, orientou-se economicamente pelo modelo industrial vigente nos Estados Unidos. As expropriações de terras da Igreja e das comunidades indígenas permitiu que se formassem grandes propriedades agrárias voltadas para a industrialização da sua produção. Com o progresso baseado na modernização, ao mesmo tempo em que latifundiários, empresários e políticos prosperavam, pequenos agricultores e operários empobreciam, e a maior parte da

²⁵ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 63.

²⁶ Idem, p. 426.

²⁷ Idem, p. 425.

população vivia na miséria. Essas contradições econômicas e sociais levaram o país à Revolução de 1910, quando uma nova classe dirigente assumiu o poder no México:

Artemio Cruz. Así se llamaba, entonces, el nuevo mundo surgido de la guerra civil; así se llamaban quienes llegaban a sustituirlo; (...) desventurado país que a cada generación tiene que destruir a los antiguos poseedores y sustituirlos por nuevos amos, tan rapaces y ambiciosos como los anteriores.²⁸

A reflexão que faz a personagem do liberal Gamaliel Bernal parece já intuir a degradação dos princípios revolucionários. Princípios que reivindica Carlos Fuentes ao publicar *La muerte de Artemio Cruz* 52 anos depois do levante revolucionário mexicano, indicando, ao final do romance, local e data de sua escritura: “La Habana, mayo de 1960. México, diciembre de 1961”²⁹. Sob os ideais socialistas da Revolução cubana, Carlos Fuentes faz a crítica da Revolução mexicana institucionalizada para assinalar que os compromissos revolucionários ficaram por se realizar.

²⁸ FUENTES, Carlos. *La muerte de Artemio Cruz*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(b), p. 73-74.

²⁹ Idem, p. 460.

6 NAS TRAVESSIAS DA FRONTEIRA

*pobre México,
pobre Estados Unidos,
tan lejos de Dios,
tan cerca el uno del otro*
Carlos Fuentes, *La frontera de cristal*

*Para sobrevivir en la frontera
debes vivir sin fronteras
ser un cruce de caminos*
Gloria Anzaldúa, *La nueva mestiza*

A edição mexicana de *La frontera de cristal*, livro publicado em 1995, possui um subtítulo que dá a sua dimensão cubista: *nueve cuentos de una novela*. Nessa obra, Carlos Fuentes desenvolve o tema do convívio entre mexicanos e estadunidenses a partir de ângulos variados que delatam o racismo, a violência, o preconceito, o medo, o sofrimento e a luta pela sobrevivência. São narrativas independentes que se entrecruzam através de personagens que reaparecem de um conto a outro, estabelecendo um núcleo comum que os aproxima à estrutura das *narrativas-moldura* dos primórdios desse gênero. Entretanto, essas nove histórias de *La frontera de cristal* articulam uma narrativa exterior aos contos, mas que, ao mesmo tempo, é integrada por eles, formando uma história inacabada que revela sonhos e frustrações, desencantos e esperanças, sucessos e fracassos de homens e mulheres que habitam a fronteira do México com os Estados Unidos, conflituosa região de constantes abusos e discriminações. Entre os relatos, há as histórias da moça que se entrega como amante ao sogro, um rico empresário; do jovem mexicano homossexual, estudante nos Estados Unidos; do refinado *gourmet* que fala sobre culinária mexicana a universitários da Califórnia; do comunista abandonado pela família em uma cadeira de rodas; das trabalhadoras de uma fábrica multinacional; do motorista que acompanha turistas estrangeiros; da empregada de uma patroa racista e do rapaz que teve seus planos de futuro destruídos pelas crises econômicas e pela corrupção da política mexicana. No último conto, as histórias de várias

personagens se reúnem para formar não uma unidade, mas um conjunto inacabado que permite ao leitor recriar as possibilidades narrativas.

Estando a escritura de *La frontera de cristal* no limiar dos gêneros conto e romance e, ademais, narrando histórias situadas no espaço intervalar entre duas nações, e sendo a fronteira o lugar do movimento das travessias, dos limites apagados e das margens alargadas, o conceito de fronteira pode ser entendido, como assinala Tania F. Carvalhal, “como aquilo que determina as relações dos elementos com seu espaço e, dessa forma, é um espaço de divisa e de delimitação que demarca diferenças, afirma identidades e origina necessidades de representação”¹. A representação do território ao norte do México é, para os mexicanos, a imagem da alteridade, da diferença em quaisquer aspectos. Diz Octavio Paz:

El otro lado es geográfico: la frontera; cultural: otra civilización; lingüístico: otra lengua; histórico: otro tiempo (los Estados Unidos corren detrás del futuro mientras que nosotros todavía estamos atados a nuestro pasado); metafórico: son la imagen de todo lo que no somos.²

Em textos como “El espejo indiscreto” e “México y Estados Unidos: posiciones y contraposiciones”, onde Octavio Paz apresenta um estudo histórico da formação das duas nações, e também em seu discurso “La búsqueda del presente”, que proferiu na ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura, em 1990, o poeta e ensaísta mexicano coloca que as diferenças e divergências entre México e Estados Unidos estão no sentido de tempo atribuído por cada uma dessas nações:

Una sociedad se define esencialmente por su posición ante el tiempo. Por razón de su origen y de su historia intelectual y política, los Estados Unidos son una sociedad orientada hacia el futuro, enquanto que no México existe una pluralidad de pasados, todos ellos presentes y combatiendo en el alma de cada mexicano³.

A partir dessas constatações, Octavio Paz – ao contrário das políticas empreendidas pelos governantes mexicanos que, desde o século XIX, buscaram no exterior uma idéia de futuro e um modelo de desenvolvimento – propõe um caminho próprio em direção à modernidade: “Nuestro pasado no debe ser un obstáculo sino un punto de partida”⁴. Para o

¹ CARVALHAL, Tania F. Fronteiras da crítica e crítica de fronteiras. In: _____. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, p. 153-154.

² PAZ, Octavio. El espejo indiscreto. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomo I, Volume 3. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 11.

³ PAZ, Octavio. México y Estados Unidos: posiciones y contraposiciones. In: _____. *México en la obra de Octavio Paz*, Tomo I, Vol. 3. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989, p. 50-51.

⁴ Idem, p. 53.

pensador mexicano, a literatura, ao expressar a sociedade e, ao expressá-la, inventá-la e revelá-la, encontrou esse caminho. A produção de Carlos Fuentes comprova essa afirmativa.

Em *La frontera de cristal*, junto às narrativas que compõem o presente das relações estabelecidas entre aqueles que convivem no território que separa México e Estados Unidos, são resgatadas as histórias das ocupações ocorridas no passado nessa paisagem desértica:

ésta nunca fue la tierra donde el hombre nunca fue: desde hace treinta mil años los pueblos siguen el curso del río grande, río bravo, descenden desde el Norte, emigran hacia el Sur, buscan los nuevos territorios de la caza (...) tierras todas de la migración más vasta conocida por los hombres.⁵

No século XVI, os conquistadores que chegaram nesse território dizimaram a população indígena não só com suas armas de fogo, mas também com inúmeras enfermidades que trouxeram da Europa:

llegó el terror
llegó la muerte: cincuenta y cuatro millones de hombres y mujeres vivían en el vasto continente de las migraciones (...)
cincuenta años más tarde, sólo vivían cuatro millones en todo el continente y las tierras del río casi se volvieron lo que luego iban a decir que siempre había sido: la tierra donde el hombre nunca fue⁶

A ilusão do Eldorado e as lendas de cidades de ouro no continente americano despertaram o imaginário de muitos conquistadores. A expedição da qual fazia parte o espanhol Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, após tormentas e naufrágios, perdeu-se em busca de riquezas nas distâncias do deserto e, depois de oito anos percorrendo terras desconhecidas, dos 400 homens da expedição, somente quatro sobreviveram para contar não “lo que vivieron, sino lo que soñaron,(...) la vida les ha dado la opulenta riqueza de la mentira, pueden engañar a todo el mundo porque han sobrevivido: río grande, río bravo, frontera de mirajes desde entonces”⁷.

Juan de Oñate, acreditando na existência do ouro anunciado por Cabeza de Vaca, deixou sua vida estável na Cidade do México e partiu para o norte, onde realizou uma matança de índios, declarou todo o território sob domínio espanhol e fundou a cidade de El

⁵ FUENTES, Carlos. Río Grande, río Bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a). p. 293-294.

⁶ Idem, p. 300-301.

⁷ Idem, p. 308-309.

Paso. No entanto, “Oñate no viene a encontrar el oro, sino a inventarlo, a crear la riqueza, a descubrir lo que falta por descubrir del nuevo mundo, las minas que faltan, los imperios que faltan, el pasaje a Asia, los puertos en ambos océanos”⁸. Depois chegaram as missões de franciscanos e, logo, “llegan los primeros gringos, los territorios se perdieron aun antes de ganarse”⁹. Em uma guerra que tomou do México metade do seu território, os *gringos* invadiram e ocuparam Texas, Colorado, Novo México, Arizona e Califórnia para encontrar o Pacífico e criar uma nação continental.

Todo esse passado evidencia que a paisagem desértica entre México e Estados Unidos sempre foi um lugar de trânsito, espaço poroso da passagem de diferentes povos que imaginaram e buscaram a realização de sonhos. Foi, também, território de muita violência e, até hoje, é um lugar de conflito que tem provocado a morte de centenas de latino-americanos a cada ano. Quanto maior a diferença social e econômica dos Estados Unidos com o México e todos os povos empobrecidos, mais cresce a presença hispana, sobretudo no Texas e na Califórnia, onde calcula-se que em poucos anos a maioria da população será falante da língua espanhola. Os *espaldas mojadas*, trabalhadores que conseguem cruzar clandestinamente o rio que separa Ciudad Juárez, no México, e El Paso, nos Estados Unidos – chamado Rio Grande, no Texas, e Rio Bravo, no estado de Chihuahua – e também os que atravessam de forma legal, ou mesmo os descendentes daqueles que vem atravessando a fronteira na trilha de Juan de Oñate há 400 anos, encontram, na maioria das vezes, o desprezo e o preconceito. No entanto, para muitos, esse ainda é o caminho para buscar trabalho e sustento para suas famílias. A seguir, serão destacadas as trajetórias de algumas personagens que compõem *La frontera de cristal* e que merecem atenção na análise aqui proposta.

O comércio exterior, o Tratado de Livre Comércio e os negócios entre México e Estados Unidos desencadeiam a abordagem das relações apresentadas em “La frontera de cristal”. Na história desse conto que dá nome ao livro, trabalhadores mexicanos são contratados por fim de semana pelo empresário Leonardo Barroso para realizarem a limpeza de arranha-céus em Nova York. Sem consideração às necessidades de cada um e sem preocupação solidária, esses trabalhadores são classificados como “serviços” e tratados como

⁸ FUENTES, Carlos. Río Grande, río Bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a). p. 313.

⁹ Idem, p. 319.

um produto de exportação que deve reduzir os custos de mão-de-obra e gerar lucratividade nos negócios:

el dinámico promotor y hombre de negocios explicó que la principal exportación de México no eran productos agrícolas o industriales, ni maquilas, ni siquiera capital para pagar la deuda externa (la deuda eterna), sino trabajo. Exportábamos trabajo más que cemento o jitomates.¹⁰

Entre os que se vêem obrigados a cruzar a fronteira está Lisandro Chávez, um jovem que tinha um futuro promissor nos negócios da família nos tempos do sonho econômico mexicano. Porém as crises financeiras e a quebra do país patrocinada pelos políticos corruptos, “primero por la inflación del 85 y luego por la devaluación del 95 y siempre por las deudas acumuladas, impagables”¹¹, puseram fim às suas ambições e lhe jogaram em uma realidade de sacrifícios, onde procurava trabalhar no que menos lhe humilhasse. Não queria chegar ao ponto em que estavam aqueles que se colocavam

frente a la Catedral con las herramientas en la mano y el anuncio de nuestra profesión en un cartelito plomero carpintero mecánico electricista albañil, todavía no caemos tan bajo como los hijos de nuestros antiguos criados, que han tenido que irse a las calles, interrumpir la escuela, vestirse de payasos y pintarse la cara de blanco y tirar pelotitas al aire en el cruce de Insurgentes y Reforma.¹²

Agora estava em Nova York, em cima de um andaime, limpando o lado externo das paredes de vidro de um edifício de 40 andares e se perguntando o que fazia ali, o que havia acontecido. Lembrava as palavras do pai: “Siempre hemos sido gente decente. Todo lo hicimos correctamente. No violamos ninguna regla. ¿Por eso nos fue tan mal? ¿Por ser gente decente?”¹³

Ocupado com seu material de limpeza, no início Lisandro não repara, mas depois percebe que há uma mulher dentro do escritório do qual ele lava os vidros. Audrey tinha rompido definitivamente com o marido no dia anterior, que passou a noite toda tentando chamá-la pelo telefone. Para fugir da pressão, foi trabalhar no sábado pela manhã, não lembrando que naquele dia iriam limpar os vidros do edifício. Ao se darem conta da presença um do outro, trocam cumprimentos discretos e cordiais e tentam ficar indiferentes, mas logo começam a corresponder olhares. Audrey vê no homem do lado de fora uma cortesia que ela

¹⁰ FUENTES, Carlos. La frontera de cristal. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 222.

¹¹ Idem, p. 227.

¹² Idem, p. 227.

¹³ Idem, p. 235.

não estava acostumada a encontrar: “Era todo lo contrario de su marido. Era – volvió a sonreír – un espejismo”¹⁴. Em uma comunicação sem palavras, recordavam suas vidas e tratavam de imaginar a do outro: “Puedo ponerle a ese hombre el nombre que más me guste. Y él: algunos tienen que imaginar a la amada como una desconocida; él iba a tener que imaginar a la desconocida como una amada”¹⁵. Reconheciam-se na imagem especular de suas diferenças que, ao contrário da rejeição, criava um espaço de diluição das barreiras, sem marcos e limites, um lugar de troca e mescla, território de referências comuns: solidão, ausência, cortesia, melancolia e ternura. Buscando uma aproximação, um preenchimento dos vazios da silenciosa comunicação, Audrey levantou-se da cadeira e com o batom escreveu seu nome no vidro, que para Lisandro apareceu ao revés:

yerdua. Parecía un nombre exótico, de diosa india.
 Él dudó en escribir el suyo, tan largo, tan poco usual en inglés. Ciegamente, sin reflexionar, estúpidamente quizás, acoplejadamente, no lo sabe hasta el día de hoy, escribió solamente su nacionalidad, nacixem.
 Ella hizo un gesto como pidiendo algo más (...).
 ¿Algo más?, pedía el gesto, pedía la voz silenciosa de Audrey.
 Él acercó los labios al cristal. Ella no dudó en hacer lo mismo. Los labios se unieron a través del vidrio. Los dos cerraron los ojos. Ella no los volvió a abrir durante varios minutos. Cuando recuperó la mirada, él ya no estaba allí.¹⁶

As relações entre Lisandro e Audrey não são de preconceito, racismo ou qualquer outra discriminação. Ao colocar o seu nome no vidro, Audrey quer expor-se, dizer quem ela é. Lisandro, porém, preferiu identificar-se pela sua nacionalidade porque se sente um estranho e não se reconhece naquele lugar, naquela condição subalterna. A impossibilidade do toque entre eles está determinada por uma separação imposta por condições econômicas que transcendem os seus desejos.

“Malintzin de las maquilas” enfoca a vida de mexicanas que trabalham em uma fábrica de televisores, com peças trazidas dos Estados Unidos e montados no México a um custo dez vezes mais barato. O título do conto remete à personagem da história da Conquista espanhola no século XVI. Malintzin era o seu nome indígena e, batizada na Igreja pelos espanhóis, Marina o seu nome cristão. Amante de Hernán Cortés, serviu de intérprete para o conquistador, pois dominava diferentes idiomas. Malinche, como ficou conhecida entre os astecas por estar ao lado dos espanhóis, compreendeu diferentes culturas, sendo uma ponte

¹⁴ FUENTES, Carlos. La frontera de cristal. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 246.

¹⁵ Idem, p. 249.

¹⁶ Idem, p. 249-250.

situada na fronteira entre dois mundos, assim como observa Hommi Bhabha, citando a Heidegger:

É nesse sentido que a fronteira se torna o lugar a partir do qual algo começa a se fazer presente em um movimento não dissimular ao da articulação ambulante, ambivalente (...) "Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto passagem que atravessa."¹⁷

O primeiro e último cenário de “Malintzin de las maquilas” é justamente uma ponte. Transitando entre Ciudad Juárez, no México, e El Paso, nos Estados Unidos, a personagem Marina, assim como a Malinche histórica, com que comparte o nome, trabalha para estrangeiros na montadora de Leonardo Barroso, empresário que detém o poder econômico na região. Esse é um lugar propício para as especulações imobiliária e industrial do senhor Barroso e seus sócios gringos. É também o lugar onde Marina e suas amigas companheiras da fábrica vão buscar emprego. Todas chegaram de outras *rancherías*, do deserto ou das montanhas:

Todas venían de otro lado. Por eso se entretenían contándose historias sorprendentes sobre sus orígenes, sobre las combinaciones familiares, las cosas que las diferenciaban, y a veces, también, se admiraban de que coincidiese en tanto, familias, pueblos, parentescos. Pero todas estaban divididas por dentro: ¿era mejor dejar atrás todo eso, borrar la memoria, resolverse a empezar una nueva vida en la frontera?¹⁸

Marina e suas amigas trazem uma memória que luta constantemente entre a revelação e o apagamento. Revela-se nas tranças dos cabelos, nas roupas coloridas, nas recordações do passado. Apaga-se nas dificuldades do dia a dia, na solidão e nas incertezas do futuro. Na fábrica, as solteiras sustentam suas famílias; as casadas, os maridos desempregados. Marina vive sozinha, mas tem um amante infiel com que se encontra uma vez por semana no outro lado da fronteira. Seu sonho era conhecer o mar, desejo herdado dos pais, que tampouco chegaram a vê-lo mas que lhe puseram um nome que inspirasse essa sorte. Deslocada do seu espaço, que imagina ser o litoral, Marina constrói a sua identidade na travessia de paisagens e de tempos. Nesse conto, Carlos Fuentes recompõe historicamente Malinche, situando-a no contexto mexicano atual não como estereótipo de traidora, como muitas vezes é descrita, mas

¹⁷ BHABHA, Hommi. Locais da cultura. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 24.

¹⁸ FUENTES, Carlos. Malintzin de las maquilas. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 163.

vivendo a pobreza do povo que sofre a exploração daqueles que verdadeiramente são os traidores ao realizarem suas negociatas e venderem o país ao capital estrangeiro. A identidade de Marina, da mulher mexicana, é a luta pela sobrevivência.

Entre as diversas personagens que aparecem no conto “Río Grande, río Bravo”, que relata as experiências de *braceros*, patrulheiros da fronteira, *coyotes* e outros aventureiros que protagonizam diferentes histórias às margens do rio que separa Ciudad Juárez e El Paso, estão duas personagens que estabelecem um contraponto. José Francisco é um poeta chicano (inspirado no escritor da vida real Aguilar Melantzon)¹⁹ que intriga as polícias de ambos os lados da fronteira pelo seu jeito não raro, mas distinto e, por isso, suspeito: moto Harley-Davidson, cabelos até os ombros, chapéu de vaqueiro, escapulários de prata e dentes perfeitos, fortes, branquíssimos. Dando voz a histórias que ouve desde criança, histórias de imigrantes e clandestinos, de pobreza mexicana e prosperidade ianque, histórias insepultas que se negam a morrer e que vagam soltas a espera de quem as conte, José Francisco não se prende, nos seus manuscritos, a um único idioma que indique uma identidade nacional. Sua escritura transita pelos idiomas dos dois lados da fronteira:

empezó a escribir en español las partes que le salían de su alma mexicana, en inglés las que se le imponían con un ritmo yanqui, primero mezcló, luego fue separando, algunas historias en inglés, otras en español, dependiendo de la historia, de los personajes, pero siempre unido todo, historia, personajes, por el impulso de José Francisco, su convicción:

- Yo no soy mexicano. Yo no soy gringo. Yo soy chicano. No soy gringo en USA y mexicano en México. Soy chicano en todas partes.²⁰

Alterando as demarcações geo-políticas das instituições do nacional, o jovem poeta rompe o cristal da fronteira para representar a diferença e a alteridade na mobilidade de que fala Homi Bhabha:

colonizados, pós-colonizados, migrantes, minorias – povos errantes que não serão contidos dentro do Heim da cultura nacional e seu discurso uníssono, mas que são eles mesmos os marcos de uma fronteira móvel, que aliena as fronteiras da nação moderna.²¹

¹⁹ Conforme Carlos Fuentes em entrevista a Ricardo Cayuela Gally, publicada em *La Jornada Semanal*, em 21 de abril de 1996. Disponível em www.uson.mx/medios_informativos/gaceta. Acessado em 23/04/2004.

²⁰ FUENTES, Carlos. Río Grande, río Bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 329.

²¹ BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 231.

Não compreendendo o sentido de desterritorialidade e de desrespeito aos limites das nações, os policiais confiscam os poemas de José Francisco, pois ele admite que seus textos são políticos e subversivos, “todo escrito es político (...) todo escrito es subversivo”²². Atiram seus manuscritos para o alto, mas estes saem “volando nomás del puente al cielo gringo, del puente al cielo mexicano, (...) hasta encontrar su destino, sus lectores”²³.

Em situação oposta a José Francisco, aparece a abuelita, uma senhora quase centenária que, levada pelos parentes para viver nos Estados Unidos, não se comunica, pois, passados os anos, esqueceu o espanhol e nunca aprendeu o inglês. Instalada na margem silenciosa da solidão, representa uma identidade esquecida, mas visível “bajo el palimpsesto de las arrugas infinitas que cruzan su cara como el mapa de un país para siempre perdido”²⁴. Sua expressão é de resistência, não da identidade mexicana dentro dos Estados Unidos, mas ao conceito iluminista de nação, construído pela homogeneização do nacional. Para a anciã, a língua foi substituída pelas lembranças e pelos sonhos, reservas de vida que esperam interlocução:

no puede comunicarse con nadie
(salvo con el tiempo, salvo con la noche, salvo con el olvido, salvo con los perros
ixcuintles y las guacamayas, salvo con las papayas que toca en el mercado y los
coyotes que la visitan cada amanecer, salvo con los sueños que no puede platicarle a
nadie, salvo con la inmensa reserva de lo no dicho hoy para que pueda decirse
mañana)²⁵

Ao contrário de Malinche, a índia que falava os idiomas dos maias e dos astecas e que aprendeu a língua dos conquistadores a ponto de ser sua intérprete, a abuelita guarda no silêncio e nos gestos a sua linguagem. Sobre esse silêncio e a dificuldade de comunicação, Homi Bhabha comenta:

O objeto da perda é escrito nos corpos de povo, à medida em que ele se repete no silêncio que fala a estrangeiridade da língua. (...) Sem a língua que liga o saber e o ato, sem a objetificação do processo social, [o migrante] vive a vida do duplo, do autômato. (...) O silencioso Outro do gesto e da fala malsucedida se torna o que Freud chama de aquele “a ovelha negra no rebanho”, o Estranho.²⁶

Em “Río Grande, río bravo”, as personagens que transitam pela fronteira, espaço do contato e da fusão e/ou rejeição entre diferentes culturas, estão marginalizadas, pois não

²² FUENTES, Carlos. Río Grande, río Bravo. In: _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a), p. 330.

²³ Idem, p. 330.

²⁴ Idem, p. 343.

²⁵ Idem, p. 344.

²⁶ BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 231-233.

representam a idéia de nação colocada na metáfora “muitos como um”. Ao contrário, assinalam a diferença cultural “que intervém para transformar o cenário da articulação, reorientando o conhecimento através da perspectiva significativa do “outro” que resiste à totalização”²⁷, desestruturando a idéia de território nacional delimitado. Maria Luiza Scher Pereira assinala que

se para a sociedade de mercado essas personagens urbanas são descartáveis, para a contra-narrativa da nação elas são os colaboradores da resistência cultural, da possibilidade da movimentação das fronteiras que demarcam outros espaços, sempre móveis, múltiplos, vivos.²⁸

Através de *La frontera de cristal*, Carlos Fuentes afirma a diferença para buscar o reconhecimento de identidades extraditadas, construídas fora de um território fixo, mas compreendidas nos “limiares de sentido que devem ser atravessados, rasurados e traduzidos no processo de produção cultural”²⁹.

²⁷ MIRANDA, Wander Melo. Nações literárias. In: *Revista Brasileira da Literatura Comparada*, nº 2, São Paulo: USP, 1994, p. 36.

²⁸ PEREIRA, Maria Luiza Scher. Fronteiras e margens atravessadas, relatos de viagem. In: LOBO, Luiza (Org.). *Fronteiras da literatura*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 102-103.

²⁹ MIRANDA, Wander Melo. Op. cit., p. 37.

CONCLUSÃO

La defensa del tiempo es defensa de la cultura y de la manera de vivirla en la historia. Esa defensa tiene un sitio. Se llama el presente, aquí y ahora.

Carlos Fuentes, *En esto creo*.

Na sua obra, Carlos Fuentes percorre mitos, tempos e espaços através de uma escritura que traduz uma cultura mestiça construída por diversas vertentes. Para isso, aproxima a realidade mexicana de hoje às origens pré-hispânicas tanto quanto ao passado mediterrâneo. Dessa maneira, no entrelaçamento da pluralidade dos mundos, descobre – porque imagina – os acontecimentos do passado, introduzindo significações às lacunas, fissuras e silêncios da história totalitária. As tradições indígenas que, no processo de conquista e colonização, foram apagadas e encobertas pela civilização européia reaparecem para recompor, a partir das percepções do presente, valores não entendidos por uns e esquecidos por outros. Foi nessa abordagem que se desenvolveu o capítulo “Sob o movimento do quinto sol” desta dissertação, onde foram descritas mitologias que compunham a cosmovisão asteca, civilização que sofreu o contato com a cultura européia do início do século XVI. Na ordenação de mundo das antigas civilizações mexicanas, um panteão de deuses regia todos os atos de homens e mulheres e também todas as manifestações da natureza. Calendários foram criados, pirâmides foram erguidas, cidades construídas, o milho foi plantado, sacrifícios foram realizados para celebrar o controle e a continuidade do tempo de luz e sombra da criação e origem do universo. Cada pintura de mural, cada escultura de Chac Mool ou de Quetzalcóatl e cada poema náhuatl era uma composição coletiva das narrativas dos mitos astecas. Mitos esses não compreendidos e mal interpretados pelas crônicas da conquista, que apagaram e deformaram os seus sentidos. Percebidos no seu caráter de imaginação e na diversidade de suas significações, os antigos rastros religiosos e símbolos sagrados são, na literatura de Carlos Fuentes, expressões artísticas de uma tradição que, reconfigurada, permanece.

Em “México: território reinventado”, foram apresentadas concepções do território mexicano em diferentes épocas. Para as civilizações indígenas, o México era o centro do mundo; Cristóvão Colombo pensou que o continente poderia ser *Las Indias*, mas depois imaginou ser o Paraíso Terrestre; para a Europa, era o Novo Mundo, e o México, sua Nova Espanha. Na definição dos limites de sua nação moderna e independente, o México teve metade do seu território invadido pelos Estados Unidos e, hoje, os mexicanos cruzam para o outro lado da fronteira e voltam a ocupar aquele lugar, configurando uma paisagem de trânsito e de pluralidade de raças e línguas. Essas diferenças culturais poderiam ser abrangentes e inclusivas, no entanto, determinam um espaço de exclusão e rejeição, onde há racismo e preconceito em relação aos mexicanos e outros latino-americanos desterritorializados. Procurando reafirmar os valores da alteridade e as noções do conhecimento estabelecidas pela diferença, a produção de Carlos Fuentes está situada em um entre-lugar que resgata a variedade das tradições culturais para ressaltar a pluralidade, estabelecendo assim, com a linguagem, uma simultaneidade de tempos dentro de um território heterogêneo.

Na contextualização de momentos históricos do México descritos no capítulo “O tempo frente ao espelho: reflexos de história e ficção”, evidenciaram-se períodos de rupturas e discontinuidades experimentadas na sociedade mexicana e assinalaram-se as representações desse passado. Nesse processo, o mundo pré-hispânico, no contato com a civilização européia, sofreu a desintegração de suas tradições, que ficaram encobertas pela imposição brutal dos dogmas religiosos e conceitos civilizatórios vindos da Europa. A Conquista espanhola destituiu o poder asteca, destruiu cidades, determinou o fim de crenças mitológicas e submeteu o povo indígena ao domínio dos governantes espanhóis. Durante todo o período colonial e também após a independência da coroa espanhola, não houve, no México, reconhecimento da herança cultural indígena. Os projetos da construção da nação mexicana, durante o século XIX, direcionaram-se a concepções trazidas do exterior, da Europa ou dos Estados Unidos, mantendo o desprezo às tradições que, embora descartadas, seguiam vivas nos costumes do povo marginalizado. O reconhecimento e a reintegração do passado pré-hispânico à cultura mexicana só foi possível com a luta revolucionária do começo do século XX, quando outra vez o mundo indígena alcançou o seu lugar protagonista na história. Na Revolução mexicana, houve segmentos que reivindicaram uma organização social mais justa e uma estrutura econômica que dividisse os latifúndios, implantando a reforma agrária e retomando formas antigas de exploração coletiva da terra. A descaracterização dos ideais

revolucionários na configuração dos grupos que se instalaram no governo perpetuou um único partido no poder. Manipulações políticas, repressões às manifestações populares e corrupções econômicas promoveram migrações significativas da população em direção ao outro lado da fronteira na busca por trabalho. Reunindo variadas e distantes épocas da história mexicana na sua obra, Carlos Fuentes reconstitui o passado em movimentos para diante e para trás, nos encobrimentos e nas revelações das tradições mexicanas, para compreender a história do México no presente, tempo em que

un repertorio de posibilidades que hemos olvidado o aplazado o expulsado de nuestros conceptos del tiempo progresista nos aguarda calladamente en el mundo indígena, reserva de todo lo que hemos olvidado y depreciado, la intensidad ritual, la sabiduría atávica, la imaginación mítica, la relación con la muerte, la manera de contar el tiempo – narración y suma – no sólo como calendario solar sino como calendario del destino (...) hasta integrar un verdadero mandala del tiempo más pleno, más abarcante, más orientado que nuestras simples concepciones lineales.¹

A análise do conto “Las dos orillas” apresentada em “Entre margens da história” ressaltou o deslocamento efetuado por Carlos Fuentes no discurso da Conquista. Partindo do relato de uma personagem que integrou a expedição de Hernán Cortés, os fatos são apresentados no enfoque da defesa do mundo indígena. Dessa forma, trava-se uma disputa pelo poder da palavra, onde o jogo de traições, invenções e mentiras nas traduções entre a língua maia, a língua náhuatl e a língua espanhola determinam os acontecimentos históricos. No entanto, diferentemente do registro das crônicas da Conquista, que assinalam uma hegemonia europeia e valorizam uma falsa homogeneidade cultural, é narrada também uma Contraconquista, evidenciando que, no contato entre os europeus e os indígenas, não aconteceu uma supremacia daqueles sobre estes, mas nasceu uma mestiçagem de raças, uma cultura híbrida que pode ser representada pelo título do livro em que está publicado o conto: *El naranjo*. Símbolo da heterogeneidade cultural, as sementes da laranjeira transitam por diferentes povos e encontram solo fértil tanto no Mediterrâneo quanto na América.

“Cruzando tempos de Artemio Cruz” mostrou significações dos diferentes tempos e das diferentes vozes da narrativa de *La muerte de Artemio Cruz*. Através de uma linguagem que reivindica a participação do leitor para a sua ordenação, Carlos Fuentes entrecruza passado, presente e futuro e faz, no imbricamento das perspectivas cíclica e lineal do tempo, a contestação dos rumos tomados pela política mexicana após a Revolução, onde as transformações históricas serviram para a manutenção das diferenças sociais.

¹ FUENTES, Carlos. *En esto creo*. Barcelona: Seix Barral, 2002, p. 272.

A desterritorialidade daqueles indivíduos que não se enquadram nas delimitações da nação moderna é o enfoque dos contos de *La frontera de cristal*. A análise apresentada no capítulo “Nas travessias da fronteira” destacou algumas personagens que cruzaram a fronteira do México com os Estados Unidos e que representam uma identidade fragilizada sujeita à rejeição e à marginalização. Afirmando a riqueza das diferenças e o valor da alteridade presente nesse território de trânsito, Carlos Fuentes realiza a crítica à situação preconceituosa e discriminatória em que se encontram os mexicanos que vivem na desértica paisagem que foi explorada por indígenas, conquistada por espanhóis, invadida pelos Estados Unidos e que hoje é atravessada por milhões de latino-americanos.

Ao tratar o tempo como objeto na sua produção literária, Carlos Fuentes retoma o passado do México para reintroduzi-lo no presente, determinando, desse modo, possibilidades históricas que não percorrem um único caminho direcionado ao futuro. Na busca de mundos perdidos e histórias desaparecidas, assume a responsabilidade de recompor com a imaginação e a linguagem a presença dos fatos que constituem a memória mexicana e, assim, realizar a crítica do seu tempo que, por sua vez, implica “una crítica de la historia como orientación hacia el futuro, una crítica del progreso como ascenso lineal inevitable hacia la perfección y, finalmente, una crítica cultural de la hegemonía y la servidumbre internacionales en el siglo XXI”².

A história do México e da América Latina como um todo está constituída por muitos vazios que encobrem um mundo que foi esquecido e apagado. Para Carlos Fuentes, o mundo é uma criação da linguagem, e é ela que “vence la ausencia de nuestro pasado para crear la presencia de nuestra historia”³. Isso significa que cabe à literatura resgatar com a imaginação a memória dos tempos e dos lugares ainda não narrados, mas que formam o nosso presente. Esse tem sido o compromisso da produção literária de Carlos Fuentes.

² FUENTES, Carlos. *En esto creo*. Barcelona: Seix Barral, 2002, p. 271.

³ Cf. Carlos Fuentes no III Congreso de la Lengua Española realizado em Rosario, Argentina, em novembro de 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Nara. Desterritorialización, posdisciplinariedad y posliteratura. Disponível em www.abralic.ufrgs.br. Acessado em 20/06/2004.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BARTHES, Roland. L'effet du réel. In: _____. *Littérature et réalité*. Paris: Seuil, 1982.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas, vol. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Maria Luiza Cyrino Valle. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekin et al. Rio de Janeiro: José Olympo, 2000.
- CARVALHAL, Tania F. A nação em questão: uma leitura comparatista. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.). *Nações/Narrações: nossas histórias e estórias*. Porto Alegre: ABEA, 1997.
- _____. Interfaces e transições. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura comparada – interfaces e transições*. Campo Grande: UFMS, 2001.
- _____. Literatura comparada na América Latina: contribuição para novos paradigmas. In: LOSA, Margarida; SOUZA, Ismênia; VILAS-BOAS, Gonçalo (Orgs.). *Literatura comparada: os novos paradigmas*. Porto: Afrontamento, 1996.
- _____. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- CASTILLO, Bernal Díaz del. *Historia verdadera de la conquista de Nueva España*. Barcelona: Plaza y Janés, 1998.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

- DE GRÈVE, Claude. *Éléments de littérature comparée: thèmes et mythes*. Paris: Hachette, 1995.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. *Mito do eterno retorno*. Trad. Manuela Torres. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- _____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ELLIOT, John H. ¿Tienen las Américas una historia común? In: *Revista Letras libres*. México D.F., ano I, nº 6, junho de 1999.
- FLORESCANO, Enrique. *Memoria mexicana*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- FUENTES, Carlos. *Valiente mundo nuevo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- _____. *El espejo enterrado*. Madri: Taurus, 1997.
- _____. *La frontera de cristal*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(a).
- _____. *La muerte de Artemio Cruz*. Madri: Punto de lectura, 2001(b).
- _____. *El naranjo*. México D.F.: Punto de lectura, 2001(c).
- _____. *En esto creo*. Barcelona: Seix Barral, 2002.
- GARCÍA-GUTIÉRREZ, Georgina (Org.). *Carlos Fuentes desde la crítica*. México D.F.: Taurus, 2001.
- _____. La identidade mexicana y la obra de Fuentes. La historia, la cultura. In: FUENTES, Carlos. *La región más transparente*. Madri: Cátedra, 1999.
- GRUZINSKI, Serge. *La colonización de lo imaginario*. Trad. Jorge Ferreiro. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- _____. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HAMMETT, Brian. *Historia de México*. Trad. Carmen Martínez Gimeno. Madri: Cambridge, 2001.
- HERNÁNDEZ, Jorge (Org.). *Carlos Fuentes: territorios del tiempo*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1999.
- HOISEL, Evelina. A disseminação dos limiães nos discursos da contemporaneidade. In: CARVALHAL, Tania F. (Org.). *Culturas, contextos e discursos: limiães críticos no comparatismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- Jornal *Clarín*. Suplemento Cultura y Nación. Buenos Aires, 1 de março de 1990.
- Jornal *Clarín*. Suplemento Cultura y Nación. Buenos Aires, 4 de novembro de 2001.
- Jornal *La Nación*. Buenos Aires, 23 de janeiro de 1994.

- MACEDO, Hélder. As telas da memória. In: CARVALHAL, Tania F.; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). *Literatura e história: três vozes de expressão portuguesa*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- MARTÍNEZ, José Luis. *Hernán Cortés*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- MIGNOLO, Walter. La razón postcolonial. In: Revista *Gragoatá*, Rio de Janeiro, 2º semestre/1996.
- MIRANDA, Wander Melo. Nações literárias. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 2, São Paulo: USP, 1994.
- NAVARRO, Márcia Hoppe. *O romance na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 1988.
- O'GORMAN, Edmundo. *Invención de América*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- PAZ, Octavio. *México en la obra de Octavio Paz*. Tomos I, II, III, volumes 1 ao 8. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- _____. *La búsqueda del presente*. Paris: Gallimard, 1990.
- _____. *O labirinto da solidão*. Trad. Eliane Zagury. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. Fronteiras e margens atravessadas, relatos de viagem. In: LOBO, Luiza (Org.) *Fronteiras da literatura*, Vol. 2. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa*. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa*, Tomo III. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1997.
- SILVA, Fernanda de Souza. Memória e ideologia. In: ABRALIC. *Anais do Congresso Literatura e Memória cultural*. Belo Horizonte, 1990.
- SILVA, Maria Luiza Berwanger da. Suave convívio: Literatura Comparada e Psicanálise. In: MASINA, Lea; CARDONI, Vera (Orgs.). *Literatura e psicanálise: interdisciplinaridade, interdiscursividade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002.
- SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas na véspera da conquista espanhola*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- VALERY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón*. Los cuatro viajes. Testamento. Madri: Alianza, 2000.
- WILLIAMS, Raymond Leslie. *Los escritos de Carlos Fuentes*. Trad. Marco Antonio Rull. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1998.